



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Geografia
Programa de Pós-graduação em Geografia



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Giovana Monteiro Pavanelli

O conceito de Território em Jean Gottmann: construindo uma perspectiva de análise.

Uberlândia

2026

Giovana Monteiro Pavanelli

O conceito de Território em Jean Gottmann: construindo uma perspectiva de análise

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGEU – UFU, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre(a) em Geografia, sob orientação do(a) Prof.(a) Dr.(a) Rita de Cássia Martins de Souza

Área de concentração: **Dinâmicas Territoriais e Estudos Ambientais**

Linha de Pesquisa: **Educação geográfica e representações sociais**

Uberlândia

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P337c Pavanelli, Giovana Monteiro, 2000-
2026 O conceito de Território em Jean Gottmann [recurso eletrônico] :
construindo uma perspectiva de análise / Giovana Monteiro Pavanelli. -
2026.

Orientadora: Rita de Cássia Martins de Souza.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-graduação em Geografia.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2026.5047>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Geografia. I. Souza, Rita de Cássia Martins de, 1964-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em
Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

Nelson Marcos Ferreira
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3074

Giovana Monteiro Pavanelli

O conceito de Território em Jean Gottmann: construindo uma perspectiva de análise

Dissertação aprovada para obtenção do título de Mestre(a) no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada:

Uberlândia, 12 de fevereiro de 2026.

(Dra. Rita de Cássia Martins de Souza)
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

(Dra. Larissa Alves de Lira)
Universidade de São Paulo - USP

(Dr. Vinícius Modello Teixeira)
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	GEOGRAFIA				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico; Número 580, PPGGEO				
Data:	12 de fevereiro de 2016	Hora de início:	06h00min	Hora de encerramento:	11h30min
Matrícula do Discente:	12413GD0009				
Nome do Discente:	Giovana Monteiro Pavanelli				
Título do Trabalho:	O conceito de Território em Jean Gottmann: construindo uma perspectiva de análise				
Área de concentração:	Dinâmicas Territoriais e Estudos Ambientais				
Linha de pesquisa:	Educação Geográfica e Representações Sociais				
Projeto de Pesquisa de vinculação:					

Reuniu-se na Sala [On-line - www.conferenciaweb.mp.br], no Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em GEOGRAFIA, assim composta: Professores Doutores: Vinícius Modolo Teixeira - UNEMAT-MT; Larissa Alves de Lima - USP-SP e Rita de Cássia Martins de Souza - IGESC/UFU orientador(a) do(a) candidato(a). A Defesa aconteceu de forma remota.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Rita de Cássia Martins de Souza - IGESC/UFU, apresentou a Comissão Examinadora e o(a) candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do(a) Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimeada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a), destacada a excelência e distinção do trabalho e a recomendação para publicação.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

https://seil.ufu.br/controlador.php?acao=procedimento_trabalho&acao_origem=procedimento_caracterizacao_recomposicao&controlador... 1/2

12/02/2016, 11:57

IGESC/UFU - 7059696 - Ata de Defesa - Pós-Graduação

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavada a presente ata que após lida foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por Rita de Cássia Martins de Souza, Presidente, em 12/02/2016, às 14:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Larissa Alves de Lima, Usuário Externo, em 12/02/2016, às 14:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Vinícius Modolo Teixeira, Usuário Externo, em 12/02/2016, às 21:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site: http://www.seil.ufu.br/seil/controlador_documento.php?acao=documento_conferir&id_documento=7059696, informando o código verificador 7059696 e o código CRC: E7AAB4CC.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato sublime. É claro que, nesses dois anos de trabalho, muito aconteceu, portanto, tenho muito a agradecer. Os primeiros a receberem essa singela homenagem são meus pais Sônia e Adolfo Pavanelli Néto, por me criaram com retidão e garra, elementos essenciais para a concretização deste trabalho. Obrigada pela vida, pelo amor, pelos estudos e pelo trabalho que me fizeram chegar a esse momento. Agradeço também ao meu maior presente, Mariana, minha irmã. Sem o brilho nos olhos dela, tudo o que me proponho a fazer seria sem graça. À minha mais nova família, Caio e Nhoque, minha gratidão por estarem comigo em todos os momentos em que sustentar minhas decisões pareceu mais do que eu poderia carregar.

Estendo meus agradecimentos aos meus amigos, de perto ou de longe, em especial ao Matheus, companheiro de pesquisa, sempre a postos para acalmar, colaborar, arguir e celebrar. Ao Vinícius, que há dez anos não solta minha mão, assim como a Laura e Beatriz, que foram essenciais para tornar essa jornada mais leve e divertida. Às queridas Karla, Keila, Betânia e Odete agradeço pela humanidade, pela dedicação e por serem tão especiais para minha formação.

À minha orientadora, Professora Rita de Cássia Martins de Souza, obrigada pelos ensinamentos, dentro ou fora do campo da pesquisa. Estar sob sua tutela desde a iniciação científica me concedeu aprendizados que nunca esquecerei. À querida Professora Larissa Alves de Lira, por todo o comprometimento em todas as nossas conversas, desde os comentários no texto aos minutos no transporte em Xangai. Agradeço também aos meus colegas da Rede Brasilis, em nome do Professor Sérgio Nunes, por ampararem minhas decisões e celebrarem minhas conquistas. Aos professores Vinícius Modolo Teixeira e Glaucia Carvalho Gomes, minha grata recordação por toda o suporte na defesa do projeto e na qualificação.

E finalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho analisa as transformações no pensamento geográfico e na construção do conhecimento científico a partir da trajetória intelectual de Jean Gottmann (1915-1994). O estudo foca na elaboração do conceito de território realizada pelo autor em 1973, abordando a transição e o hibridismo de suas bases epistemológicas, situadas entre a Geografia regional lablacheana e a Geografia utilitarista dos Estados Unidos, no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, o objetivo é compreender a formulação do conceito de território em Gottmann ao investigar como sua trajetória pessoal e profissional, bem como os contextos geopolíticos, influenciaram sua visão de mundo. Para tanto, a pesquisa adota o levantamento e a sistematização de dados via Quadro Bibliográfico (Anselmo, 2000), fundamentando-se nos conceitos de Círculos de Afinidade (Berdoulay), Intelectual (Gramsci) e Visão de Mundo (Goldmann). O recorte temporal abrange produções das décadas de 1940 a 1970, com destaque para a análise da obra *The Significance of Territory* (1973). A análise revela, afinal, que o território para Gottmann é um conceito dinâmico, que se altera conforme as necessidades geopolíticas e o avanço tecnológico. A produção do autor tratou e refletiu as tensões entre a soberania estatal e a organização complexa das relações internacionais, visto que as interações entre os Estados perpassam a iconografia e a circulação. Por sua vez, o estudo evidencia como a atuação de Gottmann em instituições como a Fundação Rockefeller e em aparelhos de Estado, durante o *warfare*, pode ter colaborado para — juntamente com outros intelectuais — moldar uma narrativa científica alinhada à Nova Ordem Mundial. Conclui-se, portanto, que o pensamento de Gottmann oferece uma chave interpretativa essencial para entender a estabilidade política e a regulação do comportamento humano no espaço, no período analisado. Tendo em vista a análise da Geografia política contemporânea e das projeções territoriais para a "sociedade do amanhã", conforme Gottmann coloca em 1961, estudar sua obra mantém-se pertinente para a construção do conhecimento geográfico.

Palavras-chave: Jean Gottmann. Território. Geografia Política. História do Pensamento Geográfico. Epistemologia.

ABSTRACT

This research investigates the epistemological shifts within geographical thought and the concomitant construction of scientific knowledge through the intellectual trajectory of Jean Gottmann (1915–1994). Central to this study is the author's 1973 conceptualization of territory, analyzed through the lens of the hybridity and transition between French Lablachean regionalism and the utilitarian, pragmatic Geography developed in the United States during the post-World War II era. The objective is to decipher the formulation of Gottmann's territorial concept by scrutinizing how his idiosyncratic professional path and turbulent geopolitical contexts shaped his overarching worldview. Methodologically, the study employs the Bio-bibliographic Framework (Anselmo, 2000) for data systematization, underpinned by the theoretical constructs of Affinity Circles (Berdoulay), the Intellectual (Gramsci), and Worldview (Goldmann). The temporal scope spans the 1940s to the 1970s, with particular emphasis on the seminal work *The Significance of Territory* (1973). The analysis demonstrates that, for Gottmann, territory constitutes a dynamic and metamorphic construct, recalibrated by geopolitical imperatives and technological advancements. His intellectual output reflects the dialectical tensions between state sovereignty and the intricate lattice of international relations, where inter-state interactions are mediated by the dual forces of iconography and circulation. Furthermore, the study elucidates how Gottmann's engagement with the Rockefeller Foundation and State apparatuses during the warfare period contributed to the crystallization of a scientific narrative aligned with the New World Order. It is concluded that Gottmann's thought provides an indispensable interpretive framework for understanding political stability and the spatial regulation of human behavior. Given the exigencies of contemporary political Geography and the territorial projections for the "tomorrow's society," as envisioned in 1961, the study of Gottmann's oeuvre remains a vital endeavor for the advancement of geographical knowledge.

Keywords: Jean Gottmann. Territory. Political Geography. History of Geographical Thought. Epistemology.

Lista de Quadros

Quadro 1 – Enquadramento institucional de Jean Gottmann (1940- 1983)	-----28
Quadro 2 - Década de 1940	----- 31
Quadro 3 - Década de 1950	----- 32
Quadro 4 - Década de 1960	-----32
Quadro 5 - Década de 1970	-----32
Quadro 6 - Diferenças entre Segurança e Oportunidade com base em Platão e Aristóteles segundo Jean Gottmann	-----55

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados	-----33
Gráfico 2- Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados	-----35
Gráfico 3 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados	-----37
Gráfico 4 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados	-----38
Gráfico 5- Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados	-----41
Gráfico 6- Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados	-----43
Gráfico 7- Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados	-----44
Gráfico 8 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados	-----45
Gráfico 9- Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados	-----47
Gráfico 10 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados	-----50
Gráfico 11 - Percentual de Geógrafos citados e referenciados no capítulo I	-----53
Gráfico 12 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados (Capítulo II)	----- 56
Gráfico 13 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados (Capítulo III))	-----58
Gráfico 14- Percentual de Geógrafos citados e referenciados no capítulo III	-----58
Gráfico 15 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados (Capítulo IV)	----- 60
Gráfico 16- Percentual de Geógrafos citados e referenciados no capítulo IV	-----61
Gráfico 17 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados (Capítulo V)	----- 64
Gráfico 18- Percentual de Geógrafos citados e referenciados no capítulo V	-----64

Lista de Abreviaturas

BAGF: Bulletin de l'Association de Géographes Français

EUA: Estados Unidos da América

PE: Politique Étrangère

RE: Revue Économique

R&A: Research and Analysis

SGM: Scottish Geographical Magazine

TTP: Teoria da Transição de Poder

TSM: Teoria do Sistema-Mundo

WP: World Politics

Sumário

Introdução	12
Capítulo 1. O Círculo de afinidades de Jean Gottmann: a construção do conceito de território	15
1.1 Modernidade: a guerra, a segurança e o Estado	15
1.2 Jean Gottmann: Visão de mundo.....	17
Capítulo 2. Território em Gottmann: fluidez no processo de produção intelectual.....	30
2.1 Introdução.....	30
2.2 Estruturas Significativas	32
2.2.1 - Década de 1940	32
2.2.2 - Década de 1950	39
2.2.3 - Década de 1960	49
2.3 Território em Gottmann.....	51
2.3.1 - Base teórica (Capítulo I)	52
2.3.2 - Dimensão dos Estados Nacionais Modernos para a Soberania (Capítulo II)	54
2.3.3 - Competição, liberdade e igualdade? (Capítulo III)	57
2.3.4 - Avanço tecnológico e a ideia de Soberania (Capítulo IV)	59
2.3.5 - Perspectiva relacional do Território (Capítulo V).....	61
2.4 Construindo significados: uma análise comparativa de tendências.....	64
Capítulo 3. A “sociedade do amanhã” (Gottmann, 1961) e a Geografia do presente	70
3.1 A Geografia como “Big science” para a América do Norte e efervescência do contexto na produção de conhecimento geográfico	70
3.2 Projeções do significado de território para a “sociedade do amanhã”	78
Conclusões	86
Referências	88

Introdução

A temática sobre as mudanças no campo da Geografia, tanto na produção da materialidade quanto na construção do conhecimento científico, alinhada às proposições geopolíticas ao longo da história, é objeto de estudo constante daqueles dedicados à história do pensamento geográfico, tais como: Gomes (1998), Anselmo (2000), Moraes (2005) e Costa (2024), Santos (1978), Andrade (1987), Machado (1998), Bray (1994), Sousa Neto (2011). Nesse processo que se iniciou com a institucionalização da Geografia enquanto ciência e que se desdobrou com a especialização acadêmica, inúmeros pesquisadores já contribuíram com o arcabouço temático do campo científico.

A ciência geográfica é rica em variedade de objetos de estudo e se propõe a ser também objeto de construção, produção e reprodução de narrativas com os mais diversos embasamentos teórico-metodológicos ao longo da história. Os múltiplos alcances de tais narrativas dizem respeito a uma série de variáveis, e, na contemporaneidade, o desvendar de tais movimentos que viabilizaram o desdobramento da ciência ao ponto de alcançarmos os pontos de tensão históricos que permanecem no cerne da produção científica da área é preocupação ativa.

Jean Gottmann, autor em destaque neste trabalho, foi um geógrafo ucraniano naturalizado francês que desenvolveu pesquisas na área da Geografia, principalmente com bases epistemológicas na França e nos Estados Unidos da América (EUA). Sua formação francesa, no cerne da geografia regional lablachiana da primeira metade do século XX, mesclou-se com outras formas de interpretar a realidade, como aquela desenvolvida nos EUA a partir da Segunda Guerra Mundial. Sua trajetória é marcada por desafios migratórios, contextos geopolíticos conturbados e uma produção intelectual vasta que abrange aspectos regionais, políticos, econômicos e de planejamento urbano e territorial.

O espaço geográfico enquanto palco do processo político é trabalhado por Gottmann em diversas publicações. Para o autor, o espaço é a base de regulação do comportamento humano, ou seja, a partir das condições espaciais revelam-se reações correspondentes, e as alterações ao longo da história aumentaram a complexidade e o risco nas interações entre os lugares (Gottmann, 1986). Esse risco é associado à capacidade e necessidade de interagir em uma organização complexa entre os lugares, na qual as oportunidades estão correlacionadas às relações políticas entre os Estados pelos

quais circulou. “A organização do espaço permanece uma ferramenta essencial para controlar a liberdade. Essa relação, deve, portanto, ser reconhecida como fundamento essencial da geografia política e da política como um todo.”¹ [tradução livre] (Gottmann, 1986, p.118) e para ele, nesse texto, a maior preocupação do geógrafo e do político é manter a estabilidade política. A defesa de Gottmann perante a necessidade do conhecimento geográfico é, ao mesmo tempo, um paralelo com o avanço tecnológico que resultou em atividades humanas em escalas nunca antes imaginadas. A organização governamental está intimamente ligada à soberania, e como ela se expressa sobre o espaço.

Entre outros tópicos, essa discussão está presente no livro “The significance of Territory” (1973), objeto central da investigação desta pesquisa. Segundo a proposição do autor, o princípio da soberania e o conceito de território se metamorfoseiam ao longo do tempo, adaptando-se às necessidades geopolíticas e às condições materiais, principalmente com o desenvolvimento de tecnologia de guerra e os desdobramentos na materialidade na construção de relações entre Estados.

Através da perspectiva de interpretação aqui utilizada, foi construída uma análise para o conceito desenvolvido por Gottmann, utilizando-o como um exemplar, mesmo que dentro de uma trajetória excepcional, de uma corrente de pensamento que desponta a partir do final da 2ª Guerra Mundial. Para além do livro “The significance of Territory” (1973), as análises de itens produzidos por Gottmann se estendem desde a década de 1940 até a década de 1970, recorte temporal estabelecido a fim de acompanhar possíveis alterações de perspectiva no trabalho do autor. O referencial teórico-metodológico das análises baseia-se nos conceitos de *Círculos de Afinidade* (Berdoulay, 2017), *Intelectual* (Gramsci, 1982) e *Visão de Mundo* (Goldmann, 1979) e utiliza a proposição de Quadro bio-bibliográfico de Anselmo (2000) para levantar e sistematizar os dados pertencentes à vida e à obra de Gottmann.

Enquanto a França permanecia com seus fundamentos bem galgados e estabilizados, utilizando-se das monografias regionais para compreender o mundo, os Estados Unidos da América propuseram outras ferramentas analíticas para o campo.

¹ The organization of space remains an essential tool to control freedom. This relationship must, therefore, be recognized as an essential foundation of political geography and of politics altogether. (Gottmann, 1986. p. 118)

As mudanças na ciência geográfica nesse contexto foram viabilizadas por intelectuais à serviço de uma narrativa dominante, nas universidades estadunidenses, nos aparelhos de Estado durante o *warfare* e nas instituições privadas de financiamento à pesquisa, assim como a *Rockefeller Foundation*. Portanto, a formação social, o *status quo* do contexto histórico, as alterações na dinâmica global entre os centros de decisão e o surgimento de uma Nova Ordem Mundial atrelada a uma nova narrativa científica para a Geografia no Pós-Guerra revelam as consequências das aspirações e demandas governamentais e militares ao longo do conflito.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é compreender a importância do conceito de território formulado por Jean Gottmann na interseção entre a França e os Estados Unidos da América, observando 3 principais eixos: o percurso intelectual e institucional de Jean Gottmann e as influências sobre suas concepções geográficas, demonstrando a participação de autores franceses e norte-americanos; a influência da Geografia regional francesa e da *Big science* norte-americana sobre a proposição de Território de Gottmann; e as projeções do significado de território para a *sociedade do amanhã*² conforme propôs Gottmann (1961).

Buscar e compreender o sentido do conceito de território para Gottmann é possibilitar o aprofundamento dialético essencial à análise crítica. A obra do autor é pouco estudada e trabalhada por geógrafos brasileiros, e, devido à sua formação híbrida entre a Geografia Lablacheana e a Geografia Norte-Americana, torna-se importante investigar suas bases teórico-metodológicas e identificar sua visão de mundo em meio à história do pensamento geográfico.

Há uma estrutura muito interessante na vida de Gottmann, a Transumância Atlântica (Muscarà, 1988). Esse conceito se respalda nas idas e vindas entre a França e os Estados Unidos que, sem dúvidas, influenciaram seu modo de pensar a Geografia, tanto pelas bases epistemológicas, como pelas concepções teórico-metodológicas de cada contexto histórico no qual ele estava inserido em cada momento de sua carreira. Muscarà (1998) aborda essas questões, levando em consideração que a carreira está acompanhada de transformações biográficas importantes, visto que tanto sua migração para a França como sua migração para os EUA foram de maneira forçada.

² Esse termo se refere à elaboração de Gottmann acerca das características da sociedade no pós-guerra, tais como: a intensificação da urbanização, o adensamento das relações entre Estados e o aumento do nível de conhecimento acerca do mundo.

Dessa forma, cabe investigar como o conceito de território foi elaborado “em trânsito” por Jean Gottmann, em busca de observar de quais formas ele reflete as transições no poder global ao longo do contexto histórico.

Capítulo 1. O Círculo de afinidades de Jean Gottmann: a construção do conceito de território

1.1 Modernidade: a guerra, a segurança e o Estado

Em grande medida, a narrativa constituída pela modernidade perpassa a análise pretendida neste trabalho. A fim de compreender as alterações na significância do território proposto por Gottmann e investigar a ambiência científica que permitiu o despontar da tendência pragmática na Geografia no pós-Segunda Guerra Mundial, foi fundamental perceber o papel do complexo militar-industrial-acadêmico nesse processo. Sendo assim, foi feito um esforço de articular com teóricos que fizeram a aproximação entre a era moderna, o Estado, o território, o poder e a guerra.

O entendimento do que é realidade é permeado pela modernidade. Utiliza-se, portanto, o discurso desenvolvido por Anthony Giddens (1991) que descreve quatro dimensões institucionais da modernidade, sendo elas mais ou menos próximas das definições do mundo moderno identificadas pelos grandes autores da sociologia, tais como: Marx, Durkheim e Weber. Para ele, o capitalismo é a primeira dimensão da modernidade, em que o sistema de produção está focado nos bens e no lucro, na propriedade privada e na produção de mercadorias. Acompanhando o capitalismo, surge o industrialismo, que reflete a aplicação de tecnologia para transformar a natureza em bens e produtos de todas as ordens. Em terceira instância, toma-se a dimensão da vigilância (ou poder administrativo) como essencial à prática moderna, principalmente pela ascensão dos Estados Nacionais Modernos e sua correlação com o controle populacional. Em última instância está o poder militar. Este, por sua vez, legitima ao Estado o uso exclusivo da força.

O autor responsável por discutir o uso exclusivo da força foi Weber (2011), em que ele descreve o surgimento dos Estados nacionais modernos e o monopólio do Estado perante a violência.

Hoje, porém, temos de dizer que o Estado é uma comunidade humana que pretende, com êxito, o monopólio legítimo da força física dentro de um determinado território. Note-se que "território" é uma das características do Estado. Especificamente, no momento presente, o direito de usar a força física é atribuído a outras instituições ou pessoas apenas na medida em que o Estado

o permite. O Estado é considerado como a única fonte do "direito" de usar a violência. Daí "política", para nós, significar a participação no poder ou luta para influir na distribuição de poder, seja entre Estados ou entre grupos dentro de um Estado. (Weber, 2011. p.56)

A tríade: população, território e autoridade, determinada por Raffestin (1993) gera o poder dos aparelhos complexos do território e condizem com a soberania do Estado: "(...) a forma da lei ou da unidade global de uma dominação; (...)". (Raffestin, 1993. p.51) A população é definida como o móvel do poder, e para isso é necessário o controle do trabalho pelo Estado (fundamentado por métricas burguesas e hegemônicas). Para além do trabalho, como postula Raffestin, o controle da população é organizado perante a coerção, não apenas pela vigilância, mas também pela participação no exército organizado e centralizado nos Estados nacionais modernos.

O conhecimento científico organizado que foi disposto à Geografia como objeto de estudo se apresenta a partir do século XVIII como uma leitura racional da natureza. A concepção sobre a universalidade da razão (Gomes, 1995) que envolvia sistematização e difusão da totalidade de conhecimentos em todas as áreas do conhecimento faz parte de uma narrativa associada ao pensamento ocidental, concentrado na Europa a partir do estabelecimento da modernidade. Portanto, as relações entre Estados na modernidade são pautadas pela guerra, e a ascensão do Estado-nação como ator central nas relações internacionais é, conseqüentemente, um fenômeno moderno.

Os Estudos Estratégicos se debruçam sobre essa estrutura: como os Estados organizam suas forças, como a burocracia militar toma decisões e como a tecnologia é integrada a essa estrutura. O complexo militar-acadêmico-industrial provém dessas relações de poder estabelecidas para a manutenção da estrutura estatal e do sistema internacional. É por isso que, com o avanço da modernidade, a diversificação e complexidade das relações entre os agentes sociais levaram ao desenvolvimento de um campo do conhecimento dentro das Relações Internacionais para moldar o pensamento e a construção narrativa aplicada à estratégia militar. Para Buzan, o campo dos Estudos Estratégicos é pautado de forma que:

(...) os meios a serem moldados são militares; a arena do conflito é o sistema internacional; e os fins são os objetivos políticos de atores significativos o suficiente para serem considerados relevantes no contexto internacional. Como os Estados detêm a esmagadora maioria do poder militar, os Estudos Estratégicos se concentram principalmente no uso da força dentro e entre os Estados. ³ (Buzan, 1987, p. 3)

³ (...) the means to be shaped are military; the arena of conflict is the international system; and the ends are the political objectives of actors significant enough to be considered relevant within the international

Utiliza-se Giddens (1991) como base para traçar a interpretação sobre a modernidade no sentido histórico do desenvolvimento industrial, acadêmico e militar até a chegada da Segunda Guerra Mundial. A Guerra total desponta como catalisador de riscos fabricados pelas novas tecnologias. A capacidade de ataques com mísseis ou com armas nucleares, transforma o conceito de segurança global. Os Estudos Estratégicos não podem mais se limitar a pensar em guerras entre nações, devem considerar ameaças que transcendem fronteiras e podem aniquilar a civilização. E, se o campo das disputas está para além do território material, “(...) estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes.” (Giddens, 1991. p.13)

Em outras palavras, o padrão global de produção não é moldado apenas pelas forças de acumulação, mas é codeterminado por uma máquina de guerra mundial que movimenta a tecnologia. Enquanto a produção capitalista dá origem a um imperativo de acumulação, o sistema de Estados-Nação dá origem a um imperativo de sobrevivência nacional. (Becker, 1988. p.120)

Neste caso, defende-se o argumento de que Jean Gottmann faz parte de um grupo de intelectuais da classe dominante que está na formulação de uma nova narrativa que se despontou como alinhamento epistemológico para a Geografia no pós-Segunda Guerra Mundial.

1.2 Jean Gottmann: Visão de mundo

Os possíveis “caminhos” teórico-metodológicos para a elaboração científica próprios à Geografia fazem parte dos desafios encontrados para a afirmação do campo, que encontrou respaldo, no século XIX, na dinâmica positivista. A condição reflexiva para tal legitimação englobou um conjunto de indivíduos e os respectivos saberes que configuraram o agrupamento epistêmico característico da modernidade. Para a análise mediadora entre o conteúdo produzido e a concepção do raciocínio, estabelece-se o conceito de pensamento geográfico. Através da perspectiva de Moraes (2005), esse conceito unifica uma série de discursos, para além da Geografia, porém utilizando-a. (Moraes, 2005. p.31) Dessa forma, entende-se como pensamento geográfico

context. Since states hold the overwhelming majority of military power, Strategic Studies primarily focus on the use of force within and between states. (Buzan, 1987, p. 3)

(...) um conjunto de discursos a respeito do espaço que substantivam as concepções de uma dada sociedade, num momento determinado, possui acerca do seu meio (desde o local ao planetário) e das relações com ele estabelecidas. Trata-se de um acervo histórico e socialmente produzido, uma fatia da substância da formação cultural de um povo. (Moraes, 2005. p.32)

Para abarcar a amplitude da concepção do que é socialmente produzido, buscou-se compreender a sociedade para Gramsci (1982). O autor a divide em dois grandes planos superestruturais, a Sociedade Civil e a Sociedade Política. As concepções estabelecidas a partir dos discursos científicos, como observado acima, dependem da organização social para se desenvolverem. A Sociedade Civil indica o conjunto de instituições privadas onde se forma o consenso em torno da ideologia dominante, ou seja, a legitimação de uma determinada narrativa acerca de um fenômeno. A Sociedade Política, refere-se ao Estado em sentido restrito, ou seja, o governo, e as instituições de governança, incluindo o exército. Nela, o exercício direto do poder, com uso da coerção, é legitimado e atua quando o consenso não é suficiente. Como afirma Gramsci:

(...) se deve notar que na noção geral de Estado entram elementos que devem ser remetidos à noção de sociedade civil (no sentido, seria possível dizer, de que Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção). Numa doutrina do Estado que conceba este como tendencialmente capaz de esgotamento e de dissolução na sociedade regulada, o tema é fundamental. Pode-se imaginar o elemento Estado-coerção em processo de esgotamento à medida que se afirmam elementos cada vez mais conspícuos de sociedade regulada (ou Estado ético, ou sociedade civil). (Gramsci, 2007, v. 3, p. 244)

Para Gramsci (1982), a hegemonia acontece quando a classe dominante consegue controlar tanto a sociedade civil quanto a sociedade política, ou seja, ao passo que estabelece o consenso enquanto domina a capacidade de coerção. É evidente que, ao estabelecer essa dinâmica, existem tensões e antagonismos, gerados pela movimentação política da sociedade civil, que co-determinam a intensidade da proposição de narrativas para fixação hegemônica.

A identificação de um universo simbólico é fundamento para a construção das camadas posteriores no que tange ao repertório teórico-metodológico. Ele se refere às totalidades representadas pelas relações sociais e materiais formativas que estabelecem as características significativas do período analisado (décadas de 1940 a 1970). Cada ambientação distinta que está situada em um contexto histórico específico e essa particularidade analítica do pensamento geográfico, e mais precisamente do exercício dialético, permite que o estudo do todo e das partes seja feito para esclarecimento mútuo.

A vida do geógrafo Jean Gottmann exemplifica perfeitamente a interconexão entre o indivíduo e esse universo simbólico. Goldmann (1979) descreve o pensamento

como uma operação viva não linear e nunca finalizada, dado que é reflexo do conjunto geral de relações sociais e dos grupos aos quais fazem parte, e, dessa forma, “uma ideia, uma obra, só recebe sua significação quando é integrada ao conjunto de uma vida e de um comportamento” (Goldmann, 1979. p.8) Portanto, a significação se faz ao compreender o indivíduo inserido dentro de um contexto.

Nesse sentido, é interessante notar que, nascido no ano de 1915 em uma família judaica na cidade de Kharkov, Jean Gottmann foi impactado pelas mudanças geopolíticas desde os primeiros momentos de vida. Sua infância foi marcada pela ascensão da Revolução de Fevereiro. Entre as décadas de 1910 e 1920 a Ucrânia sofreu alguns de seus maiores traumas, e, como muitos outros países, travou diversas batalhas antes de ser totalmente absorvida pela União Soviética em 1922. Principalmente porque, desde a Revolução, o crescimento do nacionalismo ucraniano foi observado por parte da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Em primeiro plano, o impacto desse processo para a comunidade judaica foi positivo, associado à conquista de direitos nas decisões políticas. Porém, com a ascensão de Symon Petliura como Comandante Supremo do Exército Ucraniano em 1919, as ideias ultranacionalistas impuseram uma dinâmica de perseguição aos judeus.

Devido a conjuntura geopolítica seus pais foram mortos, o que ocasionou sua transição como refugiado com sua família adotiva, até chegar à França com apenas 6 anos. Em 1932 ele entrou na Sorbonne para estudar Geografia e História enquanto pesquisador assistente e, sob a orientação de Albert Demangeon, iniciou sua carreira acadêmica. Seu padrasto era um jornalista defensor da causa judaica, portanto, Gottmann cresceu circundado pelas discussões político-ideológicas acerca do tema. Quando ingressou no mestrado, interessou-se em pesquisar sobre os sistemas de irrigação na Palestina (Muscarà, 1998. p.6) e, com esse estudo, pôde associar seus interesses pessoais, científicos e a tradição da “Escola francesa de Geografia”, como coloca Muscarà (1998).

Um indivíduo produtor de um ideário significativo, como Gottmann, poderia ser classificado por Gramsci (1982) como Intelectual. Para o autor, de forma mais ampla, todos são intelectuais, mas existem aqueles que exercem essa função na construção das narrativas que permeiam a consciência coletiva. Esse movimento de elaboração mental acerca de determinada temática atinge todos os grupos sociais, mas ganha notoriedade e complexidade quando aliado com o grupo dominante, o que resulta no avanço de uma narrativa em detrimento de outras.

Ou seja, os intelectuais atuam como “comissários” de uma totalidade específica cuja função envolve a expressão dessa totalidade, classificada como uma narrativa própria, a partir da produção de conhecimento e, conseqüentemente, a geração de consenso. O intermédio entre a subjetividade e a materialidade se torna o foco da discussão pela possibilidade de construção acadêmica na relação entre o ideário e a expressão do real, uma vez que cada indivíduo está inserido em um conjunto articulado e contraditório de forças que ditam o funcionamento do modo de vida.

Dentro desta complexidade em que se dá a relação indivíduo, sociedade e espaço, o papel da intelectualidade, num dado momento histórico, é de fundamental importância, pois a ela se confere a sistematização da visão do mundo ou das visões do mundo inerentes àquela sociedade e, portanto, a justificação ideológica daquela determinada produção espacial. (Anselmo, 2000. p.7)

A contribuição da França à estruturação da geografia moderna tornou-se fundamental a partir de 1870. Paul Vidal de La Blache foi um dos principais responsáveis pelo surgimento desse movimento, a quem se deve a Geografia regional, como ênfase no estudo de áreas com características relativamente homogêneas (*pays*). Ao perceber a integração entre grupos humanos, os ambientes e a circulação, ele evidencia campo de ação dos geógrafos franceses, desenvolvendo uma tradição perpetuada por uma extensa rede de seguidores na Europa e na América.

De acordo com Claval (2014), o geógrafo mais representativo depois de Vidal de La Blache, da escola francesa, seria Albert Demangeon (1872- 1940). A característica integrativa de Demangeon o diferencia dos demais, uma vez que viajou para os Estados Unidos por ter se interessado pelas questões econômicas que forjaram o mundo moderno. Entre os trabalhos que sinalizaram o interesse econômico também estavam aqueles que se dedicaram à temática campesina, no nível nacional e internacional. O autor utilizou os conhecimentos provenientes de seu orientador, mas compreendeu limites em sua análise. (Claval, 2014. p.13)

O jovem Gottmann foi orientando de Albert Demangeon e, envolto nas tradições da escola francesa e sob a influência do olhar de seu orientador, buscou a Geografia Regional para estruturar seu pensamento no primeiro momento de sua carreira. O Geógrafo publicou seus primeiros trabalhos sobre a questão entre Israel e Palestina. Entre os diversos textos destaca-se sua dissertação de mestrado, que aborda a irrigação na Palestina. É evidente que seu contexto pessoal influenciou na escolha do tema, uma vez que seu padrasto era um jornalista dedicado à causa sionista, e que, até então, ele já havia sido colocado em situações desafiadoras relacionadas a sua fé e ao seu espaço na

sociedade. O esforço geracional para estabelecimento da *visão de mundo* da Geografia regional proposta a partir da Geografia francesa se iniciou pela figura de Vidal de La Blache e foi seguido por seus orientandos. Para o estudo em questão, Demangeon tornou-se peça fundamental a fim de compreender a corrente social da concepção de mundo da “Escola francesa” mais conectada com outras fontes de conhecimento geográfico.

Nas primeiras décadas do século XX o governo estadunidense promoveu viagens de campo para geógrafos (incluindo franceses) em território norte-americano, o que ampliou a troca entre os intelectuais. De acordo com Paul Claval, no texto “*The reception of American geography in France: Enthusiasm, indifference, and critical perspectives*”:

Durante a década de 1930, as ciências sociais francesas começaram, no entanto, a experimentar uma evolução em direção à *big science*, graças à ajuda das Fundações Científicas Americanas. A sociologia e a história foram os principais beneficiários desta cooperação internacional, mas a geografia não foi esquecida. Albert Demangeon lançou um programa de pesquisa sobre as paisagens rurais do oeste da França, financiado pela Fundação Ford. **Isso lhe deu a oportunidade de recrutar como assistente um jovem e brilhante estudioso, Jean Gottmann.**⁴ [Grifo nosso] [tradução livre] (Claval, 2004. p.6)

Ainda segundo Claval (2004), o interesse entre as duas “escolas geográficas” faz parte de um caminho histórico de afastamentos e aproximações ocasionados pelos contextos e baseados em relações pessoais entre os geógrafos. A configuração das *visões de mundo* entre os dois polos formadores é claramente diferente em virtude das variadas necessidades e vivências dos *intelectuais*, porém, há aqueles que fazem o esforço dialético de considerar diferentes perspectivas dentro de seus trabalhos, assim como Demangeon e Gottmann.

Sua aproximação com o pesquisador americano Isaiah Bowman é resultado da relação entre Demangeon e ambos. Ao apresentá-los, Demangeon propiciou a Gottmann uma nova perspectiva, mais conectada com a Geografia Norte-americana. O intercâmbio de conhecimento entre as duas escolas geográficas é ponto de destaque para a análise e a utilização do conceito de *pioneer fringe* de Bowman (Estadunidense) na obra de Gottmann (Francês) (Muscarà, 2005. p.28), além do financiamento por parte das *American Scientific Foundations*, é o que consolida a ponte entre os autores e abre espaço

⁴ During the 1930s, French social sciences began however to experience an evolution towards big science thanks to the help of the American Scientific Foundations. Sociology and history were the main beneficiaries of this international cooperation, but geography was not forgotten. Albert Demangeon launched a programme of research on the rural landscapes of Western France which was funded by the Ford Foundation. It gave him the opportunity to recruit as an assistant a young and bright scholar, Jean Gottmann. (Claval, 2004. p.6)

para a reaproximação do interesse científico entre ambos os campos de estudos geográficos.

Gottmann é direcionado, devido ao contexto histórico, a mudar radicalmente o caminho que havia percorrido na Universidade francesa:

Enquanto seus pais se mudaram para Nova York no verão de 1941, ele os reencontrou no final daquele ano, após uma longa travessia de navio pelo Atlântico, deixando para trás um continente europeu em guerra, sua carreira acadêmica francesa e as luzes do porto de Lisboa.⁵ [tradução livre] (Muscarà, 1998. p.6)

Foi nos Estados Unidos da América que Gottmann entendeu a amplitude da Geografia para além das monografias regionais, é por isso que, para o próximo item, a análise estará focada na perspectiva de trabalho dentro do território estadunidense, já que Gottmann inseriu-se na ambientação do *warfare* para construir sua credibilidade e notoriedade entre os norte-americanos.

Lucien Goldmann, no livro “Dialética e Cultura”, de 1979, esclarece o caráter do pensamento conduzido para uma direção comum, de modo a formar uma corrente social que direciona a nova concepção de mundo com base naquela conjuntura social (Goldmann, 1979). Para tal, a vida social se torna parte indissociável do pensamento, e, ao analisar os dois aspectos em conjunto, tem-se uma compreensão ampliada do indivíduo e seu próprio pensamento.

É necessário um grande número de esforços dirigidos no mesmo sentido e que às vezes se estendem através de várias gerações. Numa palavra, é necessário haver uma corrente social e o filósofo nada mais é que o primeiro homem a exprimir de modo mais ou menos consequente essa nova concepção do mundo em face dos problemas fundamentais que se apresentam aos homens dessa sociedade, o primeiro a constituir a nova visão de mundo em totalidade no plano do pensamento conceitual. (Goldmann, 1979. p.53)

O intermédio entre a subjetividade de Gottmann e a materialidade de seu tempo se manifesta na sua rede de contatos, o seu Círculo de Afinidade. Berdoulay, no livro “A Escola Francesa de Geografia: uma abordagem contextual” percebe as interações pessoais no contexto científico: “Torna-se, assim, possível, por intermédio da identificação dos círculos de afinidade, captar a conjunção da lógica interna da ciência com o contexto no qual o geógrafo se encontra e de esclarecer, de maneira nova, a interação entre o pensamento geográfico e a sociedade.” (Berdoulay, 2017. p,xxiii).

⁵“While his parents moved to New York in the summer of 1941, he rejoined them by the end of that year, after a long Atlantic sailing, leaving behind a European continent in a war, his French academic career and the lights of the Lisbon harbor.” (Muscarà, 1998. p.6)

Cada geógrafo pertence àquilo que se pode chamar de “círculo de afinidade”, que ultrapassa a comunidade científica imediata. Ele inclui não somente os especialistas de diversas disciplinas como os políticos ou os intelectuais cujas posições sobre as questões da sociedade de uma época são conhecidas. É somente assim que se pode esperar superar certas dificuldades apresentadas em determinado período estudado. (Berdoulay, 2017.XXII)

Os círculos de afinidades viabilizam o domínio dos contextos da ciência geográfica e seus enredos. Portanto, não há como estudar um geógrafo e suas proposições sem antes perceber os caminhos que o levaram à sua expressão narrativa, uma vez que: “A localização (histórica e geopolítica) de quem fala é essencial para bem qualificar a fala, pois na verdade se trata de interpretações altamente valorativas e parciais.” (Moraes, 2005. p.30).

Por volta da época de sua chegada, em dezembro de 1941, os Estados Unidos haviam acabado de entrar na guerra, e Gottmann, com a ajuda de alguns conhecidos na Fundação Rockefeller, obteve uma bolsa de estudos no Institute for Advanced Study (IAS), em Princeton. Naquele momento, o governo estava formando um grupo de especialistas oriundos das universidades para contribuir com o esforço de guerra, e Gottmann, então com 26 anos, foi levado a Washington, D.C., por seu reitor Earle, como “geógrafo francês especializado na região do Mediterrâneo”, para atuar como consultor do Gabinete de Guerra.⁶ [tradução livre] (Muscarà, 1998.p.6)

Para realizar a mudança de continente, Gottmann necessitava de um trabalho, e, por isso, recorreu a assistência a intelectuais nos Estados Unidos da América (EUA) e, como coloca Silva (2017) a *Rockefeller Foundation* mantinha o *Emergency Program for European Scholars*. A fundação obtinha cota de vistos para os estudiosos estrangeiros e esse programa permitia a transferência de cérebros para o enriquecimento da vida cultural e científica americana. (Silva, 2017. p.30)

O *Emergency Program for European Scholars* trabalhava com os seguintes tópicos para selecionar acadêmicos:

- Ser excelente em sua área;
- Estar em seus anos produtivos;
- Ter perdido a sua posição e estar, de modo geral, em alguma situação de perigo, seja por razões religiosas, raciais ou políticas;
- Manter a promessa de melhorar os estudos existentes nas universidades americanas e;
- Ter a garantia de um cargo docente por pelo menos dois anos – esta exigência de visto também beneficiou os interesses financeiros da

⁶ At about the time of his landing, in December 1941, the United States had just entered the war and Gottmann, with the help of some acquaintances at the Rockefeller foundation, got a fellowship at the Institute of Advanced Study (IAS) in Princeton. At that time the government was forming a brain trust from the universities to contribute to the war effort and Gottmann, aged 26, was brought by his dean Earle to Washington, D.C. as a “French geographer specialized in the Mediterranean region”, to consult for the War cabinet. (Muscarà, 1998.p.6)

Fundação, uma vez que bolsistas sem cargos de longo prazo necessitariam de recursos adicionais.⁷ [tradução livre] (Lacobelli, 2021)

Gottmann apresentava as características necessárias para se tornar parte do Programa. Excelente pesquisador em seus anos produtivos, em perigo devido à sua base judaica, estava disposto a contribuir para o avanço da Geografia Americana. O *círculo de afinidades* dentro da própria ciência também colabora para seu estabelecimento. Emmanuel De Martonne foi um geógrafo conhecido por trabalhar nos serviços de inteligência como conselheiro do governo francês durante a Primeira Guerra Mundial (Claval, 2004.)⁸ e faz parte dos contatos que viabilizaram a entrada de Gottmann para o programa da fundação.

A Segunda Guerra Mundial abalou em níveis multiescalares a economia, a ciência, a cultura e a consciência da sociedade que compreendeu a urgência do conflito e, para Gottmann, essas questões foram somadas à capacidade geográfica de observação, análise e síntese do espaço em sua volta. Goldmann evidencia que “A consciência coletiva só existe nas consciências individuais”. (Goldmann, 1979. p.20) e após a chegada de Gottmann em terras americanas, a consciência individual estava voltada para a perspectiva da Guerra, assim como as outras consciências individuais de pesquisadores, reunidos para avaliar os desdobramentos do conflito e interconectados por essa circularidade imaterial que conduz as relações sociais intelectuais. É na intersecção da realidade francesa e norte-americana que Gottmann desenvolve seu repertório sobre o mundo.

A partir de tal conexão, que demonstra a excepcionalidade na obra de Gottmann, o conceito de "transumância atlântica" é utilizado por Luca Muscarà para definir os movimentos ao longo de sua carreira. Trata-se de uma migração cíclica e sazonal entre as margens do Atlântico, envolvendo indivíduos e instituições, mas mantendo vínculos sólidos com sua terra de origem (no caso a França).

-
- ⁷Be outstanding in their field
 - Be in their productive years
 - Have lost their position and generally be considered to be in some danger, whether for religious, racial or political reasons
 - Hold the promise of improving existing scholarship in American universities
 - Have an assurance of a teaching position for at least two years – this visa requirement also benefited the Foundation’s financial interests, as scholars without long-term positions would require additional resources. (Lacobelli, 2021)

⁸ “French geographers had been active in the intelligence services during the war. The main geographical advisor to the French government was Emmanuel de Martonne. (Claval, 2004. p.5)

A práxis humana atinente aos intelectuais é delicada, pois implica na criação das narrativas que irão guiar a produção e a reprodução da espacialidade, da territorialidade e da nacionalidade. Para melhor dimensionar os universos simbólicos nos quais o geógrafo transitou, utiliza-se a divisão de Muscarà (1998) que demonstra as 4 áreas de interesse que se destacam na produção intelectual de Gottmann sobre geografia regional:

- a) Palestina/Israel, com aberturas para o Oriente Médio e o Mediterrâneo, agregados principalmente nas primeiras três décadas de atividade acadêmica;
- b) França: da geografia rural/agrícola para o comércio exterior, matérias primas, geografia colonial/política e urbana;
- c) Os Estados Unidos: geografia econômica, regional, cultural e urbana (desde a década de 40);
- d) Europa: geografia econômica, regional, cultural e urbana.⁹ (tradução livre)

O trabalho aqui realizado tem como enfoque os momentos em que Gottmann esteve na França e nos Estados Unidos, particularizando sua atuação política e acadêmica desde a Segunda Guerra Mundial até a formulação de seu conceito sobre território.

Essa transumância entre a França e os Estados Unidos explica também por que, em sua trajetória científica, Gottmann acabou por se dirigir a dois públicos distintos e, muitas vezes, não geográficos: por um lado, o público de especialistas em relações internacionais, alcançado por meio de seus escritos e ensinamentos em geografia política; por outro, a comunidade do urbanismo e da arquitetura, que tomou conhecimento de suas ideias com o sucesso de *Megalopolis* e com sua atuação posterior no movimento *Ekistics*, liderado por Doxiadis.¹⁰ [grifo nosso] [tradução livre](Muscarà, 1998. p.2)

A espacialidade e a territorialidade durante a Guerra são utilizadas a favor das formações militares para desvendar alternativas para o conflito e esse objetivo é atingido através das inteligências dos intelectuais. Gottmann, apoiado nas possibilidades da Geografia, desenvolve-se enquanto planejador para os estrategistas, segundo Raffestin

⁹ a) Palestine/Israel, with openings to the Middle East and the Mediterranean, mostly in the first three decades of activity;
 b) France: from rural and agricultural geography to foreign trade, raw materials, colonial /political and urban geography;
 c) the United States: economic, regional, cultural and urban geography (since the 1940s);
 d) Europe: economic, regional, cultural and urban geography. (Muscarà, 1998)

¹⁰This transhumance between France and the USA explains also why in his scientific career Gottmann ended up with two distinct and often non-geographic audiences: the public of international relations' specialists, he reached through his political geography writings and teaching and the urban planning/architecture community that became aware of his ideas with the success of *Megalopolis* and his following activity with Doxiadis Ekistics movement. (Muscarà, 1998. p.2)

(1993): “O "estrategista" não vê o terreno; mais ainda, só deve vê-lo conceitualizado, senão não agiria.” (Raffestin, 1993.p.25)

As condições sócio-históricas permitiram o surgimento desse movimento e se mesclam com as intencionalidades das instituições para a realização das pesquisas acadêmicas, Anselmo propõe que:

Os diversos discursos dos intelectuais preocupados em explicar a realidade nacional constituem-se em fontes ricas de dados e informações acerca da espacialidade, da territorialidade e da nacionalidade, que são os temas que nos interessam mais de perto. Estes estão essencialmente inscritos num universo simbólico e, no entanto, ligados diretamente à práxis humana. (Anselmo, 2000. p.9)

Gottmann viveu realidades distintas durante seu caminho pessoal/profissional e o intercâmbio realizado por ele entre a Europa e a América a partir de 1941 é a Transumância Atlântica. Para fins de análise bio-bibliográfica, a situação local proporciona interferências na produção acadêmica, visto que a vivência é alterada pelo contexto, e o campo subjetivo é influenciado pela materialidade e vice-versa. Assim, alteram-se os destaques nas formas de pensar e interpretar a realidade.

E isso não só porque o pensamento é apenas um aspecto parcial da vida social, aspecto que se não pode separar arbitrariamente do resto, como também porque, se é verdade que não se pode explicar por seus fundamentos sociais e econômicos um pensamento antes de conhecê-lo em sua totalidade e em sua estrutura própria, também é certo que a **pesquisa de seus fundamentos sociais e econômicos, por sua vez, permite melhor enxergar e compreender o próprio conteúdo do pensamento estudado, além de ajudar-nos a encontrar aí certo número de significados e detalhes que antes nos haviam escapado.**[Grifo nosso] (Goldmann, 1979. p.65)

A atuação política de Gottmann tem sua efervescência durante a Segunda Guerra mundial, devido ao seu posicionamento estratégico entre o pensamento Norte Americano e Europeu, mais precisamente francês, é um dos fundamentos sociais e culturais que possibilita a compreensão mais ampliada dos aspectos que configuram a Geografia traçada por ele. Assim, “(...) a grande lição a ser mantida por meio da vida de Gottmann entre 1941 e 1945, é basicamente a seguinte: sua permanência restrita e limitada¹¹ nos Estados Unidos permite-lhe se tornar um dos atores de modernização da geografia e um dos promotores da interdisciplinaridade.” (Silva, 2017.p.46)

¹¹ Nesse caso, a permanência limitada refere-se ao fato de Gottmann não poder voltar à França no período da Guerra.

A transumância atlântica vivida pelo geógrafo foi possibilitada por sua caracterização enquanto intelectual. O grupo dominante no contexto bélico era fortemente influenciado/comandado pelo Estado e pelas instituições militares, sendo que “Nos Estados Unidos, de menos tradição no setor, geógrafos proeminentes em vários campos dessa ciência envolveram-se com vigor em estudos dos mais variados tipos e qualidade, em sua grande maioria com o estímulo direto ou indireto do governo. (Costa, 2020. p. 141). Como afirma Barnes e ¹² (2006)¹³, com o aumento dos fundos de financiamento, tanto do governo quanto da iniciativa privada, grandes grupos de pesquisadores se formaram mais conectados com o estudo dos temas da segurança e do militarismo.

Entre esses pesquisadores, que denominamos de intelectuais, estava Gottmann, que, a partir do financiamento recebido da *Rockefeller Foundation*, realizou a aproximação com os temários voltados para a disponibilidade e utilização de recursos energéticos, relatórios sobre o norte da África, Síria e Líbano, além de ser expoente ao ofertar cursos em Princeton [tradução livre] “(...) incluindo um sobre a Geografia Regional do Mediterrâneo para oficiais que iriam, logo após, liberar a Europa do governo Nazista.” [tradução livre] (Muscarà, 2005.p.29)¹⁴

A rede de intelectuais que formavam seu círculo de afinidades nesse momento (1941), tais como: Albert Demangeon, Jules Sion, Isaiah Bowman e Emmanuel de Martonne, auxilia-o na afirmação de sua carreira enquanto geógrafo estrategista, atuante na produção de conhecimento acadêmico e militar durante a Guerra. O enquadramento funcional de Gottmann em instituições de nível superior como: Princeton, John Hopkins, Universidade da Virgínia e seu posicionamento no gabinete de Guerra dos Estados Unidos, também acompanham a lógica de entender suas relações e, portanto, a experiência material e subjetiva compartilhada entre pares acadêmicos e políticos, revela-se como primordial para a análise proposta.

¹³ “Government and, increasingly, private funding brought together large teams of varied researchers to work on specific problems most directly connected to national security and military interests.” (Barnes, T. J., & Farish, M. 2006.p.810)

¹⁴ (...) including one on the regional geography of the Mediterranean to the officers who would shortly liberate Europe from Nazi rule.(Muscarà, 2005.p.29)

Quadro 1 - Enquadramento institucional de Jean Gottmann (1940-1970)

Ano	Instituição	Cargo/Atividade
1937 - 1941	Sorbonne	Assistente de Pesquisa em Geografia Humana
1941	Princeton	Recebe bolsa de estudos no Institute for Advanced Study (IAS)
1942 - 1944	Governo dos EUA - (Board of Economic Warfare)	Consultor da Administração Econômica Estrangeira
1942 - 1965	Princeton - Institute for Advanced Study (IAS)	Pesquisador Associado (Associate Researcher)
1943 - 1948	Johns Hopkins University	Professor Associado (Non-tenured Professor)
1945	Ministério Nacional da Economia – França	Consultor (Assessor)
1946 - 1947	Nações Unidas (United Nations)	Diretor de Estudos e Pesquisas do Conselho Social
1947 - 1960	Universidade de Paris - Institut d'Études Politiques (Sciences Po)	Professor/Docente-Pesquisador
1948 - 1951	Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)	Pesquisador Responsável (Chargé de recherche)
1956 - 1961	Twentieth Century Fund, Inc.	Diretor de Pesquisa (Projeto Megalopolis)
1960 - 1984	Universidade de Paris - École Pratique des Hautes Études (EPHE) / EHESS	Diretor de Estudos (6ª Seção, que se tornou a EHESS)
1968 - 1983	Universidade de Oxford	Professor de Geografia (e Chefe da Escola de Geografia)

Fonte: E+laborado pelo autor

O acadêmico Jean Gottmann esteve no epicentro de acontecimentos geopolíticos mundiais e a Segunda Guerra Mundial se configura como o início do recorte temporal abordado neste trabalho (1940 – 1970). A chegada do pesquisador em terras norte-americanas, seu percurso intelectual e institucional e suas relações serão abordados constantemente, em busca de estabelecer relações, associações e, dessa forma, perceber influências na constituição de sua percepção de mundo.

O conceito de território advindo de uma vida em movimento foi denominado como “território em trânsito”. Esse conceito, que ainda será abordado posteriormente no

texto, revela a transitoriedade de Gottmann para além da “transumância atlântica”. É a assimilação do autor enquanto intelectual, inserido em um universo simbólico e participante na construção de uma significação do mundo, que perpassa a formulação de um conceito de território que prevê a utilização de referências francesas e norte-americanas, com aspectos concordantes e dissonantes em ambas as perspectivas. Gottmann, portanto, utiliza todo o arcabouço excepcional de histórias, vivências, contextos e redes para ajustar seu raciocínio em um “trânsito” de pensamentos entre a tradição francesa e a ousadia norte-americana.

Para auxiliar na compreensão dos conceitos foi elaborado o fluxograma (figura 1), que sintetiza os elementos teórico-metodológicos que estão sendo utilizados para construir a dissertação.

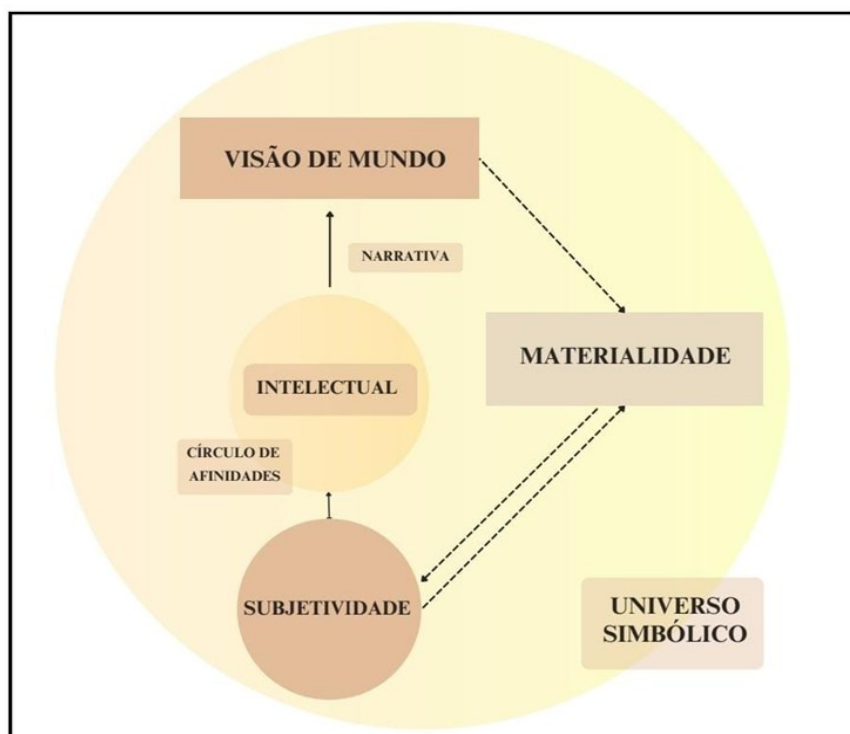


Figura 1 - Fluxograma conceitual da análise bio-bibliográfica sob a égide dos conceitos de Intelectual (Gramsci, 1982), Visão de Mundo (Goldmann, 1979), Círculo de Afinidades (Berdoulay, 2017) e Universo Simbólico.

Fonte: Elaborado pelo autor

Capítulo 2. Território em Gottmann: fluidez no processo de produção intelectual

2.1 Introdução

A formulação do território em Gottmann entendida a partir da perspectiva de um “território em trânsito”, como estamos denominando, significa aplicar todo o embasamento teórico-metodológico para interpretar e identificar as alterações que o levaram a formulação conceitual tal qual ele se imprime no livro *“The significance of Territory”*, de 1973. Definir esse “trânsito”, é mais do que compreender a “Transumância Atlântica”, como já estudado por Luca Muscarà. A proposição repousa na concepção de que a realidade é criada e co-determinada pelo trabalho de intelectuais, e que, incluídos na vivência de um contexto histórico e em um círculo de afinidades, formam redes de produção científica que só são possíveis devido às narrativas estabelecidas pelos círculos frequentados.

No caso de Jean Gottmann, o conceito de “território em trânsito” é envolto por uma tradição essencialmente vidaliana, como já discutido no primeiro capítulo, acrescida de novas abordagens desenvolvidas a partir da Segunda Guerra Mundial. E, através da análise dos textos selecionados das décadas de 1940, 1950 e 1960, além do livro, que foi publicado em 1973, é possível perceber permanências e rupturas, tanto em relação à própria formação vidaliana, quanto em relação ao contexto histórico e também associado às ideias, conceitos, teorias, métodos e visões de mundo, constituídas ao longo da história.

O “trânsito”, portanto, prevê a existência de redes de caráter imaterial, auxiliadas pelo círculo de afinidades e organizadas pelas Universidades e pelos órgãos governamentais frequentados por Gottmann. De acordo com Ferreira (2024):

As redes de colaboração científica são redes sociotécnicas, constituídas por uma formação social e classe social - a comunidade científica e os cientistas que a compõem - rede que foi historicamente aprimorada pelo desenvolvimento da técnica - processo que segue acontecendo até os dias atuais - modificando a natureza e a dinâmica das relações de seus atores e desenvolvendo maior fluidez dos fluxos de informação e conhecimento que são trocados; no sentido figurado as distâncias são encurtadas, os agentes do mundo todo são inseridos e sua dimensão espacial passa a ser transnacional, ou seja, ela torna-se também uma rede geográfica. (Ferreira, 2024. P.72)

Ao desenvolver os critérios para o início da análise de dados, foram utilizados os conceitos demonstrados na primeira seção deste trabalho e aglutinado o conceito de Estrutura Significativa, também presente no trabalho de Lucien Goldmann “Dialética e Cultura” (1979). Para o autor, além da análise teleológica é necessário compreender o

todo de significado em uma vida e, consequentemente, ampliar os horizontes para compreender as narrativas que se impõem na materialidade através das gerações de produção intelectual. Mesmo que de forma sutil, as estruturas significativas possuem uma lógica interna de significado que corroboram com determinada visão de mundo, esta que, por sua vez, geralmente está atrelada às classes dominantes. Tais estruturas são momentos de vida, publicações, vivências e relações que se destacam na construção do todo na análise bio-bibliográfica.

Dessa forma, ao vislumbrar toda a produção de Gottmann presente na bibliografia completa sistematizada por Luca Muscarà (1998) e através da ferramenta do quadro biobibliográfico foi possível selecionar obras que tratam da história intelectual geopolítica, utilizando o pensamento desenvolvido por Gottmann como caminho narrativo para interpretar e formular o conceito de “território em trânsito”.

Para isso, foram selecionados textos que se alinham ao contexto geopolítico e conforme a lógica das Estruturas Significativas, com início na década de 1940 (quando o autor pisa em solo norte-americano pela primeira vez) e término na década de 1970, com a publicação do livro.

Os quadros foram divididos por décadas, e estão agrupados respectivamente a partir de itens que abordam temas sobre a França e sobre os Estados Unidos da América.

Quadro 2 - Década de 1940

Ano	Leitura
1943	Bugeaud, Galliéni Lyautey: The Development of French Colonial Warfare. In: "Makers of Modern strategy: Military Thought from Machiavelli to Hitler", ed. by Edward M. Earle, Princeton, Princeton University Press, 1943: 234-59.
1946	French geography in wartime, GR, 36:80-91.

Ano	Leitura
1945	Les Etats-Unis et le Monde Méditerranéen, PE, (Paris), 10, (1): 19-32. [Reprinted in 1959b].
1945	La Géographie aux États-Unis pendant la guerre, BAGF, 171-2: 76-83

Fonte: Elaborado pelo autor com base na bibliografia completa de Jean Gottmann (Muscarà, 1998)

Quadro 3 - Década de 1950

Ano	Leitura
1952	"La politique des États et leur géographie" (Coll. Sciences Politiques), Librairie Armand Colin, Paris, 1952, xi + 228 p.
Ano	Leitura
1950	De l'organisation de l'espace : considérations de géographie et d'économie, RE (Paris) 1, (1) : 60-71. [Reprinted in 1966f].
1950	Geography and the United Nations, SGM, 66, (3-4): 129-34.
1951	Geography and international relations, WP, (New Haven), 3, (2): 153-73.
1952	The political partitioning of our world: an attempt at analysis, WP (Princeton) 4 (4): 512-9.

Fonte: Elaborado pelo autor com base na bibliografia completa de Jean Gottmann (Muscarà, 1998)

Quadro 4 - Década de 1960

Ano	Leitura
1963	La politique et le concret, PE, 28, (4-5): 273-302. [Reprinted in 1966f].

Fonte: Elaborado pelo autor com base na bibliografia completa de Jean Gottmann (Muscarà, 1998)

Quadro 5 - Década de 1970

Ano	Leitura
1973	"The significance of Territory", Charlottesville, the University Press of Virginia, x + 169 p.

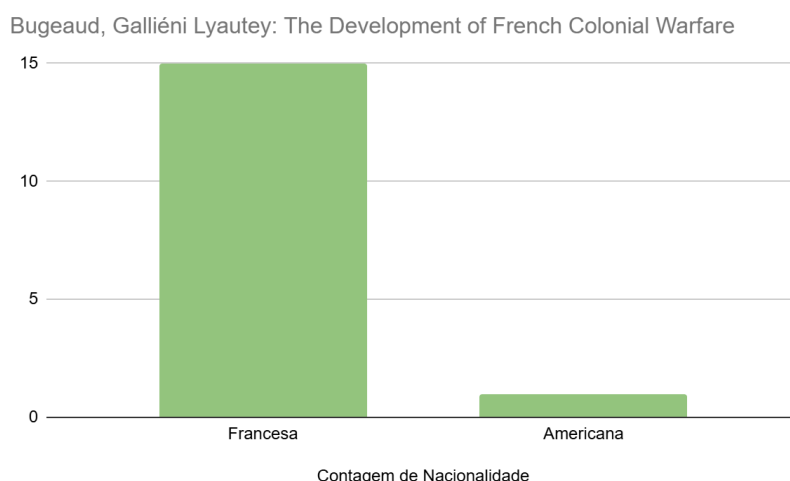
Fonte: Elaborado pelo autor com base na bibliografia completa de Jean Gottmann (Muscarà, 1998)

2.2 Estruturas Significativas**2.2.1 - Década de 1940**

O primeiro item analisado é o capítulo de Jean Gottmann, intitulado "*Bugeaud, Galliéni Lyautey: The Development of French Colonial Warfare*", publicado em 1943 no livro "*Makers of Modern Strategy*", oferece uma análise da evolução da doutrina militar francesa no contexto da expansão colonial, estabelecendo as bases para o que se tornaria a forma moderna de geoestratégia. O argumento central do autor é que a França desenvolveu uma escola de guerra colonial distinta e coerente, moldada pelas experiências de três grandes líderes.

Em suma, o texto busca demonstrar que a doutrina francesa evoluiu de uma fase inicial de guerra de aniquilação e intimidação (Bugeaud) para um método mais sofisticado e integrado de (Galliéni e Lyautey), onde a ação política e o desenvolvimento econômico eram ferramentas tão essenciais quanto a força militar para estabelecer e manter o domínio colonial. Em vista do módulo de citações por nacionalidade, métrica que será utilizada para quantificar a participação dos intelectuais no referencial bibliográfico de Gottmann, percebe-se o predomínio de autores franceses, demonstrando coerência, uma vez que o capítulo é estruturado com base na retomada histórica da estratégia colonial francesa.

Gráfico 1 – Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados



Fonte: Elaborado pelo autor

No segundo texto discutido, “*French Geography in wartime*”, Jean Gottmann aborda como a comunidade geográfica francesa demonstrou uma notável resiliência e continuidade acadêmica. Ele aponta que as principais revistas, como os *Annales de Géographie*, continuaram a ser publicadas e que as universidades mantiveram seus cursos e defesas de tese, num esforço consciente para preservar a normalidade intelectual. Nesse texto, Gottmann reconhece o peso do falecimento de Jules Sion e Albert Demangeon, assim como Th. Lefebvre e Jacques Ancel.

A pesquisa sobre a geografia regional francesa, foco central da perspectiva vidaliana, ganhou uma nova e imediata importância. Com o colapso do país e as dificuldades de abastecimento durante a Guerra, o estudo das economias locais, da vida rural e dos recursos regionais tornou-se essencial para a administração e a sobrevivência do país, o que permitiu que a disciplina continuasse a trabalhar sem despertar desconfiança excessiva. Como coloca Gottmann:

A principal causa da fecundidade destes últimos anos reside no fato de que a geração de geógrafos produzida por mestres como Henri Baulig, Raoul Blanchard, Albert Demangeon, Émile-Félix Gautier, Emmanuel de Martonne e Jules Sion – a geração que poderia ser chamada de netos de Vidal de la Blache – estava a atingir a maturidade. E a esta rica colheita a geração mais velha, mas ainda ativa, adicionou a sua contribuição. O total construiu uma impressionante e diversificada biblioteca geográfica. [tradução livre] (Gottmann, 1946. p.82)¹⁵

O posicionamento de Jean Gottmann neste artigo demonstra, em primeiro lugar, respeito e admiração pela resistência intelectual dos seus colegas que permaneceram na França, celebrando a sua capacidade de manter a ciência viva sob o autoritarismo. Em segundo lugar, Gottmann assume um posicionamento dentro da Geografia política, sublinhando a relevância e a utilidade da geografia em tempos de crise nacional e, nesse caso, mundial. Por fim, o geógrafo mostra que a ênfase no estudo dos *milieux* regionais manteve a relevância enquanto método, simbolizando uma forma de resistência intelectual não violenta contra a ocupação do território francês.

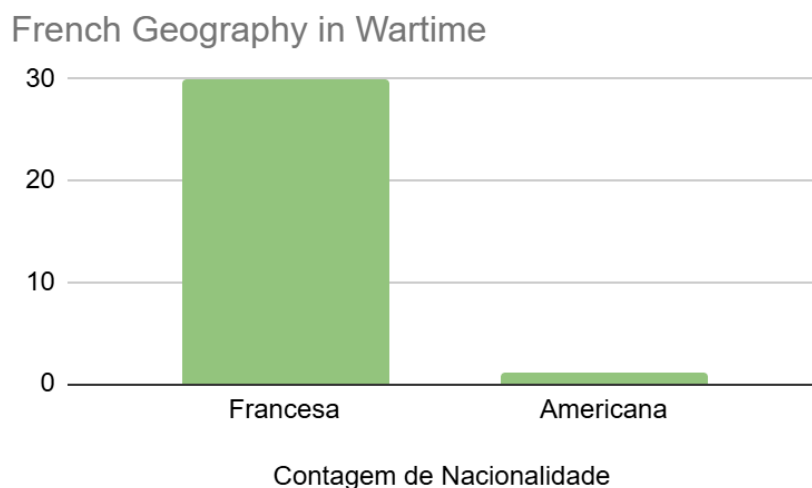
As atividades geográficas nos círculos universitários, e mesmo nos governamentais, estão a ser expandidas. Mais do que nunca, os geógrafos franceses estão sedentos por contactos e cooperação com colegas de outros países. Quando as tendências iniciadas pela guerra derem frutos, é bem possível que em países que passaram por experiências muito diferentes a geografia tenha ganhado um reconhecimento mais vasto e completo e saia da guerra enriquecida em todos os campos de pesquisa e ensino. [tradução livre] (Gottmann, 1946. p.91)¹⁶

¹⁵ The main cause of the fecundity of these last years lies in the fact that the generation of geographers produced by such masters as Henri Baulig, Raoul Blanchard, Albert Demangeon, Emile-Felix Gautier, Emmanuel de Martonne, and Jules Sion, the generation that might be called the grandsons of Vidal de la Blache, was coming of age. And to their rich harvest the older but still active generation added its contribution. The total has built up an impressive and diversified geographical library. (Gottmann, 1946. p.82)

¹⁶ Geographical activities in university, and even in government, circles are being expanded. More than ever are French geographers thirsty for contacts and cooperation with colleagues in other countries. When the tendencies started by the war bear fruit, it may well turn out that in countries which have gone through very different experiences geography will have gained wider and fuller recognition and will come out of the war enriched in all the fields of research and teaching. (Gottmann, 1946. p.91)

O texto, portanto, se mostra como uma breve revisão do que foi feito na França durante a Guerra, e indica uma projeção de continuidade do trabalho para o pós-guerra. Pela perspectiva de Gotmann, a partir do final do conflito, os geógrafos estariam dispostos a promover a circulação de ideias entre os países, enriquecendo o campo científico com os saberes produzidos dentro e fora da França. É por isso que, como demonstrado no gráfico 2, existe um alto número de franceses citados no texto, entre eles aqueles já previamente referenciados e apenas um autor estadunidense, o geógrafo Isaiah Bowman.

Gráfico 2- Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados



Fonte: Elaborado pelo autor

Os dois primeiros textos falam sobre a França perante enfrentamentos armados em dois contextos diferentes. O primeiro, em relação à conquista colonial, mas não em uma crítica direta. Gottmann se mantém no campo histórico e analítico das estratégias adotadas, já o segundo texto observa as ferramentas que a Geografia francesa estabeleceu para permanecer produtiva em meio à Segunda Guerra Mundial. Em contrapartida, os dois próximos textos revelam o posicionamento dos Estados Unidos da América em situações paralelas.

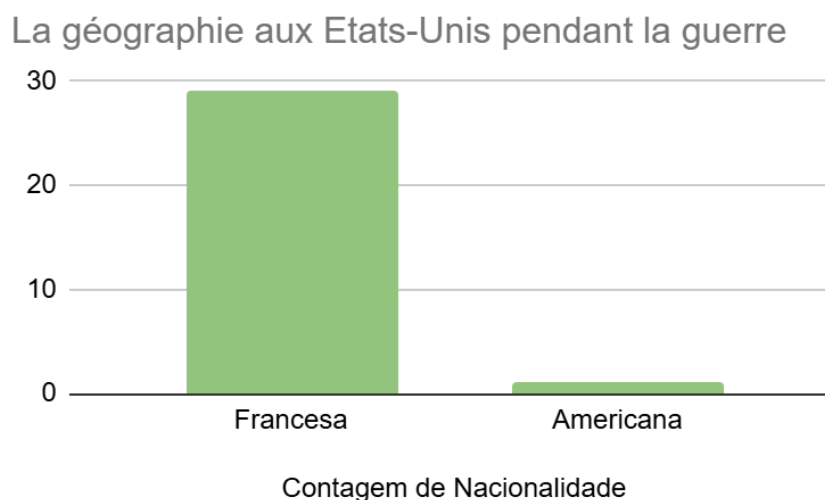
O artigo "La Géographie aux États-Unis pendant la guerre", publicado no *Bulletin de l'Association de Géographes Français* (BAGF) em 1945, foi escrito durante o primeiro período de Gottmann nos Estados Unidos e discute o papel e a transformação da disciplina de Geografia na América do norte durante a Segunda Guerra Mundial. O texto é o complemento americano à sua análise sobre a situação da Geografia na França no mesmo período, e revela a mobilização massiva e a reorientação prática da disciplina nos EUA.

Gottmann relata que milhares de geógrafos americanos foram rapidamente recrutados por agências governamentais, como o *Office of Strategic Services* (OSS, o precursor da CIA), o Departamento de Estado e agências militares, onde eram encarregados de tarefas urgentes, como a criação de mapas especializados, a análise de terrenos para invasões, o estudo de regiões remotas e a compilação de informações cruciais sobre recursos e populações em teatros de operações estrangeiros. Para atingir tais objetivos estratégicos, a proposta científica tornou-se cada vez mais utilitária, e encontrou viabilidade para se desenvolver devido a uma enorme quantidade de financiamento e atenção na disciplina, resultando num rápido crescimento, mas também em um foco em estudos quantitativos, dessa forma: "Fora dos quadros militares propriamente ditos, era, portanto, necessário formar quadros de especialistas regionais para cada uma das regiões onde fortes exércitos americanos iriam atuar: ou seja, em todas as partes do mundo."¹⁷ [tradução livre] (Gottmann, 1945. p.78)

A partir da visão de Gottmann podemos compreender que o autor estava fazendo parte da máquina de guerra dos Estados Unidos, e que a Geografia estava sendo elevada à posição de big Science. Esse termo ainda será discutido, mas é fundamental perceber como a abordagem geográfica muda ao analisar os dois lados do atlântico no mesmo contexto histórico e tendo o indivíduo como produtor de conhecimento capaz de expressar as volatilidades próprias ao tempo. Ainda que, para discutir o posicionamento estadunidense no conflito, Gottmann tenha optado por articular majoritariamente autores franceses, entre eles André Siegfried, Albert Demangeon e Maurice Pardé. Assim como no artigo anterior, neste, o único geógrafo estadunidense citado é Isaiah Bowman (vide gráfico 3).

¹⁷ En dehors des cadres militaires proprement dits, il fallait donc former des cadres de spécialistes régionaux pour chacune des régions où de fortes armées américaines allaient avoir affaire : soit dans toutes les parties du monde. (Gottmann, 1945. p.78)

Gráfico 3 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados



Fonte: Elaborado pelo autor

Isaiah Bowman foi um geógrafo norte-americano que, como já abordado anteriormente, estabeleceu contato com Gottmann através de Albert Demangeon. Bowman, como figura de liderança acadêmica, principalmente enquanto presidente da Johns Hopkins, trouxe Gottmann para o ambiente universitário e governamental americano durante um período crucial, permitindo que Gottmann desenvolvesse seu trabalho em geografia política e humana no contexto do poder e da política externa dos EUA. Ao auxiliar na orientação do contingente acadêmico para o esforço de guerra americano, contribuiu para a transformação da Geografia em uma ferramenta estratégica e aplicada.

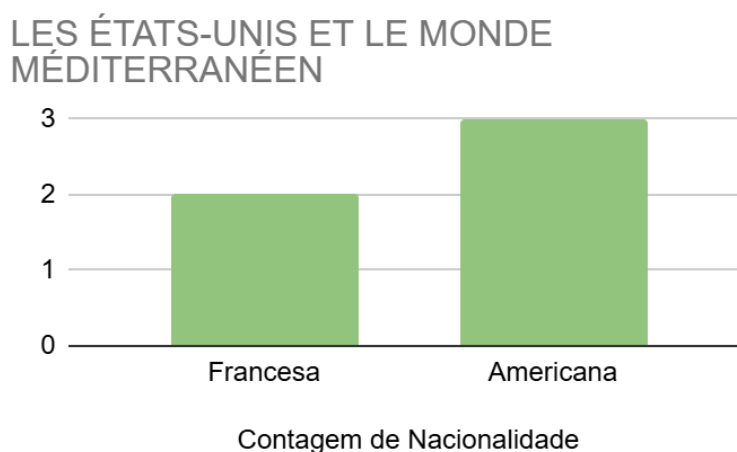
No último texto da década a ser analisado, Gottmann observa os atores que impulsionaram o envolvimento americano, argumentando que a presença dos EUA no Mediterrâneo e no Médio Oriente não é acidental, mas sim uma necessidade ditada pela sua nova posição hegemônica global. É lógico entender que esta presença é motivada pela necessidade de garantir o acesso a recursos vitais, como o petróleo do Médio Oriente, e de estabelecer uma linha de contenção estratégica contra a expansão soviética, preparando o terreno para as doutrinas de política externa que se seguiriam, como a Doutrina Truman.

Uma vez que os geógrafos e outros profissionais estão concentrados em promover o esforço de guerra nacional

Os Estados Unidos não pouparam a exploração das suas próprias reservas ao longo de um esforço de guerra que ainda por muito tempo será a admiração dos historiadores. Eles consideram ter assim consentido um sacrifício não apenas no interesse da sua própria defesa nacional, mas também no interesse dos países do Mediterrâneo e da Europa ameaçados ou invadidos.¹⁸ [tradução livre] (Gottmann, 1945. p.22)

Gottmann analisa o Mediterrâneo não apenas como uma área de conflito, mas como um nó vital de circulação que conecta a Europa, a Ásia e a África, cujo controle é indispensável e se refere às investidas norte-americanas de dominação como uma estratégia benéfica generalizada, a do comércio livre e da projeção de poder. Em relação aos autores utilizados para construir o argumento, o geógrafo se mantém mais equilibrado em relação às outras publicações, valorizando autores franceses como Maurice Pernot e autores norte-americanos associados aos órgãos estatais, como o General John MacCloy e M. Ickes.

Gráfico 4 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados



Fonte: Elaborado pelo autor

Esse trabalho avança em relação à primazia do *pays* e da soberania territorial fixa para enfatizar os sistemas de movimento e as redes de influência que transcendem fronteiras estatais. Neste artigo, a capacidade dos EUA de dominar esses fluxos de circulação que define o seu poder, uma avaliação endógena do futuro do sistema produtivo mundial.

¹⁸ Les États-Unis n'ont pas ménagé l'exploitation de leurs propres réserves au cours d'un effort de guerre qui fera longtemps encore l'admiration des historiens. Ils considèrent avoir ainsi consenti un sacrifice non seulement dans l'intérêt de leur propre défense nationale, mais aussi dans l'intérêt des pays de Méditerranée et d'Europe menacés ou envahis. (Gottmann, 1945. p.22)

A década de 1940, portanto, faz parte da estruturação do pensamento de Gottmann enquanto geógrafo estrategista. Dentre os padrões identificados para validação da linha interpretativa aqui proposta, é interessante perceber a permanência de certas influências bibliográficas, como: Maurice Pernot e Albert Demangeon, e o destaque para o excepcionalismo do aparecimento de Isaiah Bowman em trabalhos que abordam tanto os Estados Unidos como a França.

2.2.2 - Década de 1950

O primeiro item da década de 1950 a ser analisado é o livro *"La politique des États et leur géographie"*, publicado em 1952. Ele apresenta as ideias do autor acerca da geografia política e sua dinâmica desenvolvidas durante e imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. A obra busca reformular a geografia política, afastando-a do determinismo territorial da geopolítica clássica, como a de Ratzel, e inserindo-a na análise dos sistemas de fluxo e das interações globais. O livro é estruturado em onze capítulos, que, em conjunto, constroem a teoria da circulação e iconografia como motores da política de Estado. Nesse caso, estão em destaque três capítulos, sendo eles: Capítulo II: *Les Doctrines Géographiques des Relations Internationales*; Capítulo III: *Le Territoire en Politique* e; *Les Frontières et les marches*.

O capítulo II trata mais precisamente sobre as tentativas de explicar a história por meio do conhecimento geográfico, através de diferentes perspectivas, muitas vezes associadas a formações nacionais e que auxiliaram na organização do espaço em sistemas que buscavam interpretar o mundo. O determinismo é abordado em seus diferentes prismas, seja ele associado à Montesquieu e a dinâmica climática somada à estrutura legal, ou mesmo através de autores norte-americanos.

Esses, por sua vez, são apresentados por Gottmann como defensores de que poderiam transformar a natureza por meio da ciência e das máquinas, criando assim um país adequado para si mesmos. Essa perspectiva via a natureza como dados brutos a serem moldados, enfatizando a ação humana sobre os fatores ambientais determinísticos.

O último momento e ápice do determinismo se encontra na formulação da *geopolitik* alemã. Em uma ideia que sugeria uma capacidade inata de expansão em certos povos, tal perspectiva serviu para legitimar a ascensão do III Reich na Alemanha, e atribuiu caráter pejorativo ao fazer geográfico, uma vez que

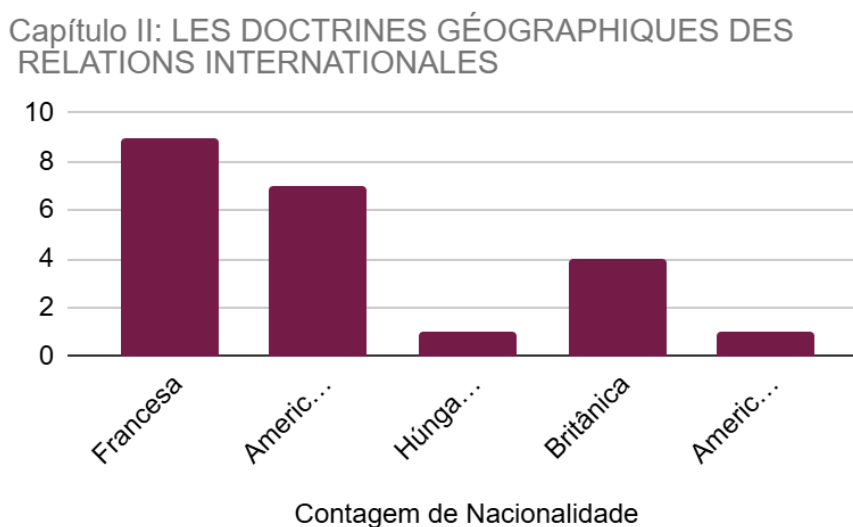
De 1940 a 1944, serviu-se a Geopolitik em todos os contextos. Um geógrafo honesto mal podia mencionar a sua profissão num salão na América naquela

época sem ouvir a pergunta se ele também era um geopolítico. Os geógrafos conheciam demasiado bem os recursos do ofício para se deixarem levar facilmente pela publicidade da Geopolitik. Desde 1934, Albert Demangeon analisava e condenava a Geopolitik nas *Annales de Géographie*, mostrando que se tratava simplesmente de uma « máquina de guerra » destinada a servir os objetivos de expansão da Alemanha.¹⁹ [tradução livre] (Gottmann, 1952. p. 61)

Gottmann, então, inicia no texto maiores articulações entre as teorias geográficas e as relações internacionais. Uma delas é através de Sir Halford Mackinder, que introduziu o fator marítimo na geografia política, propondo o *Heartland* na Europa Oriental. Se controlado, poderia levar à dominação mundial. Sua teoria distinguia entre potências marítimas e continentais, influenciando o pensamento estratégico. A geografia francesa, particularmente aquela estruturada por Vidal de la Blache, entra no texto para contrapor determinismo estrito, ao passo que Demangeon, aluno direto de Vidal e intelectual já destacado anteriormente, é abordado no texto por defender o papel decisivo das relações externas e da circulação na formação da vida regional. A análise quantitativa do capítulo revela propriamente a ideia de Gottmann ao desenvolvê-lo. Articular diferentes perspectivas geográficas permite alcançá-las em seus respectivos países, cada qual com uma formação territorial distinta e, por sua vez, diferentes narrativas para legitimá-las.

¹⁹ De 1940 à 1944 on servit de la Geopolitik à toutes les sauces. Un honnête géographe pouvait à peine décliner sa profession dans un salon en Amérique à cette époque sans s'entendre demander s'il était également un géopoliticien. Les géographes connaissaient trop bien les ressources du métier pour se laisser prendre facilement à la publicité de la Geopolitik. Dès 1934, Albert Demangeon analysait et condamnait la Geopolitik dans les *Annales de Géographie*, montrant qu'il s'agissait simplement d'une « machine de guerre » destinée à servir les buts d'expansion de l'Allemagne. Gottmann, 1952. p. 61)

Gráfico 5- Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados



Fonte: Elaborado pelo autor

O capítulo III, em sequência, aborda aspectos sobre o território. Gottmann aborda como a unidade política é definida por seu território, que se manifesta através da área de superfície e por meio de características locais como relevo, clima, hidrografia e geologia. A posição geográfica, envolvendo considerações locais e regionais, é crucial. Portanto, o território vai sendo desenhado como:

Seja o conjunto do território nacional de um Estado, ou o conjunto das terras agrupadas numa unidade que depende de uma autoridade comum e goza de um regime dado, o território é um compartimento de espaço politicamente distinto daqueles que o rodeiam. Quer se trate de um Estado soberano ou de um país dependente, o território define a existência física desta entidade jurídica, administrativa e política.²⁰ [tradução livre] (Gottmann, 1952. p. 71)

A partir dessa área jurisdicionalmente posicionada, as disputas por território acontecem. Estas estão entre os fenômenos políticos mais antigos e frequentes, de acordo com o autor, e muitas vezes enraizadas em conceitos que respaldam o direito de controlar certas áreas. Diante da demarcação e controle da área, juntamente com as disputas que a engendram, estão as influências da distância e da circulação. A distância é um obstáculo significativo na guerra, mas também fornece profundidade defensiva. Um território maior

²⁰ Que ce soit l'ensemble du territoire national d'un État, ou bien l'ensemble des terres groupées en une unité qui dépend d'une autorité commune et jouit d'un régime donné, le territoire est un compartiment d'espace politiquement distinct de ceux qui l'entourent. Qu'il s'agisse d'un État souverain ou d'un pays dépendant, le territoire définit l'existence physique de cette entité juridique, administrative et politique. (Gottmann, 1952. p. 71)

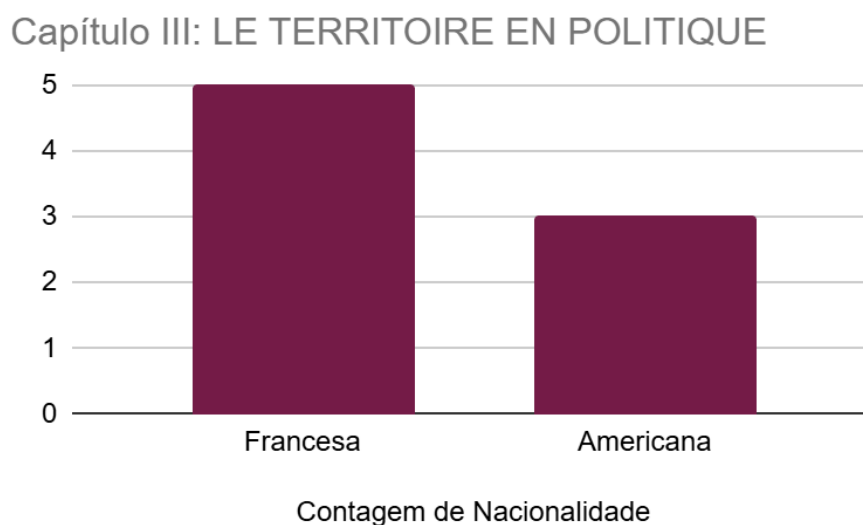
oferece mais pontos e recursos estratégicos, dificultando a conquista decisiva. No entanto, o valor de um território não é apenas suas dimensões brutas, mas também sua posição e organização, com a circulação sendo um fator chave.

Disso deve resultar uma fonte de maior riqueza no domínio civil e de maior força no domínio militar. Se há fonte, a utilização exige, ainda, que haja acesso. Ora, no domínio dos transportes e comunicações, as distâncias nem sempre são uma vantagem: são mesmo o obstáculo mais rude e mais permanente que o espaço opõe aos homens.²¹ [tradução livre] (Gottmann, 1952. p. 72)

Portanto, Gottmann segue o argumento de que para que aconteçam essas dinâmicas no território, o transporte, tanto marítimo como terrestre, devem estar logisticamente alinhados, para promover maior controle. Esse ponto demonstra o caráter analítico de Gottmann no que tange ao planejamento territorial, uma vez que a discussão perpassa a característica física do espaço e se estende para as dinâmicas internas, conectando também áreas estratégicas como estreitos e istmos, territórios insulares e, com o avanço tecnológico, também o espaço aéreo e interplanetário. Essa discussão volta a aparecer no livro “The significance of Territory” (1973), e será acrescida de novas camadas de discussão pelo amadurecimento das tecnologias militares durante a guerra fria e os desdobramentos mundiais por controle e influência nos territórios. Em contraste com o capítulo anterior, Gottmann retorna ao padrão de referências entre os Estados Unidos e a França, como demonstrado pelo gráfico 6.

²¹ Il doit en résulter une source de plus grande richesse dans le domaine civil et de plus grande force dans le domaine militaire. S’il y a source, l’utilisation exige encore qu’il y ait accès. Or, dans le domaine des transports et communications, les distances ne sont pas toujours un avantage : c’est même l’obstacle le plus brut et le plus permanent que l’espace oppose aux hommes. (Gottmann, 1952. p. 72)

Gráfico 6- Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados



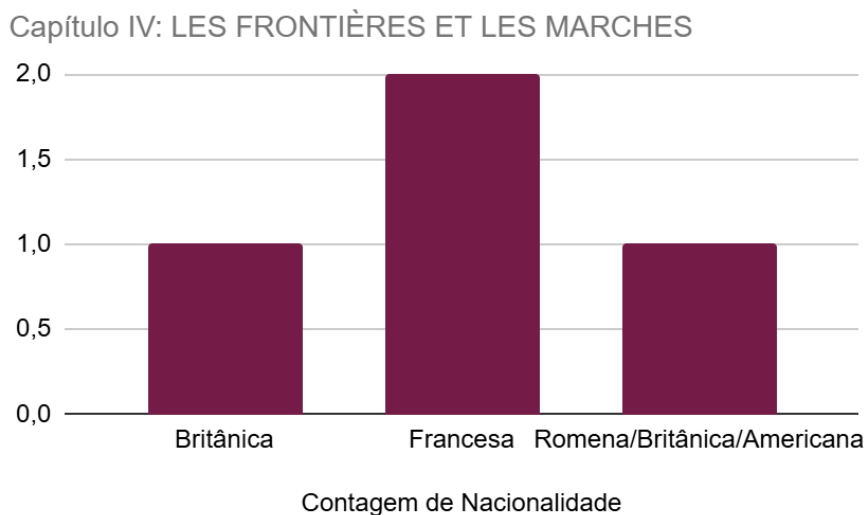
Fonte: Elaborado pelo autor

O capítulo IV, e último do livro *"La politique des États et leur géographie"* define as fronteiras como construções humanas que estabelecem a soberania nacional e seu deslocamento muda as condições de vida das pessoas afetadas. Mais uma vez, Gottmann destaca a importância estratégica do estabelecimento das fronteiras. Elas oferecem, a partir de seu posicionamento, segurança militar e controle sobre pontos de passagem, como as fronteiras naturais, como montanhas ou rios. No entanto, uma fronteira não é meramente uma linha, mas uma área limiar entre dois territórios distintos. Diante da análise do autor, os métodos para definir fronteiras têm variado historicamente, desde as fronteiras naturais ou estratégicas até fronteiras linguísticas e religiosas.

Além de áreas de limite, as fronteiras também são zonas de contato. Gottmann defende que, inerentemente, diferentes características se misturam na linha de contato e, desse modo, geralmente desenvolvem identidades distintas e podem ser fontes de conflito ou de cooperação. Em contrapartida, uma fronteira rígida e impermeável pode enfraquecer os efeitos da proximidade. Para além disso, e muito debatido ao longo dos textos, Gottmann enfatiza como os avanços tecnológicos, como a aviação, diminuíram a importância das fronteiras terrestres ao permitirem maior circulação, mesmo que mantendo o caráter da soberania nacional. Mais uma vez, o número de referências francesas se mostra muito mais expressiva que as demais, com destaque para a

alternância, nesse caso, do aparecimento de referenciais britânicos, influenciado pelo tema do capítulo, primazia dos ingleses na história moderna.

Gráfico 7- Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados



Fonte: Elaborado pelo autor

O artigo *"Et l'organisation de l'espace: considérations de géographie et d'économie"* publicado na revista *Revue Économique* em 1950, foi escrito no período de reconstrução pós-guerra e de rápido desenvolvimento econômico. O artigo, nesse contexto, tenta antecipar muitas ideias que viriam a aparecer no estudo de Gottmann sobre a Megalópole.

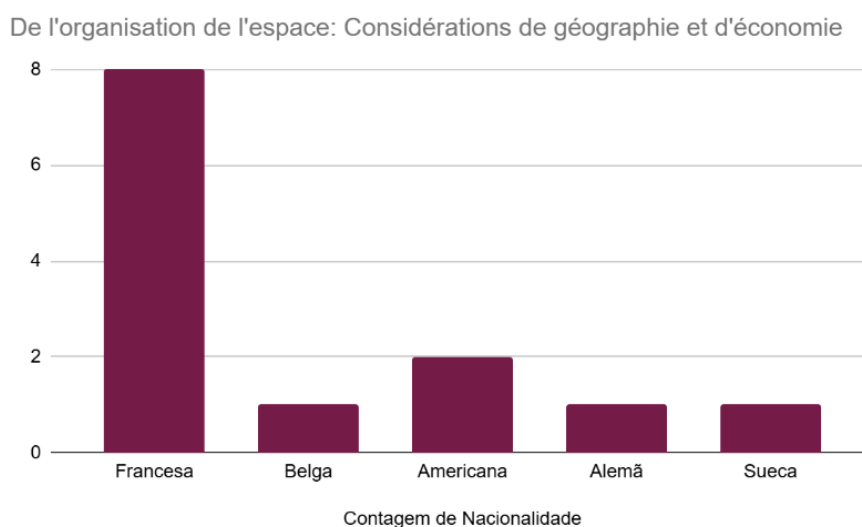
De acordo com o texto, a organização do espaço não é um acidente, mas sim um produto da atividade humana, especialmente da economia. Gottmann argumenta que a industrialização e o desenvolvimento dos transportes e comunicações libertaram a atividade humana das restrições estritas do meio físico. Sendo assim, as decisões sobre onde localizar a produção, os serviços e, conseqüentemente, as populações, são cada vez mais determinadas por fatores econômicos e logísticos e menos pelas condições naturais do território. Ele enfatiza que a concentração de atividades em certas áreas, especialmente em centros urbanos e nós de comunicação, não se deve à superioridade natural dessas regiões, mas ao efeito cumulativo da escolha humana e da acumulação de infraestruturas.

Os aspectos regionais sem dúvida sempre foram importantes para os economistas, mas nunca tanto quanto desde o desenvolvimento dos nacionalismos econômicos. Eis que o aperfeiçoamento dos meios de

transporte, o desenvolvimento dos sistemas de crédito e a integração da economia universal poderiam fazer prever uma era de uniformização e de estandardização gerais. As teorias econômicas poderiam, finalmente, aplicar uma harmonia universal com a qual tantos pensadores sonharam. ²²[tradução livre] (Gottmann, 1950. p. 68)

Em grande parte, as referências utilizadas são autorreferências, nas quais o autor cita trabalhos anteriores para dar continuidade às discussões, dando indicativos de um encadeamento no raciocínio geográfico.

Gráfico 8 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados



Fonte: Elaborado pelo autor

Diferentemente dos outros textos já analisados até aqui, o artigo "Geography and the United Nations", de 1950, reflete mais diretamente o envolvimento de Gottmann com as instituições internacionais e o seu esforço para demonstrar a relevância prática e estratégica da Geografia no mundo pós-Segunda Guerra Mundial. O texto foi publicado simultaneamente a consolidação da Organização das Nações Unidas (ONU) como o principal fórum para a diplomacia global e para a cooperação internacional.

²² Les aspects régionaux ont sans doute toujours été importants pour les économistes mais jamais autant que depuis le développement des nationalismes économiques. Voici que le perfectionnement des moyens de transport, le développement des systèmes de crédit, l'intégration de l'économie universelle pourraient faire prévoir une ère d'uniformisation et de standardisation générales. Les théories économiques auraient pu enfin appliquer une harmonie universelle dont rêvent tant de penseurs. (Gottmann, 1950. p. 68)

O artigo defende o argumento de que a ONU e as suas agências especializadas dependem fundamentalmente de análises geográficas para cumprir as suas missões. Ele argumenta que todos os grandes problemas enfrentados pela ONU, tais como: desenvolvimento econômico, distribuição de recursos, planejamento territorial, paz e segurança, possuem uma inequívoca dimensão espacial e ecológica. A ONU precisa, mais do que nunca, da perspectiva geográfica para entender as complexidades regionais, as diferenças culturais e ambientais, e as disparidades de desenvolvimento. O intelectual utiliza o exemplo da necessidade de mapeamento, avaliação de recursos naturais e compreensão das densidades populacionais como tarefas essenciais que só podem ser realizadas por geógrafos, tornando a disciplina um serviço vital para a governação mundial.

Ele se posiciona como um mediador entre a ciência acadêmica e a alta política, tal como Gramsci (1982) estabelece o ofício intelectual, tentando elevar o estatuto da sua disciplina e provar a sua utilidade num cenário de reconstrução e competição global. Gottmann, nesse texto, projeta a Geografia para a escala global e internacional, focando-se em problemas universais e transnacionais. Para essa análise, o autor não faz referências a autores específicos, nem mesmo geógrafos, o que é muito expressivo. Ele escolhe argumentar baseado em documentos oficiais da própria organização, que discutem elementos relacionados ao Conselho Econômico e Social.

O artigo "Geography and International Relations" publicado em 1951 na revista *World Politics*, é um texto no qual o autor expõe a sua teoria da Geografia política moderna e critica explicitamente as falhas da geopolítica tradicional, especialmente no contexto da Guerra Fria e da ascensão de uma ordem mundial interconectada.

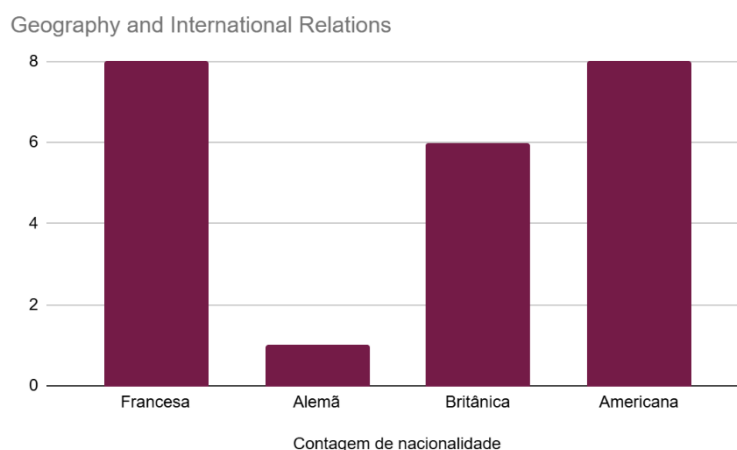
Gottmann reafirma o argumento que o principal erro da Geopolítica clássica é a associação ao determinismo ambiental e ao expansionismo territorial, levando ao tratamento do Estado como um organismo biológico em luta pelo espaço vital. Gottmann afirma que as relações internacionais no século XX são regidas por forças dinâmicas que transcendem as fronteiras fixas. Ele identifica duas forças fundamentais que interagem para moldar o cenário internacional: a circulação (fluxos de pessoas, bens, capital e informação) e a iconografia (as crenças, mitos e ideologias que dão identidade e coesão aos grupos).

O que para nós parece importante é que o homem e as coisas diferem de uma região para a outra, de um país para o outro. Há uma variação natural no espaço

inabitado pelo homem. Essa diversidade natural é muito menos variada do que a diversidade política, e ambas não se coincidem no mapa. O padrão alcançado com resultado da ação e organização humana é o mais complicado, mas é o primordial para as relações internacionais e para a vida cotidiana do homem.²³ [tradução livre] (Gottmann, 1951. p.162)

A circulação torna o mundo cada vez mais interdependente, enquanto a iconografia é a força de diferenciação e, por vezes, de conflito. O sucesso de um Estado nas relações internacionais, segundo Gottmann, depende de sua capacidade de gerir a tensão entre a abertura exigida pela circulação global e a coesão interna mantida pela iconografia. Para a análise quantitativa do argumento, fica claro o afastamento da geografia alemã e do conceito de Mackinder de *Heartland*, já supracitado. Gottmann segue, em mais uma obra, equilibrando suas fontes francesas e norte-americanas, a fim de estabelecer conexões e pontos de tensão para análise da contemporaneidade.

Gráfico 9- Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados



Fonte: Elaborado pelo autor

²³ What seems to us important is that men and things are different from one region to another, from one country to another. There is a natural variety in the space inhabited by men. This natural diversity is much less varied than the political one, and the two do not coincide on the map. The pattern achieved as a result of human action and organization is the most complicated but also the important one to international relations and to the daily life of men. (Gottmann, 1951. p.162)

O artigo "*The political partitioning of our world: an attempt at analysis*" publicado por Jean Gottmann em 1952 na revista *World Politics*, é um texto complementar ao livro já analisado: *La politique des États et leur géographie* (também de 1952). O artigo trata diretamente do conceito de fronteiras e da compartimentação do espaço como a característica fundamental do sistema político global.

A divisão em unidades territoriais exclusivas e soberanas, os Estados-Nação, separados por fronteiras, é uma das maiores características do mundo moderno, de acordo com o autor. O fenômeno do *cloisonnement* é argumentado através da compartimentação e é, em grande parte, uma criação humana e um mecanismo necessário para a organização da vida social e política, fornecendo um quadro de referência e ordem. “As relações entre um compartimento do espaço e outro não podem existir se não ocorrerem movimentos através dos limites do território considerado.”²⁴ [tradução livre] (Gottmann, 1952. p.515). No entanto, Gottmann realça a natureza paradoxal desta compartimentação. Embora as fronteiras sejam rígidas, a força da circulação (fluxos crescentes e tecnológicos de bens, informação, pessoas e capitais) age através da população para atingir os objetivos considerados. A tensão constante entre a necessidade humana de ordem e fronteiras (o *cloisonnement*) e o dinamismo da interconexão e dos fluxos, são o motor da fluidez geopolítica. Gottmann prevê que, embora as fronteiras não desapareçam completamente no curto prazo, a sua função de barreira absoluta está a ser erodida pela tecnologia e pela interdependência econômica. Essa discussão é um ponto de constância entre os textos analisados. O papel da soberania e do Estado em meio ao avanço da circulação e a importância crescente dos fluxos para a manutenção do sistema global.

Esse trabalho, portanto, desloca o foco do território espacializado e avança para a função da fronteira. A tensão dialética entre circulação, que seria uma força de desagregação e a iconografia, que mantém a identidade e a unidade nacional, demonstram os desafios à velha ordem das fronteiras estatais, escopo essencial para a análise futura sobre o território.

²⁴ “Relations between one compartment of this space and the others cannot exist unless there is movement across the limits of the territory considered.” (Gottmann, 1952. p.515)

Em síntese, o trabalho de Gottmann durante os anos 1960 enfatiza que a Geografia não é um pano de fundo passivo, mas um participante ativo na formação de realidades políticas. Ele utiliza das publicações para detalhar como fatores geográficos físicos e humanos, doutrinas históricas e considerações econômicas se entrelaçam para influenciar as políticas estaduais e as relações internacionais. Essas observações partem da realidade construída, uma vez que ele tem a oportunidade de vivenciar o mundo acadêmico e político no contexto estabelecido. As diferenças e aproximações entre a geografia francesa e norte-americana são destacadas por meio de exemplos de organização territorial, gerenciamento de recursos e fundamentos filosóficos de suas respectivas perspectivas geográficas. O argumento central, que estará cada vez mais presente, é que a agência humana, a vontade política e a interação dinâmica da circulação e da iconografia são fundamentais para moldar a geografia política mundial.

2.2.3 - Década de 1960

O artigo "*La politique et le concret*" publicado na revista *Politique Étrangère*, surge num momento de grande consolidação de sua teoria, logo após a publicação de seu estudo seminal sobre a Megalópole Americana em 1961. Este texto busca, essencialmente, ser uma reflexão metodológica e epistemológica que tenta ligar as grandes forças abstratas da política global às realidades tangíveis do espaço e do território.

A manifestação física das decisões políticas no espaço geográfico, dessa forma, o argumento central do texto, que aborda como a política não é apenas feita em gabinetes, ela é escrita no território através da construção de estradas, fábricas, fronteiras, cidades e sistemas de comunicação.

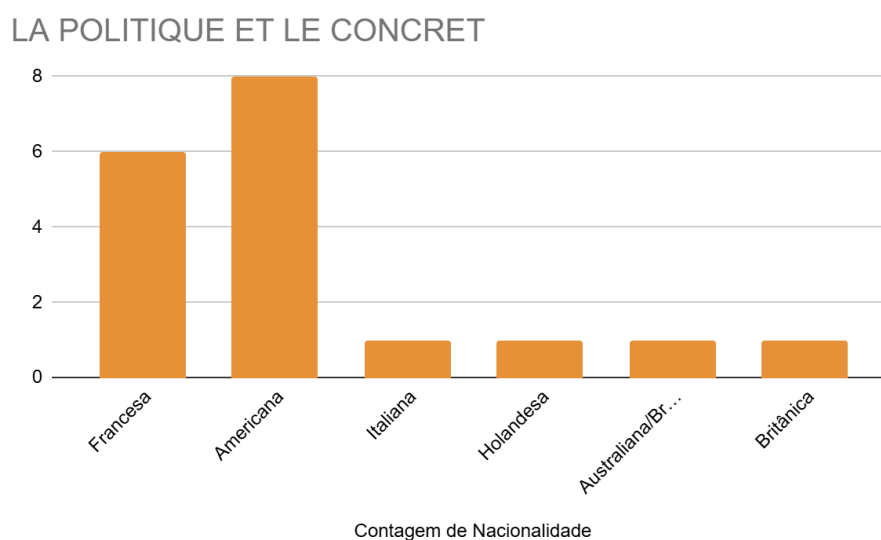
A densidade é uma relação entre o território e a população, expressa em termos aritméticos simples. Sua significação econômica é, no entanto, muito complexa. Paul Vidal de la Blache já havia notado que a formação de núcleos de densidade era o fato capital da repartição dos homens sobre o globo. [tradução livre]²⁵ (Gottmann, 1963. p.292)

Novamente, Gottmann aborda a dualidade entre a circulação e a iconografia, deixando claro que o espaço produzido é o palco onde essas duas forças se encontram. O geógrafo retoma La Blache, mas avança no sentido do entendimento da densidade

²⁵ La densité est un rapport entre territoire et population, exprimé en termes arithmétiques simples. Sa signification économique est cependant très complexe. Paul Vidal de la Blache avait déjà remarqué que la formation de noyaux de densité était le fait capital de la répartition des hommes sur le globe. (Gottmann, 1963. p.292)

populacional nas cidades como forma de organização espacial moderna, muito associada com o desenvolvimento econômico da área. Gotmann finaliza o texto colocando o geógrafo político no centro das discussões sobre planejamento territorial, pois este deve estudar não apenas as ideias políticas, mas as suas consequências espaciais e materiais, já que é nessa materialização que reside o verdadeiro poder e a sustentabilidade das decisões políticas. Em termos quantitativos, o artigo demonstra uma variação maior de referências, eurocentradas, mas relativamente diversas entre si. Entretanto, o que chama a atenção é o destaque, pela primeira vez, à ascensão dos intelectuais norte-americanos em detrimento dos franceses e britânicos.

Gráfico 10 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados



Fonte: Elaborado pelo autor

Não há, portanto, a possibilidade de desenvolver uma análise geográfica e política sem se debruçar sobre o território, em suas inúmeras facetas e significâncias. É por isso que, na sequência, o conceito de território desenvolvido por Jean Gottmann será explorado, em todos os seus capítulos, até culminar na elaboração de significados envolvendo a individualidade do autor e sua evolução acadêmica ao longo das décadas.

2.3 Território em Gottmann

O Livro “The significance of Territory” foi publicado em 1973 pela Universidade de Virgínia, e é resultado de uma série de palestras proferidas por Gottmann que descrevem a transitoriedade do conceito de território nas civilizações do Ocidente. Essa transitoriedade diz respeito às diversas importâncias do território para as comunidades ao longo da história, desde a necessidade de abrigo até os fluxos mais adensados do final do século XX. A fim de embasar a leitura do texto, é determinante perceber que Gottmann entende o território como um conceito político e geográfico, pois o espaço é seccionado e administrado através de processos políticos (Gottmann, 1975). Se o espaço é palco para o fenômeno material, a atuação política é o que o engendra. Como afirma Moraes:

“(...) o território pode ser equacionado como uma construção simbólica, vinculado a um imaginário territorial. Contudo, trata-se também de uma materialidade, produzida pela apropriação material de espaços e pela dominação efetiva destes. Assim, a formação territorial articula uma dialética entre a construção material e a construção simbólica do espaço, que unifica num mesmo movimento processos econômicos, políticos e culturais. (Moraes, 2005. p.59)

Gottmann (1973) postula que a soberania territorial é indispensável para uma nação, e que o território é a base na qual essa soberania se reafirma. O modo de vida, as tradições, a liberdade e as oportunidades de uma população em seu respectivo território coexistem com a jurisdição. Nesse caso: “O conceito leva a uma geografia da ética. Para analisar melhor o território, torna-se necessário examinar sua evolução no tempo e no espaço^{26[OBJ]} [tradução livre] (Gottmann, 1973. p.15)

Ainda no prefácio, o autor deixa claro seu entendimento do território como um “Psychosomatic device”. O artigo “Territory as a Psychosomatic Device: Gottmann’s Kinetic Political Geography” (Muscarà, 2005) elucida o conceito ao enfatizar que, para Gottmann, a secção política é produzida pela construção subjetiva (psicológica) de uma comunidade e é guiada pela oscilação da busca por segurança e oportunidade. O território está sujeito à dualidade já apresentada pelos textos de Gottmann, à circulação e às iconografias. Esse modelo é o que o torna excepcional perante outros conceitos, pois conecta elementos pragmáticos e elementos psicológicos de relação com o meio físico. À

²⁶ The concept leads to a geography of ethics. To analyze territory better, it becomes necessary to examine its evolution in time and space. (Gottmann, 1973. p.15)

vista disso, o livro como um todo trabalha com as variáveis segurança, oportunidade e felicidade para a determinação de um território.

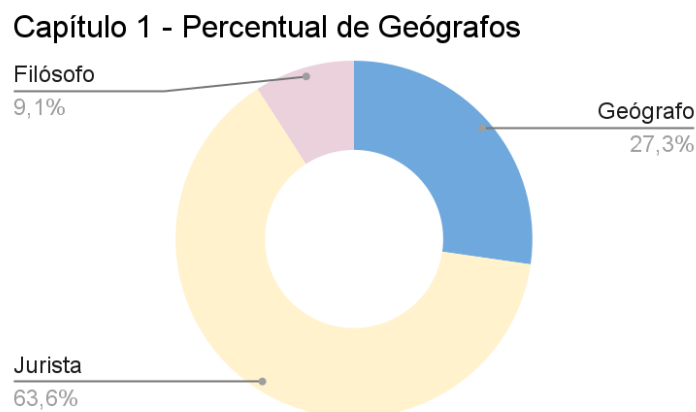
A importância do território evoluiu consideravelmente no passado e mesmo durante o século XX; essa evolução deveu-se em grande parte a dois fatores poderosos que modificaram a própria natureza do poder soberano: primeiramente, o progresso tecnológico libertou as pessoas de seus laços estreitos com o solo que as nutre e gradualmente aumentou a mobilidade de pessoas e bens; em segundo lugar, o poder soberano passou a ser cada vez mais investido na massa do povo e exercido por representantes eleitos.²⁷ [tradução livre] (Gottmann, 1973. p.3)

2.3.1 - Base teórica (Capítulo I)

Durante o capítulo I Gottmann descreve sua base teórica e enfatiza a ligação essencial entre território, jurisdição e soberania. O direito internacional moderno respalda a fundamentação que o autor realiza devido ao posicionamento crucial do território enquanto extensão geográfica da jurisdição de um Estado e sua posição nas relações externas. De acordo com Bobbio (2007) uma das condições essenciais para a formação de um Estado sobre um território é a plena condição de tomar decisões e prover vínculo e requisitar obediência aos que ali habitam. A estabilidade do território de um Estado é vista como uma demonstração de sua autoridade exclusiva e da coexistência de outras entidades políticas além de suas fronteiras.

Gottmann estabelece o território como um conceito dinâmico e em evolução, central para a organização política, profundamente ligado à soberania e moldado pela interação das necessidades humanas por segurança e oportunidades, bem como pelos avanços tecnológicos. Para isso, utiliza uma porcentagem expressiva de juristas em detrimento de geógrafos para construir seu argumento, como pode ser observado pelo Gráfico 11.

²⁷ The significance of territory has evolved considerably in the past and even during the twentieth century; this evolution was largely due to two powerful factors that have modified the very nature of sovereign power: firstly, technological progress freed people from their tight bonds to the nourishing soil and gradually increased the mobility of people and goods; secondly, sovereign power came to be increasingly vested in the mass of the people and exercised by elected representatives. (Gottmann, 1973. p.3)

Gráfico 11 - Percentual de Geógrafos citados e referenciados no capítulo I

Fonte: Elaborado pelo autor

No primeiro momento do texto as análises sobre segurança são mais enfáticas, pois estão atreladas ao entendimento do que são os Estados Nacionais Modernos e como alcançaram a hegemonia no modelo moderno de governança global. Como o autor indica: “As circunstâncias contemporâneas, portanto, concorrem para evidenciar a soberania territorial como uma relação básica do direito público e das relações internacionais.”²⁸ [tradução livre] (Gottmann, 1973. p.3)

Para isso, é necessário observar a coexistência entre a universalidade e a necessidade de separação no espaço, delimitando e seccionando-o conforme interesses que estejam alinhados internamente e externamente. É assim que Gottmann estabelece a primeira contradição, com o geógrafo norte-americano Edward Soja, uma vez que em seus trabalhos ele estabelece uma relação direta entre o habitat e o território.

Ao passo que discorda de Soja, Gottmann entra em concordância com Charles de Visscher e R.Y. Jennings, ao entenderem que o território é agente estruturante do Estado através do exercício de poder soberano. Sendo assim, “(...) não se deve nunca esquecer que a relação entre soberania e território é construída sobre um elo de conexão: as pessoas no território ou, se este for desprovido de povoamento permanente, pelo menos as atividades das pessoas dentro do território.”²⁹ [tradução livre] (Gottmann, 1973. p.4)

²⁸ Contemporary circumstances thus concur to bring out territorial sovereignty as a basic relationship of public law and international relations.(Gottmann, 1973. p.3)

²⁹ (...) it must never be forgotten that the relationship between sovereignty and territory is built upon a connecting link: the people in the territory or, if it is devoid of permanent settlement, at least the activities of people within the territory. (Gottmann, 1973. p.4)

O capítulo também descreve como essa relação entre a soberania e o território é dialogada na obra de Aristóteles sobre a busca do território ideal para a *polis*. O filósofo argumenta que o território deve ser utilizado para a realização de comércio externo, e um benefício de existir de maneira livre (com legitimidade e soberania), é essencial para garantir à população prosperidade e desenvolvimento. O grande ponto argumentativo de Aristóteles, e que Gottmann resgata no livro, é a oportunidade que o território viabiliza junto ao Estado. A proteção do território só é possível com uma organização, simultaneamente interna e externa, para possibilitar a segurança e as oportunidades necessárias para a manutenção da área.

2.3.2 - Dimensão dos Estados Nacionais Modernos para a Soberania (Capítulo II) ³⁰

Durante o segundo capítulo Jean Gottmann detalha a transformação da narrativa acerca dos Estados Nacionais Modernos que foi catalisada por importantes descobertas geográficas e eventos históricos, tais como a Revolução Francesa e Revolução Americana, ambas essenciais para a afirmação da importância da soberania nacional e da jurisdição estatal. Para além dessa discussão, o capítulo trata também dos conceitos de segurança e oportunidade que foram estabelecidos por Platão e Aristóteles (vide quadro 5). Os dois pensadores gregos são figuras centrais na retomada da evolução histórica do conceito de território e sua conexão íntima com a soberania do Estado porque demonstram os mecanismos geográficos de crescimento dos Estados.

³⁰ Security versus Opportunity: The Road to National Sovereignty

Quadro 6 - Diferenças entre Segurança e Oportunidade com base em Platão e Aristóteles segundo Jean Gottmann

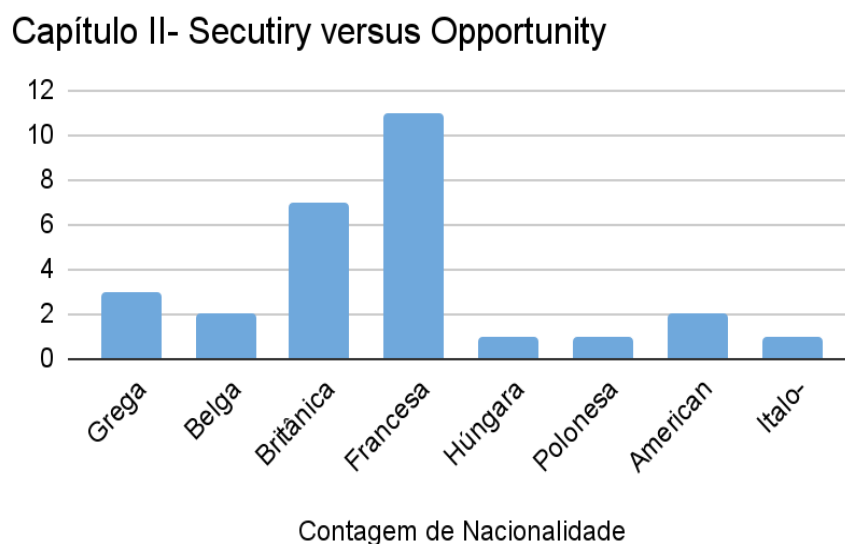
Segurança <i>versus</i> Oportunidade	
Platão	Aristóteles
Território como um meio para estabilidade, através da autossuficiência. Busca pela segurança e pela manutenção de uma sociedade virtuosa. Esses preceitos influenciam no tamanho ideal do território, que deve ser controlado para evitar quaisquer intercorrências externas.	Aristóteles defende o argumento da oportunidade, enfatizando como o comércio externo e a comunicação podem ser benéficas. Ele vê o Estado como ferramenta para participação no sistema internacional a fim de ampliar o desenvolvimento.

Fonte: Tabela elaborada com base no livro “The Significance of Territory” (1973) , de Jean Gottmann

Devido ao fato de o conceito de território ser construído sobre uma busca dual, por segurança e oportunidade, o processo político que se empenha em conseguir o melhor equilíbrio possível para a satisfação geral da população deve continuar debatendo se é preferível o isolacionismo ou o cosmopolitismo. (Gottmann, 1975. p.529)

A busca por esse equilíbrio leva ao desenvolvimento de uma tensão contínua, em que a população está sempre buscando a segurança e a oportunidade no território. É interessante perceber que no capítulo em que Gottmann discute a evolução histórica do conceito e molda a compreensão do território como um abrigo para a segurança e um trampolim para oportunidades, definindo o eixo argumentativo da dicotomia que seguirá ao longo do livro, ele utiliza mais referências francesas, com destaque para uma visão tradicional da partição espacial, em relação ao território natural, que serve de abrigo.

Gráfico 12 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados (Capítulo II)



Fonte: Elaborado pelo autor

A história do surgimento da modernidade está diretamente relacionada a essas formações Estatais modernas que moldaram o princípio do Estado na transição feudo-capitalista. Sendo assim, os tratados históricos foram essenciais para a modulação dos limites territoriais que conhecemos na contemporaneidade e, além disso, foram resultado de conflitos armados que colaboraram para a acumulação de capital para as potências clássicas da Europa Ocidental. Portanto, de acordo com o autor: “O conceito de território nacional foi precedido, no Ocidente medieval, pela aceitação do conceito de ³¹, a pátria, o país ao qual um homem pertence e pela defesa do qual ele está preparado para sacrificar a sua vida.” ³² [tradução livre] (Gottmann, 1973. p.34)

³² The concept of national territory was preceded in the medieval West by an acceptance of the concept of patria, the fatherland, the country to which a man belongs and for the defense of which he is prepared to sacrifice his life. (Gottmann, 1973. p.34)

2.3.3 - Competição, liberdade e igualdade? (Capítulo III) ³³

No capítulo III é retomada a importância dos Estados Nacionais Modernos para a construção da ideia de progresso em um sistema internacional. Para isso, ele discute a mudança na ideia de soberania depois do século XVII, em muito pelas alterações das responsabilidades do Estado, que além de compromissos políticos e religiosos com os cidadãos, assume papel central na mediação econômica. Assim, surge outra dicotomia: “Liberdade ou Igualdade”, observando possibilidades entre Estados que prezam pela liberdade individual e/ou pela igualdade. O poder econômico se torna, na visão de Gottmann, cada vez mais relacionado ao uso do território e o crescimento de infraestrutura influencia no crescimento populacional (urbano).

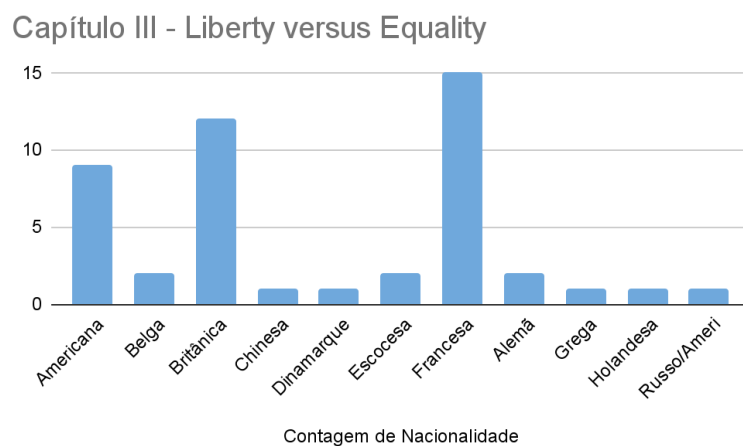
O século XVIII começou na maioria dos países europeus como um período de consolidação das estruturas do *establishment*, e terminou, após ter sido uma era de "iluminismo", em um período de progresso, reforma, liberalização e do surgimento do nacionalismo como um movimento popular. A expansão econômica dos séculos precedentes continuou.³⁴ [tradução livre] (Gottmann, 1973. p.68)

Perante os dados levantados na pesquisa quantitativa, autores da França, Estados Unidos e Grã-Bretanha aparecem em destaque, respectivamente (vide gráfico 13). Esses dados nos indicam o alinhamento teórico-metodológico do autor, que discute os marcos históricos da modernidade e o papel da soberania em cada um desses momentos, com destaque para o iluminismo, as Revoluções: francesa e americana, o nacionalismo e o Estado de Bem-Estar social. Todos esses movimentos sócio-históricos partem de uma base material: o ocidente capitalista. Tais países fazem parte do Centro (Wallenstein, 1991) e apresentam aparato econômico condizente com os ciclos hegemônicos ao longo da história moderna. Outro ponto a ser observado é a grande variação de fontes utilizadas pelo autor, que, ao contrário dos outros capítulos, diversificou o ofício intelectual das referências, dando destaque para historiadores (vide gráfico 14), demonstrando coesão com a proposta de retomada histórica do trecho.

³³ Liberty versus Equality: The Competition for Progress

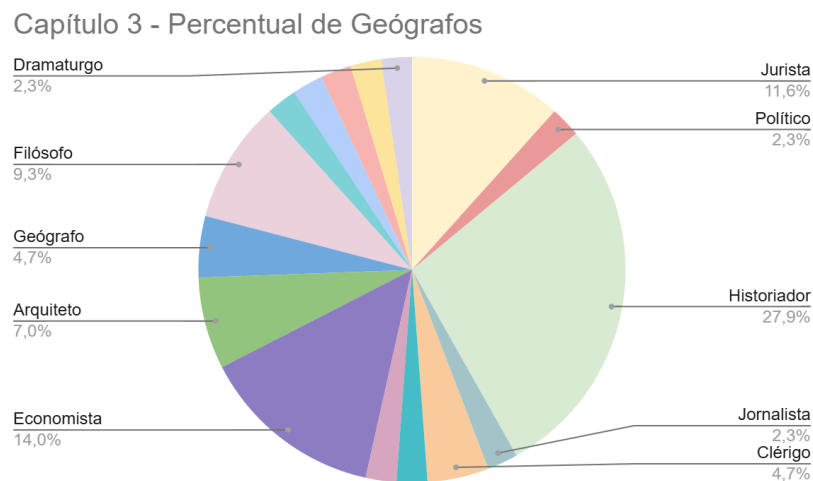
³⁴ The eighteenth century started in most European countries as a period of consolidation of establishment structures, and it ended, having been an era of "enlightenment" in a period of progress, reform, liberalization, and the emergence of nationalism as a popular movement. The economic expansion of the preceding centuries went on. (Gottmann, 1973. p.68)

Gráfico 13 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados (Capítulo III)



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 14- Percentual de Geógrafos citados e referenciados no capítulo III



Fonte: Elaborado pelo autor

2.3.4 - Avanço tecnológico e a ideia de Soberania (Capítulo IV)³⁵

O capítulo IV está diretamente ligado à evolução da divisão territorial. Novamente buscando em bases históricas, Gottmann aprofunda questão da dissolução dos impérios em Estados menores e compartimentados. Assim, o modelo estatal se mostrou dominante para a organização do espaço e se adaptou às circunstâncias geopolíticas, o que promoveu o território a condição de instrumento para objetivos econômicos e culturais. Dessa forma, o “Estado-nação” é baseado na soberania territorial que, por sua vez, alavancou o aumento de infraestrutura para atingir o ponto de satisfação da população.

O progresso da segurança ajudou a estabilidade e o crescimento econômico; maiores receitas do território, por sua vez, ajudaram o governo a promover maior segurança para o povo e para a economia. Apesar das guerras frequentes, rebeliões e pesados impostos, a segurança física e a oportunidade econômica se combinaram, uma impulsionando a outra, para reforçar a estrutura de controle do Estado e sua soberania territorial.³⁶ [tradução livre] (Gottmann, 1973. p.92)

Somados aos quesitos de segurança que retroalimentam a economia do Estado, a logística no território se torna cada vez mais importante na manutenção de uma influência sobre o espaço. A relação entre portos e o abastecimento das cidades em crescimento ao longo dos séculos passou a ser uma variável estruturante para o desenvolvimento de um país. As demandas do território se alteram com o avanço tecnológico e as mudanças nas tendências sociais, o que resulta em um entendimento paulatinamente crescente acerca do caráter relacional do território. É importante perceber como, a partir desse momento, não é apenas a característica autocentrada do território nacional que importa, mas a capacidade do Estado de prover uma rede logística de escoamento produtivo, altamente alinhado ao pensamento do planejamento territorial. A infraestrutura criada para a conexão do território e a relação estabelecida entre a população e a área são implicações para que exista uma forma de enxergar o território, ou seja, uma narrativa de coesão interna que permite o reconhecimento do grupo em relação àquele lugar. Como observa Gottmann sobre o nacionalismo:

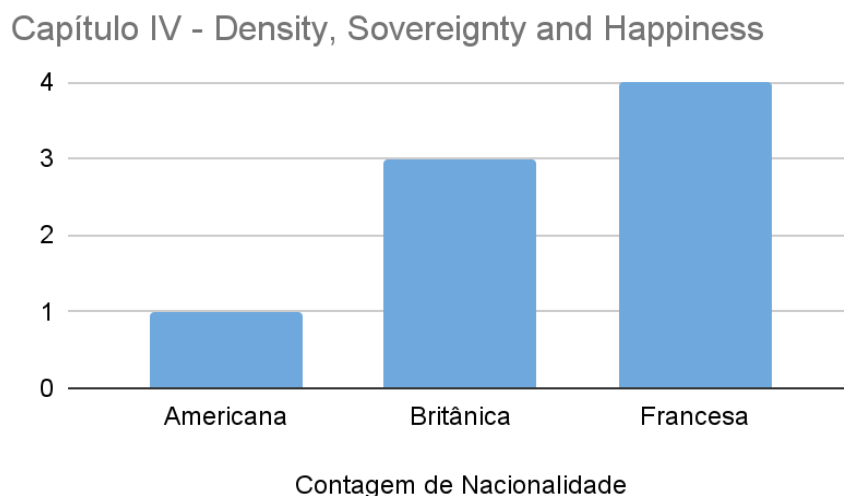
³⁵ Density, Sovereignty, and Happiness: The Organization of Spatial Partitioning

³⁶ The progress of safety helped economic stability and growth; larger revenues from the territory in turn helped the government to promote greater security for the people and the economy. Despite frequent wars, rebellions, and heavy taxation, physical security and economic opportunity combined, one advancing the other, to reinforce the controlling structure of the state and its territorial sovereignty. (Gottmann, 1973. p.92)

Uma nação talvez possa existir sem ser capaz de exercer qualquer soberania, mas o nacionalismo implica, em primeiro lugar, a reivindicação de promover a existência da nação como um grupo distinto, com um sistema de leis próprio, o que significa independência; e, em segundo lugar, implica uma promessa de promover o bem-estar do povo, o que significa um conjunto de recursos materiais à sua disposição e, se assim decidirem, à sua disposição exclusiva. É esse direito de excluir os outros que não poderia ser implementado sem a soberania territorial.³⁷ [tradução livre] (Gottmann, 1973. p. 95)

A análise quantitativa nesse caso é focada na centralidade das fontes, seguindo o padrão de primazia da França, Grã-bretanha e Estados Unidos da América (vide gráfico 15). Ainda que as referências francesas estejam em grande medida representadas, a lógica planejadora e liberal estadunidense eleva seu grau de participação nesse trecho. Seguindo a lógica de análise, o gráfico 16 apresenta que 50% dos autores citados por Gottmann neste capítulo são historiadores, seguidos por geógrafos e, sem seguida, filósofos e economistas.

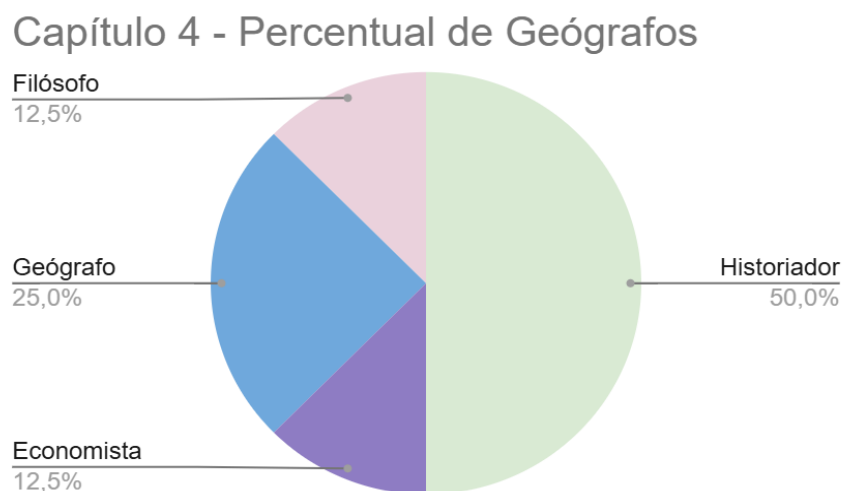
Gráfico 15 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados (Capítulo IV)



Fonte: Elaborado pelo autor

³⁷ A nation may perhaps exist without being able to exercise any sovereignty, but nationalism implies firstly a claim to promote the existence of the nation as a distinct group, with a distinct system of laws, which means independence; and, secondly, it implies a promise to promote the welfare of the people, which means a set of material resources at their disposal and, if they so decide, at their exclusive disposal. It is this right to exclude others that could not be implemented without territorial sovereignty. (Gottmann, 1973. p. 95)

Gráfico 16- Percentual de Geógrafos citados e referenciados no capítulo IV



Fonte: Elaborado pelo autor

2.3.5 - Perspectiva relacional do Território (Capítulo V)³⁸

Define-se, no último capítulo, que o território é um conceito relacional para além de uma categoria analítica. Em primeiro lugar, sua função é abrigo, fornecer proteção e, quando isso é alcançado, possibilitar uma boa vida aos indivíduos. Esse momento conceitual foi alcançado através do tempo e das mudanças geopolíticas que o engendraram. Como observado:

As revoluções Americana e Francesa reivindicaram fronteiras naturais e independência para nações que foram recrutadas em exércitos para defender a sua própria soberania e nas quais Igreja e Estado foram separados. Suas distintas personalidades nacionais tinham raízes legais e territoriais. O conceito de Estado-nação exercendo soberania territorial foi aceito e se espalhou pelos continentes como modelo de organização política. Por volta de 1920, era possível pressentir o iminente desmantelamento dos impérios remanescentes e a divisão "final" e formal do espaço acessível em tais compartimentos nacionais.³⁹ [tradução livre] (Gottmann, 1973. p.125)

O capítulo V trata, portanto, de um momento histórico mais próximo à realidade do século XXI, com alterações que impactam fortemente o cotidiano da primeira metade

³⁸ Crossroads and Frontiers amid Modern Fluidity: The Shifting Demands on Territory

³⁹ The American and French revolutions claimed natural frontiers and independence for nations that were drafted into armies to defend their own sovereignty and in which Church and state were separated. Their distinct national personalities had legal and territorial roots. The concept of the national state's exercising territorial sovereignty was accepted and spread across the continents as the model of political organization. By 1920 one could sense the forthcoming dismantling of remaining empires and the "final" and formal division of accessible space into such national compartments. (Gottmann, 1973. p.125)

do século. Entre as alterações, o abrigo deixou de ser a principal função e a proteção no território é altamente questionada visto que:

A Primeira Guerra Mundial provou a capacidade ofensiva da aviação. A Segunda Guerra Mundial a demonstrou com muito mais força, adicionando, em sua conclusão, a nova arma da bomba nuclear lançada pelo ar. Desde 1945, armas nucleares extremamente poderosas, capazes de destruir quase toda a vida em um raio de oitenta quilômetros ou mais do ponto de impacto, foram adaptadas não apenas a aviões de longo alcance que circundam o globo, mas também a foguetes que podem voar por metade da circunferência da Terra em velocidades e altitudes que tornam a defesa eficaz altamente problemática.⁴⁰ [tradução livre] (Gottmann, 1973.p.127)

Gottmann trabalhou com o potencial militar como variável de alteração da narrativa sobre a soberania territorial. É evidente que, desde a afirmação dos Estados Nacionais Modernos e a afirmação do uso exclusivo da força pelo Estado, a capacidade militar codetermina os movimentos geopolíticos globais. Portanto, como já abordado anteriormente, a possibilidade de produção de armas nucleares transforma as relações de poder pela capacidade destrutiva e quaisquer tecnologias militares passam a ser ainda mais nocivas pela iminência do escalonamento do conflito para uma guerra total nuclear em que o resultado é a aniquilação da humanidade. Nessa situação, Gottmann pontua que o papel de abrigo do território já não age com a mesma força, pois a área se torna mais vulnerável à medida que a tecnologia avança.

É nesse sentido que o geógrafo segue a análise identificando que o avanço no armamento dos Estados exigiu uma enorme maquinaria industrial e um pessoal numeroso e altamente qualificado. Os Estados Unidos e a União Soviética, grandes potências do contexto histórico analisado, desenvolveram capacidades bélicas suficientes para a destruição mútua, e, conseqüentemente, a possível destruição da vida humana. Além das duas grandes potências da Guerra Fria, o Reino Unido, a França e a China, também possuem armamentos nucleares e alguns meios de lançamento (Gottmann, 1973).

Nenhuma delas, no entanto, pode comparar o seu "poder de fogo" ao das duas superpotências; e o mundo dividido vive sob o guarda-chuva da capacidade de dissuasão mútua de apenas duas nações. A situação de dissuasão mútua, e a probabilidade de aniquilação da atividade humana e, possivelmente, de toda a vida na maior parte dos continentes caso uma guerra nuclear fosse totalmente

⁴⁰ World War I was to prove the offensive capacity of aviation. World War II demonstrated it with much greater force, adding at its conclusion the new weaponry of the nuclear bomb delivered by air. Since 1945, extremely powerful nuclear weapons, capable of destroying almost all life within a radius of fifty miles or more from the point of impact, have been fitted not only to long-range planes circling around the globe but also to rockets which may fly half of the earth's circumference at speeds and altitudes making effective defense highly problematical. (Gottmann, 1973.p.127)

desencadeada, obviamente questionam a utilidade da soberania territorial em termos da proteção dos habitantes.⁴¹ [tradução livre] (Gottmann, 1973.p.128)

Logo, existem assimetrias de poder que provêm da relação hierárquica das grandes potências com outros Estados. Em um sistema internacional interdependente, “(...) a nova complementaridade entre as regiões deve basear-se numa divisão espacial do trabalho que aumenta, em vez de igualizar, os contrastes entre as regiões densamente e as escassamente povoadas por toda a extensão do território.”⁴² [tradução livre] (Gottmann, 1973.p.144)

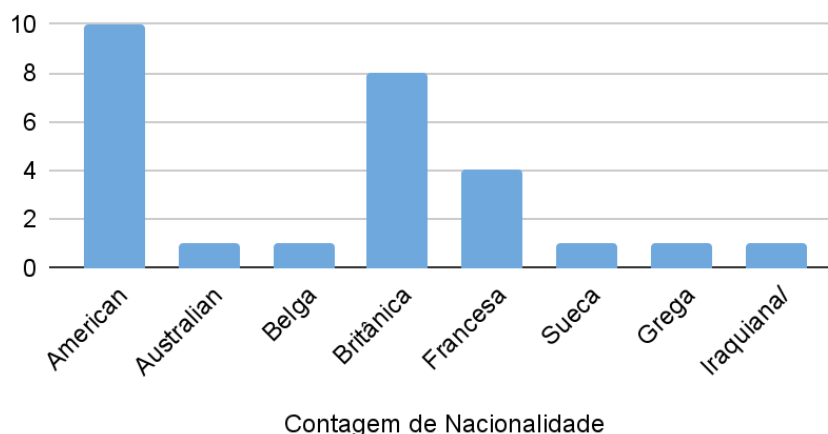
Do ponto de vista da análise quantitativa, o capítulo demonstra dados interessantes pois Gottmann diversifica novamente a função intelectual das referências consultadas. A nacionalidade dos autores referenciados apresenta uma alteração importante: ao falar sobre fluidez do processo moderno, Gottmann inverte a lógica utilizada nos demais capítulos e utiliza um número mais elevado de norte-americanos em comparação a franceses ou britânicos (vide gráfico 17).

⁴¹ None can compare theirs, however, to the "firing power" of the two superpowers; and the partitioned world lives under the umbrella of the mutually deterrent capacity of only two nations. The situation of mutual deterrence, and the probability of annihilation of human activity and possibly all life over most of the continents if nuclear war were fully unleashed, obviously call into question the usefulness of territorial sovereignty in terms of the protection of the inhabitants. (Gottmann, 1973.p.128)

⁴² (...) the new complementarity between regions must rest on a spatial division of labor that increases rather than equalizes the contrasts between thickly and thinly populated regions over the whole extent of the territory. Urbanization, as we saw, and the specialization of certain nuclear regions in the geographical pattern of the national economy has caused in most modern states a concentration of population on small fractions of the territory. (Gottmann, 1973.p.144)

Gráfico 17 - Quantidade referências bibliográficas segundo a nacionalidade dos autores citados (Capítulo V)

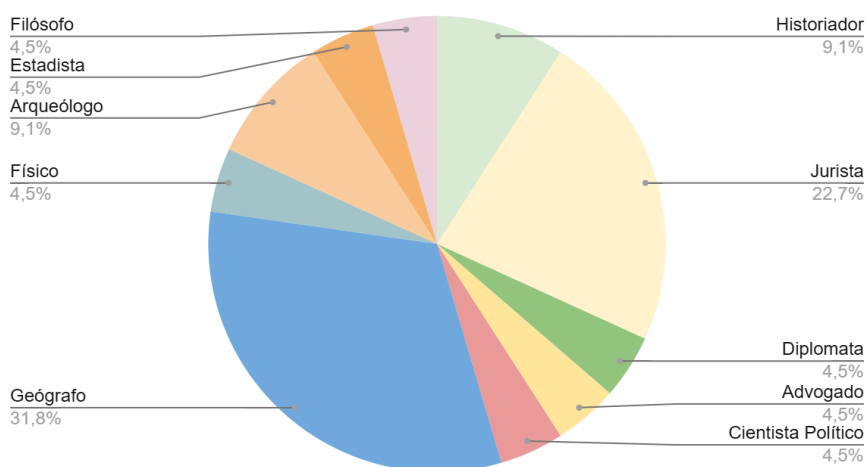
Capítulo V- Crossroads and Frontiers amid



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 18- Percentual de Geógrafos citados e referenciados no capítulo V

Capítulo 5 - Percentual de Geógrafos



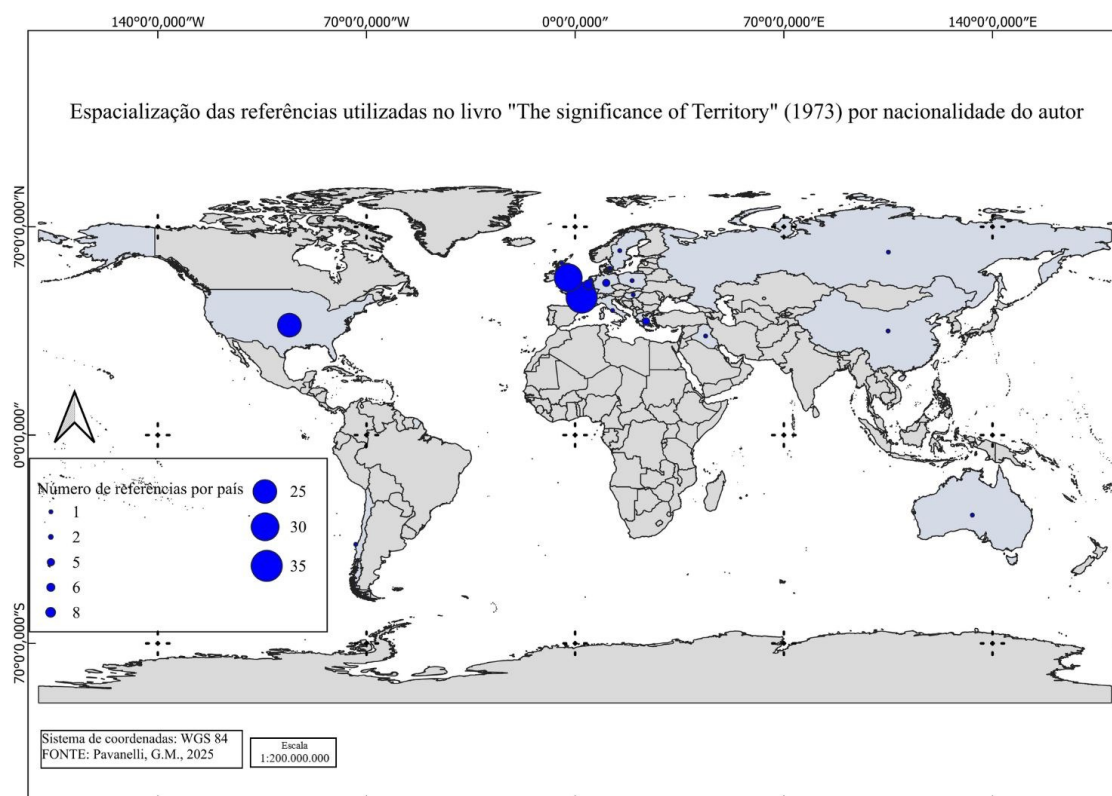
Fonte: Elaborado pelo autor

2.4 Construindo significados: uma análise comparativa de tendências

A partir do mapa abaixo, inicia-se a discussão acerca da espacialização das referências utilizadas por Jean Gottmann, assim como a análise de algumas das referências mais citadas pelo autor nos textos analisados anteriormente. Entre os cientistas citados estão: Paul Vidal de la Blache, Albert Demangeon, S. Whittemore Boggs, André

Siegfried, Friedrich Ratzel, Anne Robert Jacques Turgot, Sébastien Vauban e Halford Mackinder. O Mapa 1, portanto, evidencia a eurocentricidade do referencial teórico de Gottman, visto que mais da metade dos autores utilizados nos textos tem origem francesa e britânica, seguidos pelos autores norte-americanos.

Mapa 1 – Espacialização das referências utilizadas no livro “The significance of Territory” (1973) por nacionalidade do autor



Fonte: Elaborado pelo autor

Em grande medida, esse dado reflete a formação de Gottmann entre as décadas de 1930 e 1940, nas quais a Geografia europeia, principalmente francesa, correspondia à grande fonte de informações geográficas mundiais. Em seguida, as décadas de 1950 e 1960 já demonstram uma abertura maior ao conhecimento geográfico proveniente do continente americano, em alguns casos, equilibrando com as fontes francesas. O que se percebe, de maneira geral, é a mescla de influências que o leva a elaborar o livro “The Significance of Territory”, de 1973. Nele, Gottmann retoma o mesmo mecanismo que ocorreu durante as últimas décadas: inicia com maior percentual de referências francesas e, ao tratar sobre os fluxos, a circulação e o território contemporâneo, inverte e utiliza de maioria norte-americana. Para Gottmann,

A geografia política deve fornecer um 'corte da história'. Este plano é bastante aceitável para os geógrafos modernos que não fazem outra coisa, especialmente na França, ao ensinarem uma geografia física seguida de uma geografia humana que, a partir dos fatos de população e habitat, chega aos da economia e, finalmente, da organização política; estando tudo isso estreitamente associado aos estudos históricos.⁴³ [tradução livre] (Gottmann, 1952.p.33)

Os primeiros autores em destaque são Paul Vidal de la Blache e Albert Demangeon. O primeiro, consiste a base ontológica, ou seja, Gottmann mantém a tradição lablacheana de posicionar homem como agente geográfico, mas argumenta que no mundo moderno circulação urbana e tecnológica interferem nas características regionais. O segundo é utilizado como influência funcional direta, uma vez que fora orientador de Gottmann e que se dedicava à organização econômica do habitat. Dessa forma, Gottmann herdou o entendimento da economia como precursora da organização política do território.

Quanto ao alinhamento técnico, S. Whittemore Boggs fora um geógrafo do Departamento de Estado dos EUA. Em seus trabalhos focava na fronteira como interface jurídica. Gottmann utiliza essa visão para entender a fronteira como ponto de tensão entre circulação e controle. Um dos trabalhos de Boggs “*International Boundaries: A Study of Boundary Functions and Problems*” tem o prefácio escrito por Isaiah Bowman, outro importante nome do círculo de afinidades de Gottmann e na ocasião (1940), presidente do Johns Hopkins. Assim como Boggs, o trabalho de André Siegfried foi aproveitado por Gottmann para enfatizar a interação dinâmica entre realidades geográficas e desenvolvimentos políticos, oferecendo análises da geografia política no início do século XX. André é o autor mais citado nos textos analisados, e tem papel fundamental para a continuidade metodológica no trabalho, pois articula a ponte entre a geografia e a ciência política que permite a ampliação da escala regional para a escala global.

Tendo em mente a construção inicial do pensamento científico, Gottmann abrange outros instrumentos de previsão política e governamental, avançando o caráter descritivo regional. Para isso, o geógrafo baseia-se em Turgot:

Ele [Turgot] vislumbrava uma grande obra em três partes: a primeira dedicada à história universal; a segunda à sua geografia política, como resultado momentâneo da evolução histórica; e a terceira parte voltada para o que ele pretendia chamar de 'teoria da geografia política' ou 'um tratado do governo'. Esta teoria da geografia política — ou seja, os princípios de governo que poderiam emergir de um estudo sólido dos fatores geográficos na política —

⁴³ La géographie politique doit donner une « coupe de l'histoire ». Ce plan est fort acceptable aux géographes modernes qui ne font pas autre chose, surtout en France, en enseignant une géographie physique suivie d'une géographie humaine qui, des faits de population et d'habitat, en vient à ceux de l'économie et finalement de l'organisation politique; le tout étant étroitement associé aux études historiques.

bem poderia ter sido inspirada por Montesquieu ou extraída das mesmas fontes. Ela permaneceu, até os nossos dias, uma ambição dos geógrafos que muito poucos confessaram; e ainda menos numerosos são aqueles que tentaram realizá-la. ⁴⁴ [tradução livre] (Gottmann, 1952.p.33)

O economista e estadista do séc. XVIII propôs a superação da descrição pela ciência geográfica, e, em contrapartida, gerar uma teoria de governo. Ou seja, o estudo do espaço deveria ditar princípios práticos de como governar e administrar um Estado. Ao seguir a linha de pensamento de Turgot, Gottmann deixa claro seu posicionamento perante a função da Geografia política enquanto ferramenta de organização governamental. Portanto, a concepção de território como abrigo (como visto no item 2.3) pressupõe a organização espacial por meio do Estado, e o controle da população a partir dele. Nesse caso, há uma fissura entre o pensamento do autor e o pensamento de Ives Lacoste, por exemplo. Em 1976, é publicado o livro *"A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra"* no qual Lacoste acusava geógrafos de produzirem uma geografia voltada para os interesses dos Estados, enquanto pretendia funcionar como uma ciência neutra, mas que auxiliava o poder estabelecido a dominar territórios e populações.

Gottmann trabalhou como consultor e acadêmico de elite. Suas ideias sobre a organização do espaço visavam ajudar governos e planejadores a entender as novas dinâmicas globais. Para ele, o geógrafo político era funcional como um conselheiro técnico para o governo. Lacoste, em contraponto, era um geógrafo militante e crítico. Para ele, o papel do geógrafo era gerar embate contra as estratégias de poder e privilegiar grupos oprimidos com o conhecimento geográfico necessário para resistir. Para Lacoste, os geógrafos participantes dos departamentos institucionais dos Estados corroboravam com a negligência perante os conflitos sociais e a favor da dominação imperialista.

Pelo posicionamento de Gottmann, suas referências acompanham o alinhamento a favor do Estado. O arquiteto Sébastien Vauban fora um construtor de fortificações a serviço do rei Luis XIV, além disso, ocupou função geográfica no plano das estatísticas e das cartas, que o possibilitou aparecer “(...) como um dos primeiros teóricos e

⁴⁴ Il envisageait un grand ouvrage en trois parties, la première étant consacrée à l’histoire universelle, la seconde à sa géographie politique, aboutissement momentané de l’évolution historique; la troisième partie étant dévolue à ce qu’il prétendait appeler « la théorie de la géographie politique » ou « un traité du gouvernement ». Cette théorie de la géographie politique, soit les principes de gouvernement qui pourraient se dégager d’une solide étude des facteurs géographiques en politique, pouvait bien avoir été inspirée par Montesquieu ou puisée aux mêmes sources. Elle est demeurée jusqu’à nos jours une ambition des géographes que bien peu d’entre eux ont avouée; encore moins nombreux sont ceux qui tentèrent de la réaliser.

praticantes, na França, daquilo que hoje se chama de "aménagement"⁴⁵ do território. (Lacoste, 1966. p.13)

Em embate com o pensamento de Gottmann e Vauban acerca do planejamento territorial, está o pensamento ratzeliano. Ratzel manteve a dualidade na análise geográfica entre homem/meio e acerca do posicionamento espacial da unidade territorial. Para Gottmann (1952), é preciso avaliar Ratzel dentro de seu contexto histórico nacional:

Nos últimos anos do século XIX, a Alemanha acabava de vivenciar uma das grandes eras de sua história com Bismarck. Este império, rejuvenescido pela recente união dos países alemães sob o cetro do rei da Prússia, sentia-se em plena ascensão na hierarquia das Grandes Potências, mas um pouco apertado dentro de suas fronteiras. ⁴⁶[tradução livre] (Gottmann, 1952, p. 42).

Ainda de acordo com o autor, o maior problema em relação a Ratzel é que “A transferência de métodos biológicos rudimentares para a geografia política acabaria por incentivar outros espíritos, menos rigorosos que o de Ratzel, a construções pseudocientíficas frequentemente lamentáveis.” ⁴⁷ [tradução livre] (Gottmann, 1952, p. 42). Assim como aconteceu com a teoria do *Heartland* de Mackinder. De acordo com essa teoria, o domínio da Europa Oriental seria a chave para a dominação mundial. Gottmann coloca que “Mackinder formulava assim em termos geográficos a velha rivalidade histórica da Inglaterra e da Rússia.”⁴⁸ [tradução livre] (Gottmann, 1952. p.42)

Karl Haushofer foi um dos grandes responsáveis por aglutinar a teoria do *Heartland* e utilizá-la para justificar a expansão alemã em direção à Rússia e a necessidade de um bloco continental euroasiático. Enquanto parte da governança na Alemanha, Rudolf Hess e Adolf Hitler, adotaram a utilidade prática de suas ideias e tornaram-no conselheiro do governo hitlerista e para sua política geral. Gottmann o posiciona da seguinte forma:

⁴⁵ Ordenamento/planejamento

⁴⁶ Dans les dernières années du XIXe siècle, l'Allemagne venait de connaître l'une des grandes époques de son histoire avec Bismarck. Cet empire, rajeuni par la récente réunion des pays allemands sous le sceptre du roi de Prusse, se sentait en pleine ascension dans la hiérarchie des Grandes Puissances, mais un peu à l'étroit dans ses frontières. (Gottmann, 1952, p. 42).

⁴⁷ Le transfert de méthodes biologiques assez grossières en géographie politique allait inciter d'autres esprits, moins rigoureux que celui de Ratzel, à des constructions pseudo-scientifiques souvent regrettables.

⁴⁸ Mackinder formulait ainsi en termes géographiques la vieille rivalité historique de l'Angleterre et de la Russie. (Gottmann, 1952. p.42)

Como fazem muitos doutrinadores astutos, Haushofer não afirmou ter descoberto por si mesmo os princípios fundamentais de sua *Geopolitik*. Ele sustentava, pelo contrário, que, embora bebesse nos trabalhos de alguns grandes sábios alemães, como Ratzel, ele se baseava ainda mais em trabalhos estrangeiros que não podiam ser suspeitos de um nacionalismo alemão cego: se esses trabalhos demonstravam as vantagens de que a Alemanha dispunha, seria necessário da parte dos responsáveis pela política alemã uma cegueira tão tola quanto criminosa para não tirar proveito deles.⁴⁹ [tradução livre] (Gottmann, 1952. P.57)

A proposição de Jean Gottmann sobre o território reflete uma transição epistemológica que está sendo denominada como “território em trânsito”, na qual o espaço não se organiza como um objeto passivo da natureza, mas sim um sistema dinâmico passível de organização política e social. Ao contrário dos alemães e da *geopolitik* que viam o Estado como um ser vivo, Gottmann, integrado pelas ideias de Bowman, Siegfried, Boggs e Vauban, via o território como uma unidade jurídica e política organizada pelos seres humanos a fim de atender às necessidades de compartimentação iconográfica.

A relação entre as dinâmicas, por um lado, e os fatos mais ou menos constantes observados no mesmo espaço, por outro, sempre despertou a curiosidade intelectual dos homens, sobretudo dos ambiciosos que esperam descobrir um dia a chave do governo das coisas e das pessoas. Em toda tentativa de análise, é muito mais cômodo partir de alguns elementos fixos a fim de isolar as variáveis; as curvas só podem ser estabelecidas em função de coordenadas constantes. [tradução livre]⁵⁰(Gottmann, 1952. p.02)

A lente funcionalista e multiescalar de Gottmann, levou-o a tratar o território como um dispositivo técnico e psicossomático essencial para o planejamento do espaço e para o controle das sociedades modernas. Em síntese, o território está na constante tensão entre a iconografia e a circulação. Essa dinâmica reflete o caráter transitório do pensamento do autor. Baseando-se nas estruturas regionais para manter o cerne identitário

⁴⁹ Le grand succès de Haushofer fut de convaincre de l'utilité pratique de ses idées les dirigeants du parti national-socialiste, Rudolf Hess, puis Adolf Hitler. Il devait devenir auprès du gouvernement hitlérien et pour sa politique générale un conseiller précieux et écouté. Comme le font beaucoup de doctrinaires astucieux, Haushofer ne prétendit pas avoir découvert lui-même les principes fondamentaux de sa *Geopolitik*. Il fit valoir au contraire que, s'il puisait dans les travaux de quelques grands savants allemands, dont Ratzel, il prenait plus encore dans des travaux étrangers qui ne pouvaient être soupçonnés d'aveugle nationalisme allemand : si ces travaux démontraient les avantages dont disposait l'Allemagne, il faudrait de la part des responsables de la politique allemande un aveuglement aussi sot que criminel pour ne pas en tirer parti.

⁵⁰ Le rapport entre les fluidités d'une part et les faits plus ou moins constants observés dans le même espace d'autre part, a de tous temps excité la curiosité intellectuelle des hommes, surtout des ambitieux espérant découvrir un jour la clef du gouvernement des choses et des gens. Dans toute tentative d'analyse il est bien plus commode de partir de quelques éléments fixes afin d'isoler les variables ; des courbes ne peuvent être établies qu'en fonction de coordonnées constantes. (Gottmann, 1952. p.02)

a partir das iconografias e valorizando o funcionalismo desenvolvimentista próprio ao contexto norte-americano. Em suma, os conflitos modernos sobre soberania, controle de fronteiras, o poder e as atribuições do Estado e os ideais econômicos são explicados como manifestações dessa dualidade.

Capítulo 3. A “*sociedade do amanhã*” (Gottmann, 1961) e a Geografia do presente

3.1 A Geografia como “Big science” para a América do Norte e efervescência do contexto na produção de conhecimento geográfico

A Geografia regional francesa, como já mencionado anteriormente, nasce com a proposição de Vidal de La Blache em que as relações homem-meio são recebidas enquanto coexistentes no estabelecimento de seu ambiente e o ser humano contribui para a transformação da paisagem a partir das possibilidades que cada meio oferece (Fabrício, D; Vitte, A., 2011).

“A geografia, então, torna-se crucial para o conhecimento e manutenção dos territórios ocupados, além de fornecer uma justificação ideológica para o Estado e sua ideia de nação.” (Fabrício, D; Vitte, A. 2011, p.311) e a retomada da Alsácia e Lorena após a Primeira Guerra Mundial coloca a França em evidência enquanto potência mundial, exercendo grande influência cultural e representando um modelo de democracia para o mundo. Porém, no Pós-Segunda Guerra Mundial esse modelo recai, consequência de um processo de resignificação dos valores do Estado perante as grandes potências mundiais. A ascensão dos Estados Unidos da América já estava em curso e a afirmação do *American Way of Life* absorve a força do Laissez-faire e a transforma em uma “ode” ao funcionalismo capitalista como detentor da prosperidade.

Para além da construção de tal narrativa para a população, os EUA recorrem também ao poderio econômico do Plano Marshall. O plano de recuperação econômica desenvolvido por George Catlett Marshall, general e secretário de Estado dos EUA durante o governo Truman, tinha como objetivo prover assistência financeira à recuperação dos países europeus destruídos pela Guerra. Esse Plano de reestruturação foi parte da Doutrina Truman, uma estratégia estadunidense para limitar o avanço soviético na Europa ocidental. Portanto, percebe-se a influência de um intelectual dentro da sociedade política que cria instrumentos de legitimação apoiados pelo Estado e que a fonte de promoção da nova narrativa já não está mais centrada na Europa, mas é instalado a partir de um modelo americano utilitarista que preza pelo planejamento territorial.

Assim como Vidal de La Blache, Emmanuel De Martonne, Jules Sion e outros pesquisadores foram instrumentos da promoção dos interesses do Estado francês até a primeira metade do século XX, os intelectuais envolvidos no departamento de guerra dos Estados Unidos se tornaram aparatos da máquina de guerra do Estado, viabilizando a sustentação da ascensão de um novo modelo político e econômico na modernidade. “Durante a Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, a Terra inteira tornou-se um espaço generalizado da estratégia militar americana. No centro desse esforço estava uma nova concepção e prática da ciência e, cada vez mais, da ciência social. “43 [tradução livre] (Barnes, T. J., & Farish, M. 2006, p.811)

Assim, a Geografia passa por uma transição importante, na qual a principal corrente de pensamento se desloca do estudo de um conjunto de lugares únicos, e passa a abranger o globo como um sistema interconectado e, portanto, os jogos de poder ficam mais expostos. Isso permitiu que militares e cientistas aplicassem modelos matemáticos e logísticos para controlar qualquer parte do globo. As disciplinas das ciências humanas e sociais, como aborda o trecho de Barnes e Farish (2006) foram financiadas e remodeladas para fornecer dados sobre "áreas de interesse", transformando o conhecimento acadêmico em inteligência militar.

A Doutrina Truman é um exemplo marcante de como esse conhecimento militar estratégico possibilitou aos Estados Unidos ferramentas estratégicas valiosas para intervir em conflitos como:

- Guerra da Coreia (1950-1953)
- Guerra do Vietnã (1955-1975)
- Invasão de Cuba (abril de 1961)
- Guerra do Irã (1980 e 1988)

- Guerra Civil da Guatemala (1960 e 1996)

Ao retomar Anselmo (2000), entende-se que a atenção dos intelectuais na construção dos discursos sobre o espaço perpassa, fundamentalmente, a espacialidade, e territorialidade e a nacionalidade, 3 construções estratégicas para administrar o esforço de Guerra, uma vez que estas fazem parte dos aparelhos complexos do território. Essa ideia pode ser associada à proposição de que “O poder visa o controle e a dominação sobre os homens e sobre as coisas. Pode-se retomar aqui a divisão tripartida em uso na geografia política: a população, o território e os recursos.” (Raffestin, 1993, p.58) O território, espaço político por excelência segundo (Raffestin, 1993) é palco para os jogos de poder e imprime, na materialidade, as concepções simbólicas do espaço, da territorialidade e, de maneira a controlar a população, as narrativas que são produzidas pelos intelectuais.

Finalmente, os Estados Unidos, pela primeira vez, estavam na origem de uma influência filosófica que se estendeu à Europa. Trata-se do pragmatismo, nascido das idéias de W. James. Para ele, também, o mais importante era libertar a ciência da influência do idealismo e ao mesmo tempo se prevenir contra as construções monolíticas do positivismo clássico. A base de seu sistema é a vontade, uma vontade que é antes de tudo guiada pelo interesse de utilidade. É preciso notar a importância dada ao aspecto prático da interpretação filosófica que, de certa maneira, podia também pretender alcançar um conhecimento objetivo e socialmente válido. (Gomes, 1995. p. 228)

A mudança no pensamento geográfico dos EUA pós-Segunda Guerra e a formulação da força deste na construção de planejamentos estratégicos, se deve também pela necessidade de oposição à *Geopolitik* alemã.

O desenvolvimento da narrativa necessária à afirmação do III Reich precisou de participação intelectual ativa, a fim de construir teorias que legitimassem o avanço nazista sobre os outros países. Nesse contexto, “A máquina de Guerra nazista contribuiu significativamente para a *Big Science* por meio de projetos de construção de rodovias, em particular a Autobahn, armamentos e estruturas públicas como aquelas usadas para o congresso de Nuremberg.” (Josephson, 2018. p.54) A construção de infraestrutura e o planejamento territorial possibilitam a construção de projeto político utilizando a Geografia como ferramenta de poder. Essa utilização não foi uma exclusividade da máquina de Guerra nazista. Como afirma Gottmann (1945):

Enfim, a geografia política conheceu um impulso dos mais brilhantes, embora com destinos variáveis. O início da guerra, em 1942, foi marcado por um entusiasmo geral do público culto pela geopolítica. Uma propaganda,

habilmente feita, havia apresentado os geopolíticos alemães como os autores dos planos militares e políticos da expansão alemã.⁵¹ [tradução livre] (Gottmann, 1945. p.82)

O autor, assim como a maioria dos geógrafos em seu círculo de afinidades, se opunha diretamente à *geopolitik*, como já abordado anteriormente. Entretanto, para além da análise teleológica, a caracterização do momento histórico o esforço geracional que conduz o pensamento para os alinhamentos quanto para os distanciamentos teórico-metodológicos. Livingstone observa que a Geografia é uma ciência cujas metodologias são frequentemente disputadas e influenciadas pelo contexto político em que estão inseridas (Livingstone, 1992). É por isso que a tendência predominante na Geografia alemã se elevava em técnica e precisão, na propaganda e na materialidade, enquanto uma das narrativas dentro da Geografia Norte-americana se estabelece com afinidade técnica e distanciamento ideológico da primeira, buscando diferenciar-se do modelo pseudocientífico e valorizando a quantificação enquanto caminho para a verificação da verdade científica.

No momento histórico no qual a organização internacional começa a desempenhar um papel de destaque nos assuntos cotidianos de cada nação, o avanço das redes de comunicação e transportes tornam os eventos cada vez mais globais, geógrafos como: Fred K. Schaefer, que também era refugiado da Alemanha nazista, assim como Gottmann; Isaiah Bowman, conhecido por Gottmann desde sua formação na França; S. Whittemore Boggs, citado por Gottmann em alguns textos; e Richard Hartshorne, trabalharam para solidificar diferentes perspectivas sobre o papel da Geografia enquanto estratégia militar, e, através de suas oposições, promoveram transformações no campo do conhecimento. “Durante a guerra, a geografia foi uma 'história de sucesso' do OSS. Richard Hartshorne, que acabara de publicar seu manifesto metodológico *The Nature of Geography* (1939), foi recrutado para chefiar a Divisão de Geografia do R&A.”⁵² [tradução livre] (Barnes; Farish, 2006, p. 810).

⁵¹ Enfin, la géographie politique a connu un essor des plus brillants quoique aux fortunes changeantes. Le début de la guerre en 1942 fut marqué par un engouement général du public cultivé pour la géopolitique. Une réclame, savamment faite, avait présenté les géopoliticiens allemands comme les auteurs des plans militaires et politiques de l'expansion allemande.

⁵² "During the war, geography was an OSS 'success story'. Richard Hartshorne, who had just published his methodological manifesto *The Nature of Geography* (1939), was recruited to head the Geography Division of the R&A." (Barnes; Farish, 2006, p. 810).

Hartshorne essencialmente defendia uma Geografia que olhava para a o caráter regional, entretanto, seu método foi "militarizado" pelo governo dos EUA para planejar invasões e ocupações. Consequentemente, esse tipo de trabalho no OSS que gerou a quantidade de dados que, após a guerra, permitiu que a Geografia quantitativa emergisse e criticasse o posicionamento da ciência enquanto "coleção de fatos" para o Estado. Bowman, figura já comentada no texto, foi central para a estruturação de todo esse complexo de estudos estratégicos, como afirma Smith (2003):

Como resultado de seu trabalho sobre a "franja pioneira" e sua busca por uma "ciência do assentamento", Bowman foi convocado para ajudar a formular a política de refugiados dos EUA. Estima-se que 225 geógrafos tenham sido atraídos para Washington para trabalhar em prol do esforço de guerra. Eles povoaram o *Office of Strategic Services* (OSS), onde o geógrafo político de Wisconsin, Richard Hartshorne, chefiava o Ramo de Pesquisa e Análise; o Departamento de Guerra; o Escritório de Guerra Econômica; o Conselho de Nomes Geográficos dos EUA; e o Departamento de Estado. Embora a maioria dos geógrafos produzisse inteligência que alimentava diretamente a estratégia militar, o Departamento de Estado estava mais preocupado com a reconstrução pós-guerra, e foi lá que Bowman passou grande parte da Segunda Guerra Mundial.⁵³ [tradução livre] (Smith, 2003, p. 294)

É interessante observar a Geografia sendo tratada como “*big science*”, que nos revela ainda mais acerca da importância da disciplina para a atuação política/estratégica no período. A denominação “*big science*” de acordo com o dicionário “*Britannica*” “(...) é caracterizado por instrumentos e instalações em larga escala, financiadas pelo governo ou agências internacionais, nas quais a pesquisa é conduzida por times ou grupos de cientistas e técnicos.”⁵⁴

Ou seja, o aparato material com o qual Gottmann trabalhou em *Princeton*, na *Rockefeller Foundation* e no *Johns Hopkins* durante esse período, era sustentado pela Geografia no status de *big science*, a favor da correlação entre a ciência e as instituições para o desenvolvimento do campo geográfico e, efusivamente, da tríade militar-industrial-acadêmico.

⁵³ As a result of his work on the pioneer fringe and his pursuit of a “science of settlement,” Bowman was tapped to help formulate U.S. refugee policy. An estimated 225 geographers were drawn to Washington to work on behalf of the war effort. They populated the Office of Strategic Services, where Wisconsin political geographer Richard Hartshorne headed up the Research and Analysis Branch; the War Department; the Office of Economic Warfare; the U.S. Board on Geographic Names; and the State Department. Although most geographers churned out intelligence that fed directly into military strategy, the State Department was more concerned with postwar reconstruction, and it was there that Bowman spent much of World War II.

⁵⁴ Big Science is characterized by large-scale instruments and facilities, supported by funding from government or international agencies, in which research is conducted by teams or groups of scientists and technicians. (Britannica)

O conhecimento criado a partir da destruição da Segunda Guerra Mundial e dos conflitos por procuração e projetos de modernização da Guerra Fria não era inocente, mas foi moldado dentro de uma permutação institucional peculiar – o complexo militar-industrial-acadêmico – que promoveu direta ou indiretamente uma agenda geopolítica americana.⁵⁵ (Barnes, T. J., & Farish, M. 2006, p.811)

O molde subjetivo é o controle acadêmico, e o molde material é o reflexo dessas pesquisas nos caminhos da ciência geográfica norte-americana a partir desse contexto.

O chamado “esforço de guerra” não mobilizou apenas as potencialidades materiais e os contingentes militares, mas toda a retaguarda civil. Foi nesta última que se engajaram os geógrafos e os demais especialistas que pudessem contribuir de algum modo em seus estudos com os “objetivos nacionais” (Costa, 2020. p.160)

Na abrangência dos fenômenos geográficos pós-guerra, Barnes (2015) discute que a Geografia acumulou progressivamente (...) as características das “big social sciences”: com a sua abordagem interdisciplinar e baseada em equipes; a utilização de máquinas de última geração; análise rigorosa de (naquela época) conjuntos de big data; e financiamento de pesquisa, especialmente do ONR^{56.57} (Barnes, T.J. 2015.p.128)

Dentro dos Estudos Estratégicos, Buzan (1987) evidencia como esse movimento se relaciona com as questões diretamente militares do contexto:

Essa dimensão social e política da estratégia poderia ser desenvolvida aqui como um tema complementar à dimensão tecnológica em investigação. Dada a oportunidade, perguntas interessantes poderiam ser feitas, por exemplo, sobre a interação entre democracia, conscrição em massa e estratégia militar. (Buzan, B. 1987. p.32)

⁵⁵ The knowledge created out of the Second World War’s destruction and the Cold War’s proxy conflicts and modernization projects was not innocent, but was shaped within a peculiar institutional permutation—the military-industrial-academic complex—that directly or indirectly promoted an American geopolitical agenda. (Barnes, T. J., & Farish, M. 2006, p.811)

⁵⁶ Office of Naval Research.

⁵⁷ From the late 1950s, human geography also increasingly took on the characteristics of big social science: with its interdisciplinary, team-based approach; the use of the latest machines; rigorous analysis of (at that time) big data sets; and research funding especially from ONR. (Barnes, T. J. 2015.p.128)

O trabalho de Jean Gottmann com relatórios dentro do gabinete de guerra dos EUA desempenhou um papel fundamental nos estudos estratégicos, assim como os outros intelectuais multidisciplinares que ocuparam esses espaços institucionais, sistematizando informações detalhadas sobre os eventos, decisões e resultados dos conflitos armados. A previsão de padrões e tendências, que, com o destaque dado às *big sciences* durante a Segunda Guerra Mundial e posteriormente, alavancou o surgimento de uma nova forma de pensar a Geografia (como está apresentado no tópico 3.2).

Nesse processo, ocorre a transição que desbancas as monografias regionais na produção do conhecimento e dão lugar aos produtos associados ao planejamento estratégico. Barnes e Farish discutem essa questão:

Durante a Segunda Guerra Mundial e depois, entretanto, um modelo diferente de ciência emergiu, um produzido em meio à guerra, tanto quente quanto fria, e forjado através da interação entre cientistas, militares, indústria e Estado. Essa ciência acontecia na bancada do laboratório ou na escrivaninha, envolvia grandes somas de dinheiro e uma equipe de pesquisadores (“big science”), era teoricamente abstrata, matemática, muitas vezes baseada em modelos e máquinas, e voltada para atingir fins específicos. Argumentamos que esta concepção de ciência abriu caminho, ainda que de forma hesitante, na geografia humana americana do pós-guerra. (Barnes, T. J., & Farish, M. 2006. p.807)

Esse movimento exigiu um grande contingente acadêmico, do qual Gottmann faz parte, e, ao final da Guerra, os pesquisadores regressaram à Universidade e “(...) replicaram em novos departamentos a nova forma de organizar e sistematizar a informação necessária à produção de Conhecimento, “movimento” que acabou por exercer acentuada influência na organização científica e pedagógica universitária um pouco por todo o mundo.” (Graça, P. 2013. p.41/42)

A capacidade sintética e analítica do espaço foi alterada para o planejamento estratégico e assim os intelectuais também se alimentaram da implementação da “*big science*”, alterando suas *visões de mundo*.

Uma vez que a partilha política do mundo não era apenas uma abstração, mas uma experiência concreta em sua vida real, ele sabia que a maior concentração de recursos e oportunidades seria encontrada na cidade, ao focar no conceito de *carrefour* da geografia clássica francesa. Isso significou uma mudança da geografia política dos Estados-nação, típica do Velho Mundo, para uma geografia política na escala urbana, típica do Novo Mundo: uma geografia de pontos e linhas, de fluxos, nós e redes que surgem da interação das necessidades concretas das comunidades.⁵⁸[tradução livre] (Muscarà, 1998. p.45)

⁵⁸ Since the political partitioning of the world was not just an abstraction, but a concrete experience in his real life, he knew that the greatest concentration of resources and opportunities was to be found in the city, as he focused on the concept of *carrefour* from French classic geography.(...) This meant a shift from the political geography of the nation-states, typical of the Old World, to a political geography at the urban scale,

Dessa forma, pode-se entender que a dimensão da transformação ocorrida para os *intelectuais* que fizeram parte da alteração do status da Geografia Norte-Americana, incluindo Gottmann, está diretamente relacionada ao esforço coletivo de uma classe de pesquisadores, interessados em defender argumentos e posicionamentos no sistema internacional.

Existiam poucos refugiados franceses nos Estados Unidos durante a guerra: Jean Gottmann foi praticamente o único geógrafo. Como durante vinte e cinco anos alternou anualmente entre as instituições acadêmicas americanas e francesas, foi muito útil na introdução de ideias americanas em França, especialmente no campo dos estudos urbanos e do planejamento regional.⁵⁹ (Claval, 2004. p.6)

Ao perceber a imersão da Geografia na Guerra e como os pesquisadores saíram desse contexto, identifica-se com mais clareza a ciência geográfica da época que se reestruturou sob novas bases. “Entre as maneiras de encarar as mais diferentes coisas, entre as respostas que o pensador dá às questões mais afastadas existe um vínculo que faz do conjunto dessas respostas e dessas maneiras de ver uma totalidade, ou, pelo contrário, um amontoado eclético de fragmentos esparsos.” (Gramsci, 1982. p. 52)

As partes do pensamento de Gottmann se complementam ao entender cada um desses momentos formadores de sua caminhada. Com a perspectiva de que sua vida pessoal se encontrava abalada pela conjuntura dos fatos e pelo *círculo de afinidade* que o autor já mantinha com outros pesquisadores Norte-Americanos, vê-se que o contato dele com a Geografia estadunidense e o desenvolvimento das pesquisas sistemáticas regionais o levaram a fundir de maneira mais intensa os conhecimentos e as proposições disponíveis. Jean Gottmann experienciou o trânsito entre as discussões no âmbito regional e a ampliação das discussões acerca do novo momento mundial. Como afirma Muscarà sobre o pensamento de Gottmann:

typical of the New World: a geography of dots and lines, of flows, nodes and networks stemming from the interaction of the concrete needs of the communities. (Muscarà, 1998. p.45)

⁵⁹ There were few French refugees in the United States during the war: Jean Gottmann was practically the only geographer. Since for twenty five years, he shifted yearly between the American and French academic institutions, he was very helpful in the introduction of American ideas to France, specially in the field of urban studies and regional planning (Claval, 2004. p.6)

Ele está convencido de que, em um mundo interdependente, especialmente com a recente evolução das tecnologias militares, a única segurança territorial é aquela organizada em 'uma base coletiva e gerida no interesse geral.' Seguindo Aristóteles em vez de Platão, Gottmann afirma: 'A humanidade escolheu viver perigosamente.' Portanto, a antiga busca pela universalidade encontrou sua nova razão de ser, a qual entra em conflito com a necessidade sempre presente de partilhar o espaço.⁶⁰ [tradução livre] (Muscarà, L. 2005. p.41)

Formulações como esta fazem parte da expressão histórica de uma narrativa, trazendo à tona o valor utilitário do conhecimento geográfico para a manutenção do *status quo* próprio ao contexto histórico. O 'território em trânsito' é exemplar dos movimentos ocorridos dentro e fora da ambiência de Gottmann, que permitiu, ao longo de sua história, perceber a realidade, apreendê-la e narrá-la.

3.2 Projeções do significado de território para a “*sociedade do amanhã*”

A “sociedade do amanhã”⁶¹ é um termo utilizado por Gottmann para definir as mudanças ocorridas na materialidade durante sua experiência vivida, que se refletem principalmente no aumento da urbanização. Uma vez que Gottmann observa a crescente no processo de ocupação das áreas urbanas, ele reflete sobre a modificação no modo de vida que essas alterações causariam. A análise do geógrafo inicia suas discussões acerca da megalópole e do futuro dos fluxos e da circulação, tanto no âmbito interno quanto externo ao território nacional. Mesmo que o foco aqui não seja discutir as propriedades da megalópole, é importante posicioná-la enquanto situação para observação geográfica, que promoveu reflexões como: “Tão grandes são as consequências da evolução geral anunciada pela atual ascensão e complexidade da Megalópole que uma análise dos problemas desta região dá muitas vezes a sensação de olhar para o alvorecer de uma nova etapa na civilização humana.” [tradução livre] (Gottmann, 1961.p.9)

⁶⁰ He is convinced that in an interdependent world, especially with the recent evolution of military technologies, the only territorial security is one organised on 'a collective basis and managed in the general interest.' Following Aristotle rather than Plato, Gottmann says, 'Mankind has chosen to live dangerously.' Therefore the ancient quest for universality has found its new *raison d'être*, which conflicts with the ever present need for partitioning space. (Muscarà, L. 2005. p.41)

⁶¹ “*tomorrow 's society*”

O argumento de que Gottmann desenvolveu um conceito de território “em trânsito” perpassa a relação da produção de conhecimento geográfico entre visões de mundo distintas. Portanto, o fluxo é uma dinâmica intrínseca a esse conceito. Isso significa que o fluxo de conhecimento, o fluxo migratório e a circulação pelo espaço coexistem em uma relação ao mesmo tempo estrutural e relacional. Ou seja, Gottmann escreve sobre o que vive, e vive aquilo que é produzido a partir do que escreve. Isso não quer dizer que Gottmann tem domínio sobre o que é impresso na materialidade, porém, a partir da elaboração geográfica da realidade, amparado por seu círculo de afinidades, impacta e projeta as dinâmicas sociais a partir de sua própria visão de mundo, que é excepcional justamente por sua experiência relacional entre a Geografia francesa e norte-americana.

De acordo como o autor, a variável capaz de estancar os fluxos é a iconografia. Nesse caso, os fluxos são econômicos, políticos e sociais, e a iconografia, como já foi abordado no capítulo dois (2), diz respeito a signos desenvolvidos por cada formação nacional, ou, como denomina Gottmann, cada “espírito nacional” que colaboram para a manutenção de certas estruturas sociais.

É por isso que, muitas vezes, a influência do meio físico local só se faz sentir sobre os povos através das estruturas sociais. A iconografia tende a afastar da nação, da qual ela constitui a unidade e a originalidade, os estrangeiros e até mesmo as influências estrangeiras. Ela exerce uma ação limitadora dos contatos e, portanto, da circulação. Concebe-se, assim, que ela seja, na grande dinâmica humana, o fundamento das divisórias espirituais e políticas. [tradução livre] (Gottmann, 1952. p.221)

O conceito foi importante para manifestar o alinhamento do autor. A iconografia é um fator de resistência das comunidades, pois está relacionada à tradição, que se materializa em símbolos visíveis e reconhecíveis. Porém, como adverte Muscarà (2000): (...) visto que a geografia e a política estão intimamente interligadas e inter-relacionadas, as iconografias também têm sido frequentemente utilizadas por forças políticas para alcançar objetivos políticos específicos, e é neste ponto que a atenção de Gottmann se concentra.” (Muscarà, 2000. p. 288)

Gottmann inseriu a subjetividade iconográfica à *big science* americana. Isto é, o geógrafo percebe onde os fluxos de movimento se encontram, e analisa como a instabilidade resultante da fluidez entre os territórios é contida com as ferramentas simbólicas, que mantêm a atmosfera de segurança e estabilidade, própria dos primórdios do conceito de território. Como por exemplo, observa sobre o posicionamento norte-americano durante a Guerra:

Enfim, engajado numa guerra que certamente não era popular no início, o Governo americano sentiu a necessidade de explicar os problemas à opinião pública. Havia toda uma educação das massas a ser feita sobre o mundo exterior; educação a ser feita com mapas, com fatos e números, de modo a impressionar a todos, a fazer sentir o quanto a causa dos aliados era uma causa comum, tarefa imensa e ingrata à qual vastos serviços americanos se dedicaram com ardor. ⁶² [tradução livre] (Gottmann, 1945. p.78)

Faz-se a análise levando em consideração três eixos importantes para o território: a partição espacial, a economia e a guerra. Para isso, são utilizadas teorias que articulam em diferentes escalas as variáveis e que estão postas, a fim de aprofundar a análise. Portanto, o esforço científico proposto envolve a observação de como Gottmann lida com a questão territorial e, conseqüentemente, aproximações e afastamentos com as teorias de funcionamento do sistema internacional.

Giovanni Arrighi e Beverly Silver (2001) elaboram a teoria dos Ciclos Hegemônicos e Transições sistêmicas do Sistema-Mundo. Estes, estabelecem as alterações materiais e a transição para a o financeiro, o que demonstra a lógica interna do capital e determina a ascensão e o declínio das potências.

Podemos tomar a falta de consenso quanto à direção e ao sentido das atuais mudanças na economia política global como um sinal de que estamos em meio a uma mudança sistêmica -ou seja, um processo de reorganização radical do moderno sistema mundial que altera substantivamente a natureza dos integrantes do sistema, sua maneira de se relacionar uns com os outros, e o modo como o sistema funciona e se reproduz. (Arrighi, G; Silver, B. 2001 .p.30)

A concepção de Sistema-Mundo utilizada pelos autores provém da obra de Immanuel Wallerstein. De acordo com a Teoria do Sistema Mundo (TSM), o sistema capitalista funciona como sustentáculo para a hierarquia global, que é dividida entre: centro, semiperiferia e periferia.

A engrenagem das mudanças no cenário mundial é a capacidade de uma potência em liderar a geração de riqueza global. O sistema-mundo funciona como um organismo no qual o capital representa o cerne, e quando a produção de mercadorias deixa de ser lucrativa e o dinheiro migra para a especulação financeira, temos o sinal de que a

⁶² Enfin, engagé dans une guerre qui n'était certes pas populaire au début, le Gouvernement américain éprouvait la nécessité d'expliquer les problèmes à l'opinion publique. Il y avait toute une éducation des masses à faire sur le monde extérieur ; éducation à faire sur des cartes, avec des faits et des chiffres, de manière à impressionner tout le monde, à faire sentir combien la cause des alliés était une cause commune, tâche immense et ingrata à laquelle de vastes services américains s'attelèrent avec ardeur. (Gottmann, 1945. p.78)

hegemonia atual está adentrando uma crise. Portanto, uma crise financeira global não é apenas um problema econômico, mas o início de uma reorganização do poder, na qual novos países tentam ocupar o topo da hierarquia enquanto a antiga potência perde sua capacidade de ditar as regras.

Durante o século XX, o Reino Unido vivenciava um período no qual a capacidade de gerar lucros através da produção industrial estava em decréscimo gradual, muito em função da perda de hegemonia da produção industrial mundial. Isso permitiu que os Estados Unidos construíssem uma nova infraestrutura de poder baseada em corporações transnacionais e na integração vertical da produção. A ascensão dos EUA tem caráter excepcional e expandiu a escala do sistema-mundo, estabelecendo um regime de acumulação muito mais abrangente que o modelo colonial britânico, resolvendo temporariamente o caos sistêmico gerado pelas duas Guerras Mundiais.

Em outro eixo de análise, toma-se como base a elaboração de Organski e Kugler (2011) no que diz respeito a distribuição hierárquica de poder na ordem internacional. Para esses autores, a paz mundial é, paradoxalmente, mantida pela dissimetria de poder, portanto, enquanto a potência dominante é muito mais fortalecida, principalmente no âmbito militar, não há incentivos para que outros estados desafiem a ordem estabelecida.

O poder relativo entre os Estados/grupos concorrentes é dado a partir do crescimento diferencial e um subproduto desse processo é o potencial para conflito, dessa forma, divide-se o sistema entre: Nação Dominante; Poderes Grandes; Poderes Médios; Poderes Pequenos; e Colônias. Isso significa que existe uma potência dominante que é desafiada por uma outra proeminente, sendo assim, atingem o estágio de equivalência relativa de poder quando a desafiante está insatisfeita com o *status quo*.

No século XX, a transição entre a hegemonia europeia, centrada no Reino Unido, e a ascensão dos Estados Unidos é o exemplo de transição. No contexto, tanto a Alemanha quanto os EUA eram potências desafiantes, porém, a Alemanha apresentava maior insatisfação pelo contexto e tentou mudar o sistema pela guerra. Os EUA, em contrapartida, cresceram dentro das regras da ordem liberal britânica. Como compartilhavam valores, instituições e interesses econômicos, provenientes do processo colonizatório, a transição não ocorreu por um colapso violento entre as duas potências, mas por uma transferência gradual.

Tendo em vista as teorias apresentadas, considera-se que o “trânsito”, também já conceituado, provém simultaneamente das alterações sistêmicas no campo global e o planejamento territorial é essencial para o desenvolvimento de uma potência. O primeiro eixo analítico é a compartimentação espacial e ela representa a percepção de Gottmann no que diz respeito à espacialização. Para Gottmann, a unidade política no sistema internacional é o território nacional, como observa:

(...) o território define a existência física desta entidade jurídica, administrativa e política. Esta existência física manifesta-se no plano geométrico pela superfície e, posteriormente, em outros planos pelos caracteres físicos locais: relevo do solo, clima, hidrografia, pedologia, geologia, flora e fauna, e por um caráter físico mais complexo, por ser já relacional: a posição geográfica.⁶³ [tradução livre] (Gottmann, 1952. p. 70)

Enquanto o território se cunha inicialmente como um compartimento jurisdicional, Gottmann articula outras bases para a definição regional. Para o geógrafo, a região prevê essencialmente “(...) uma crença forte baseada em algum credo religioso, algum ponto de vista social ou algum padrão de memórias políticas e, frequentemente, uma combinação de todas as três.” [tradução livre] (Gottmann, 1951 p.163). Tendo em vista o conjunto de significações que levou Gottmann a cunhar tais conceitos dessa forma, percebe-se a valorização relacional da tradição regional “homem x meio” da geografia lablacheana, e o utilitarismo sistêmico próprio ao quantitativismo norte-americano.

Ainda, o geógrafo entende que aos interesses econômicos atingem a política interna e externa de maneiras diferentes e que: “Os interesses econômicos têm sido um grande motivo, talvez até superestimado nos assuntos internacionais, mas as emoções populares têm sido mais frequentemente despertadas por outros motivos.” [tradução livre] (Gottmann, 1951 p.163)

Nessa intersecção, aglutinando a perspectiva de Gottmann com a interpretação proposta pelo trabalho, fica evidente que, mesmo que o geógrafo considere a iconografia como fator principal, a circulação econômica nos níveis inter-regional e internacional são dependentes do tráfego, do comércio, do transporte e de todas as diferentes trocas existentes.

⁶³ (...) le territoire est un compartiment d'espace politiquement distinct de ceux qui l'entourent. Qu'il s'agisse d'un État souverain ou d'un pays dépendant, le territoire définit l'existence physique de cette entité juridique, administrative et politique. Cette existence physique se manifeste sur le plan géométrique par la superficie, puis sur d'autres plans par les caractères physiques locaux : relief du sol, climat, hydrographie, pédologie, géologie, flore et faune, et aussi par un caractère physique plus complexe, parce que déjà relationnel, la position géographique.

Gottmann não trabalha diretamente com o fator social no que tange a economia, e, quando adiciona às discussões os agentes físicos, políticos e econômicos, entende que esses devem ser considerados em diferentes escalas, mas não analisa como afetam a vida da população local. Ainda, Gottmann não atribui responsabilidade direta à economia capitalista, mesmo que entenda que: “A estrutura econômica e social desempenha, portanto, um papel mais importante na política externa na maioria dos Estados do que a disposição regional da população e dos recursos.” [tradução livre] (Gottmann, 1952. p.205)

Assim, historicamente, existe uma contribuição expressiva do geógrafo para o desenvolvimento do conhecimento necessário à ascensão dos Estados Unidos como grande potência mundial e detentor do modelo de produção capitalista potencializado em escala global, tal como discutem as teorias de Organski e Kugler (2011) e Arrighi e Silver (2001). Entretanto, seu pensamento gira em torno do papel da soberania e do Estado em meio ao avanço da circulação e a importância crescente dos fluxos para a manutenção do sistema global.

Do mesmo modo, o geógrafo compreende o momento histórico no qual estava inserido, quando discute, em meio aos anos 1950, os posicionamentos dos Estados e as disputas de poder para assegurar o status de potência. Para além disso:

Uma ordem estabelecida, no entanto, tem normalmente uma tendência a se defender, na medida em que é uma estrutura dentro da qual aqueles nos níveis superiores temem que a mudança possa levá-los a um nível diferente e menos agradável. Além disso, qualquer estrutura social e política possui alguns valores abstratos a preservar: aqueles sobre os quais foi fundada.⁶⁴ (Gottmann, 1952, p. 516)

Sua análise perpassa a prática da utilização da Geografia como ferramenta da máquina de Guerra norte-americana, porém, ao discutir os possíveis resultados da documentação produzida durante o conflito, realiza-os de maneira positiva.

De um modo geral, a guerra terá contribuído muito para o avanço da documentação geográfica no mundo. Quando todos os relatórios e todos os mapas, que ainda hoje estão cobertos pelo véu do segredo militar, forem, no fim das hostilidades, postos em domínio público, o nosso conhecimento do globo encontrar-se-á enriquecido em muitos aspetos. [tradução livre] (Gottmann, 1945. p.81)

⁶⁴ An established order, however, normally has a tendency to defend itself, insofar as it is a structure within which those at the upper levels are afraid change may bring them to a different, less enjoyable level. Moreover, any social and political structure has some abstract values to preserve: those on which it is founded. Few political regimes have ever remained based on sheer force. Force may have often been used at critical moments—and with variable success—but it was always in the name and for the sake of some principle, however hypocritical it may have seemed at times.

Essa afirmativa provém da maneira como os Estados Unidos produziu a Geografia enquanto participante ativa das *big sciences*. Gottmann (1952) atribui a “contribuição da escola geográfica americana” os fatores políticos à Isaiah Bowman e E. Huntington. Ainda de acordo com Gottmann, Bowman se especializou nas áreas de Geografia humana e política e se tornou um dos conselheiros mais ouvidos do governo norte-americano. Diferente de Huntington, mantinha o determinismo climático como parte da caracterização civilizatória, Bowman buscou analisar a organização interna de uma estrutura social. Estando enquadrado dentro do governo, Bowman não era apenas um acadêmico, ele se estabeleceu como um formulador de políticas, colaborando, inclusive, para a reestruturação europeia do pós-guerra (vide tópico 3.1).

Portanto, as projeções de Gottmann para o futuro do sistema internacional estavam alinhadas com a perspectiva de “trânsito”, como proposto. A soberania territorial e as modificações no fluxo de relações econômicas entre países são os pontos de tensão na manutenção da condição hegemônica, o que prevê a existência da partição espacial em Estados que participam ativamente da circulação, mantendo a iconografia como fator de resistência. Como visto, nem sempre as iconografias são naturais para a formação nacional, assim como nem sempre a circulação é igualmente benéfica para ambos. Entretanto, a Geografia juntamente das relações internacionais são, para ele, os campos responsáveis por analisar as tensões entre essas duas forças.

Se um território não tem circulação, ele se torna um compartimento sem função política e jurídica no desdobramento do mundo contemporâneo, pois:

O abandono da maioria dos sonhos de autossuficiência nacional ou regional e a expansão do comércio internacional de grande escala e longo alcance, regulado por acordos internacionais, podem ser reconhecidos no futuro como fatores de interdependência entre os territórios nacionais ainda mais potentes do que os ameaçadores avanços na tecnologia de guerra.⁶⁵ [tradução livre] (Gottmann, 1973. p.133)

Sendo assim, a “nova etapa da civilização humana” que Gottmann tratava como uma previsão, se estruturou como um sistema complexo de relações que reproduz a lógica a qual o próprio autor auxiliou na construção. O entendimento do que viria a ser o futuro

⁶⁵ The abandonment of most of the dreams of national or regional self-sufficiency and the expansion of large-scale and long-range international trade, regulated by international agreement, may be recognized in the future as even more potent factors of interdependence among national territories than the threatening advances in the technology of war. (Gottmann, 1973. p.133)

advém das bases teóricas que lhe foram apresentadas, do círculo de afinidades que lhe foi possível dentro do contexto no qual estava inserido, da necessidade do campo científico e das demandas da Guerra. Essas variáveis resultaram em propostas funcionalistas e estratégicas, sem grande apelo a questões sociais ou desigualdades, pelo contrário, enfatizando caráter liberal e meritocrático acerca do progresso individual.

Conclusões

O trabalho acerca da vida e da obra de Jean Gottmann é um esforço para observar diferentes contextos. Dentre tudo o que pode ser observado, o olhar científico é capaz de absorver apenas fragmentos da significância estabelecida pelo autor ao longo de sua caminhada terrena. Gottmann se apresentou em diferentes contextos, desde um refugiado de guerras a um conselheiro estatal em mais de um país e, portanto, há diferentes resultantes de cada uma dessas vertentes vividas por ele. Todos esses resultados, entretanto, conectam suas experiências individuais ao seu círculo de afinidades e aos acontecimentos históricos atinentes a cada fase, assim como a produção de conhecimento gerada por ele. A soma de fatores é ao mesmo tempo excepcional (porque corresponde à experiência individual) e geracional (pois só é possível analisá-lo com base em um momento histórico determinado).

O Fato de Gottmann ter produzido ciência na França e nos Estados Unidos da América entre as décadas de 1940 e 1970 fez com que ele integrasse movimentos geográficos em constante alteração. No início de sua carreira, a primazia da Geografia regional francesa fez parte de sua formação e o acompanhou até a formulação do conceito de território, e, ao chegar aos Estados Unidos, outras referências e outras necessidades infiltraram no referencial teórico-metodológico do autor. A mudança gradual das influências é bem marcada ao longo das décadas, e fica visível na estruturação do livro “The significance of Territory” (1973), pois, nos capítulos iniciais nos quais Gottmann constrói sua teoria a partir de uma reconstituição histórica dos papéis do território através das formações sociais, os autores franceses e ingleses demonstram maior participação. Em contrapartida, uma vez que o território passa pelos desdobramentos nos quais as fronteiras físicas são flexibilizadas devido ao avanço militar e tecnológico, gerando maior fluxo, os autores norte-americanos tomam a frente. É por isso que o conceito elaborado a partir da análise dos textos é o “território em trânsito”. O trânsito é relacional pois o próprio Gottmann é figura em movimentação (assim como coloca a “transumância atlântica” de Muscarà), ele utiliza referências francesas e norte-americanas e ainda descreve um processo de alteração conceitual na denominação territorial. Ou seja, o “território em trânsito” propõe-se a ser um modelo de análise multiescalar que, nesse caso, utiliza Gottmann como autor para investigação. Uma vez que o intelectual participa da situação dialética entre vida/obra e obra/história em uma interdependência pessoal, teórico-metodológica e histórica, é possível aplicá-lo em outros contextos.

As discussões acerca da modernidade, do papel do Estado, da soberania e da guerra foram essenciais para a afirmação do posicionamento de Gottmann enquanto intelectual na *big science* norte-americana. O surgimento e o avanço desse modelo de ciência geográfica dentro das humanidades é um ponto de observação que permite a Gottmann avançar em relação às suas próprias concepções acerca da realidade. Novamente, é possível visualizar um padrão crescente em suas projeções no que tange à “*tomorrow’s society*”. Direta ou indiretamente, Gottmann lança reflexões sobre a realidade e sobre a sociedade que iria vir a se organizar a partir daquele momento. Fica evidente que, como o geógrafo estava imbricado nos departamentos institucionais do governo estadunidense, suas previsões eram também indicativos dos caminhos político/geográficos da contemporaneidade. O autor, entretanto, não utiliza sua posição privilegiada para tratar sobre as injustiças sociais, as diferenças entre classes.

Em suma, classifica-se a posição de Gottmann da seguinte forma: institucionalmente ele foi um geógrafo da *big science* pelo viés do financiamento, da escala das pesquisas e pelo impacto político; metodologicamente, formou-se enquanto um planejador territorial, modernizador e analítico sobre fluxos e sistemas urbanos globais. Por fim, epistemologicamente Gottmann apresenta resistências ao positivismo lógico, com heranças como as de Siegfried e Demangeon preservadas e ainda um pragmatismo funcionalista aplicado à ciência política e humana.

Há muito o que investigar no que tange ao trabalho de Jean Gottmann e seu círculo de afinidades. De forma geral, o objetivo de analisá-lo através de seu conceito de território foi concluído, ainda que com recortes histórico/espaciais necessários a fim de garantir o andamento da pesquisa. Para além de Gottmann, o “território em trânsito” se configura como uma maneira de compreender geógrafos migrantes, que criaram redes e circularam o conhecimento pelo globo. Enfim, alguns questionamentos permanecem e, quem sabe, serão investigados posteriormente a esse trabalho.

Referências

- ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia: ciência da sociedade**. São Paulo: Atlas, 1987.
- ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. **Geografia e Geopolítica na Formação Nacional Brasileira**: Everardo Adolpho Backheuser. Rio Claro: IGCE-UNESP, 2000.
- ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly J. **Caos e governabilidade no moderno sistema mundial**. [S. l.]: Contraponto; Editora UFRJ, [2001].
- BARNES, Trevor J. American geography, social science and the Cold War. **Geography**, v. 100, n. 3, p. 126-132, 2015. <https://doi.org/10.1080/00167487.2015.12093967>
- BARNES, Trevor J. Geographical intelligence: American geographers and research and analysis in the Office of Strategic Services 1941-1945. **Journal of Historical Geography**, v. 32, n. 1, p. 149-168, 2006. <https://doi.org/10.1016/j.jhg.2005.06.001>
- BARNES, Trevor J.; FARISH, Matthew. Between regions: science, militarism, and American geography from World War to Cold War. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 96, n. 4, p. 807-826, 2006. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.2006.00516.x>
- BECKER, Bertha K. A geografia e o resgate da geopolítica. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 50 (especial), 1988.
- BERDOULAY, Vincent. **A escola francesa de Geografia**: uma abordagem conceitual. Tradução de Oswaldo Bueno Amorim Filho. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo, Sociedade**: para uma teoria geral da política. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- BOGGS, S. Whittemore. **International Boundaries**: a study of boundary functions and problems. Prefácio de Isaiah Bowman. New York: Columbia University Press, 1940.
- BRAY, Silvio Carlos. **A história do pensamento geográfico**: uma introdução. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 1994.
- BRITTANICA. **World War I and the struggle for independence**. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Ukraine/World-War-I-and-the-struggle-for-independence>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- BUZAN, Barry. Introduction: Strategic Studies and International Relations. In: BUZAN, Barry. **An Introduction to Strategic Studies**: military technology and International Relations. London: The Macmillan Press, 1987. p. 1-13. https://doi.org/10.1007/978-1-349-18796-6_1

BUZAN, Barry. The Global Spread of Military Technology. *In*: BUZAN, Barry. **An Introduction to Strategic Studies**: military technology and international relations. London: The Macmillan Press, 1987. p. 110-156. https://doi.org/10.1007/978-1-349-18796-6_3

BUZAN, Barry. The Revolution in Military Technology. *In*: BUZAN, Barry. **An Introduction to Strategic Studies**: military technology and International Relations. London: The Macmillan Press, 1987. p. 14-41. https://doi.org/10.1007/978-1-349-18796-6_2

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole. **Regions and Powers**: The Structure of International Security. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511491252>

CLAVAL, Paul. A geografia francesa. **Espaço Aberto**, v. 4, n. 1, p. 55-66, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5301672.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CLAVAL, Paul. The reception of American geography in France: enthusiasm, indifference, and critical perspectives. **GeoJournal**, v. 59, n. 1, p. 3-8, 2004. <https://doi.org/10.1023/B:GEJO.0000015432.26164.61>

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia política e Geopolítica**: discursos sobre o Território e o Poder. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2020.

DUTRA-GOMES, Rodrigo; VITTE, Antônio Carlos. A geografia americana no contexto das diferenciações de áreas de Richard Hartshorne. **Terra Brasilis**, [S. l.], n. 12, 2019. <https://doi.org/10.4000/terrabilis.5085>

EARLE, Edward M.; CRAIG, Gordon A.; GILBERT, Felix (org.). **Makers of Modern Strategy**: Military Thought from Machiavelli to Hitler. Princeton: Princeton University Press, 1943.

FABRÍCIO, Deyse Cristina Brito; VITTE, Antonio Carlos. Paul Vidal de la Blache e a geografia francesa: do contexto histórico às monografias urbanas. **Cordis: História, Arte e Cidades**, n. 6, p. 301-332, jan./jun. 2011.

FERREIRA, Matheus de Oliveira. **Os Grupos de Pesquisa em Geografia Física do estado de Minas Gerais**: Temas, institucionalização e a formação de Redes de Colaboração Científica. 2024. 254 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5024>.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

GOTTMANN, Jean. Bugeaud, Gallieni Lyautey: the development of French colonial warfare. In: EARLE, Edward Mead (ed.). **Makers of modern strategy**: military thought from Machiavelli to Hitler. Princeton: Princeton University Press, 1943. p. 234-259.

GOTTMANN, Jean. De l'organisation de l'espace: considérations de géographie et d'économie. **Revue Économique**, Paris, v. 1, n. 1, p. 60-71, 1950. <https://doi.org/10.3406/reco.1950.406734>

GOTTMANN, Jean. Geography and international relations. **World Politics**, v. 3, n. 2, p. 153-173, jan. 1951. <https://doi.org/10.2307/2008950>

GOTTMANN, Jean. Geography and the United Nations. **Scottish Geographical Magazine**, v. 66, n. 3/4, p. 129-134, dez. 1950. <https://doi.org/10.1080/00369225008735454>

GOTTMANN, Jean. La géographie aux États-Unis pendant la guerre. **Bulletin de l'Association de géographes français**, n. 171-172, p. 76-83, jun.-jul. 1945. DOI: 10.3406/bagf.1945.7192. <https://doi.org/10.3406/bagf.1945.7192>

GOTTMANN, Jean. **La politique des États et leur géographie**. Paris: Librairie Armand Colin, 1952.

GOTTMANN, Jean. La politique et le concret. **Politique Étrangère**, v. 28, n. 4-5, p. 273-302, 1963.

GOTTMANN, Jean. Les Etats-Unis et le monde méditerranéen. **Politique Étrangère**, Paris, v. 10, n. 1, p. 19-32, 1945. <https://doi.org/10.3406/polit.1945.5545>

GOTTMANN, Jean. **Megalopolis**: The Urbanized Northeastern Seaboard of the United States. New York: The Twentieth Century Fund, 1961.

GOTTMANN, Jean. Space, Freedom, and Stability. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 76, n. 4, p. 574-577, dez. 1986. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1986.tb00138.x>

GOTTMANN, Jean. The background of geopolitics. **Military Affairs**, v. 6, n. 4, p. 197-206, 1942. <https://doi.org/10.2307/1982381>

GOTTMANN, Jean. The political partitioning of our world: an attempt at analysis. **World Politics**, v. 4, n. 4, p. 512-519, jul. 1952. <https://doi.org/10.2307/2008963>

GOTTMANN, Jean. **The Significance of Territory**. Charlottesville: The University Press of Virginia, 1973.

GRAÇA, Plínio A. A área dos estudos estratégicos. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 39-57, jul./dez. 2013. <https://doi.org/10.7213/rev.dir.econ.socioambienta.04.002.AO03>

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho; coedição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 3.

Kugler, J.; Organski, A. F. K. The Power Transition: a retrospective and prospective evaluation. In: KUGELER, J.; ORGANSKI, A. F. K. (org). **Handbook of War Studies**. 2011. p. 171-194. Disponível em: <https://www.acsu.buffalo.edu/~fczagare/PSC%20346/Kugler%20and%20Organski.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

LACOBELLI, T. **The Rockefeller Foundation's Refugee Scholar Program**. [S. l.]: Rockarch, 2021. Disponível em: <https://resource.rockarch.org/story/the-rockefeller-foundations-refugee-scholar-program-world-war-ii-nazi-europe/#:~:text=European%20Scholars%20began,-.Emergency%20Program%20for%20European%20Scholars,danger%20because%20of%20Nazi%20policies>. Acesso em: 20 ago. 2023.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução de Maria Cecília França. 19. ed. Campinas: Papirus, 1988.

LIVINGSTONE, David N. **The Geographical Tradition**: episodes in the history of a contested enterprise. Oxford: Blackwell Publishers, 1992.

SMITH, Neil. **American Empire**: Roosevelt's geographer and the prelude to globalization. Berkeley: University of California Press, 2003. <https://doi.org/10.1525/california/9780520230279.001.0001>

MARTINS, José Ricardo. Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo: uma teoria ainda atual? **Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales**, [S. l.], v. V, p. 95-108, 2015.

MACHADO, Lia Osório. **A fronteira e o espaço nacional**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

MORAES, António Carlos Robert. **Ideologias geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Annablume, 2005.

MONT-DAUPHIN. Sébastien Le Prestre de Vauban, Maréchal de France. [S. l.: s. n.]. Disponível em: <https://www.montdauphin-vauban.fr/fr/patrimoine/sebastien-le-prestre-de-vauban-marechal-de-france>. Acesso em: 28 dez. 2025.

MUSCARÀ, Luca. Jean Gottmann's Atlantic "Transhumance" and the development of his spatial theory. **Finisterra**, v. 33, n. 65, p. 159-172, 1998. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/28181234_Jean_Gottmanns_Atlantic_Transhumance_and_the_development_of_his_spatial_theory. Acesso em: 25 jul. 2023. <https://doi.org/10.18055/Finis1734>

MUSCARÀ, Luca. The complete bibliography of Jean Gottmann. **Cybergeog: European Journal of Geography**, [S. l.], 1998. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cybergeog/39580>. Acesso em: 10 maio 2023. <https://doi.org/10.4000/cybergeog.39580>

MUSCARÀ, Luca. Territory as a Psychosomatic Device: Gottmann's Kinetic Political Geography. In: **Political Geography**. Oxford: Elsevier, 2005. p. 273-289. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/248945492_Territory_as_a_Psychosomatic_Device_Gottmann's_Kinetic_Political_Geography. Acesso em: 15 jul. 2023.

ORGANSKI, A. F. K. **World Politics**. Calcutá: Scientific Book Agency, 1964.

RAFFESTIN, Claude. O poder. In: RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. p. 51-66.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de geografia e história das instituições**. São Paulo: Editora da USP, 2011.

SCHAEFER, Fred K. Exceptionalism in Geography: a methodological examination. **Annals of the Association of American Geographers**, [s. l.], v. 43, n. 3, p. 226-249, 1953. <https://doi.org/10.1080/00045605309352114>

SILVA, Antenor Alves (org.). **Introdução do pensamento de Jean Gottmann**. Curitiba: CRV, 2017.

VITTE, Antônio Carlos; FABRICIO, Deyse Cristina. Paul Vidal De La Blache e o método regional: da visão de mundo positivista às monografias urbanas. In: SEMANA DE GEOGRAFIA DA UNICAMP, 7., 2011, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: Unicamp, 2011.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O sistema mundial moderno: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1991.

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.